

An impressionistic painting in the background. It depicts a man wearing a hat and a light-colored shirt, riding a dark horse. He is holding a long, thin stick or whip. In front of the horse, two oxen are harnessed together, pulling the carriage. The scene is set outdoors with a green field and a light sky. The style is loose and painterly, with visible brushstrokes and a muted color palette.

RANULFO PRATA

A Longa Estrada

contos



EDISE

Enfim
1988

A Longa
Estrada
contos



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Fábio Cruz Mitidieri

Vice-Governador

José Macedo Sobral

Secretário Especial de Governo

Cristiano Barreto Guimarães



IOSE - IMPRENSA OFICIAL DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Francisco Gualberto da Rocha

Diretor Administrativo-financeiro

Antônio Roberto Rocha Messias

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE

EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

RANULFO PRATA

A Longa Estrada contos

1925

(edição revisada e atualizada, com notas explicativas de rodapé)

Beatriz Góis Dantas
Claudefranklin Monteiro Santos e
Paulo Andrade Prata
(Organizadores)

Academia Lagartense de Letras
10anos



EDISE

Aracaju
2023

Capa

Clara Macedo

Imagem da capa

Tela “carro de bois” (1986), do artista plástico lagartense, José Evilázio Vieira (Chiaro, 1947-2022).

Imagem de Ranulfo Prata (aba) tratada por Luís Jorge Pinheiro de Araújo.

Diagramação

Clara Macedo

Atualização ortográfica e notas

Anselmo Vital de Oliveira · Assuero Cardoso Barbosa · Beatriz Góis Dantas · César de Oliveira Santos · Claudefranklin Monteiro Santos · Josefa Suely Rodrigues Prata · Paulo Andrade Prata · Paulo Sérgio Oliveira Nunes · Rodrigo Freire de Amorim · Rusel Marcos Batista Barroso

Revisão final

Taysa Mércia Santos Souza Damaceno

Edição e apresentação

Claudefranklin Monteiro Santos

Pré-Impressão

Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prata, Ranulfo

A longa estrada [livro eletrônico] : contos /
Ranulfo Prata ; organizadores Beatriz Góis Dantas,
Claudefranklin Monteiro Santos, Paulo Andrade Prata.
-- 1. ed. -- Aracaju, SE : IOSE Imprensa Oficial de
Sergipe, 2023.

PDF

ISBN 978-65-5495-002-2

1. Romance; ficção e contos brasileiros 2. Contos
brasileiros I. Dantas, Beatriz Góis. II. Santos,
Claudefranklin Monteiro. III. Prata, Paulo Andrade.
IV. Título.

23-153162

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro · CEP 49010-020 · Aracaju-SE
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@iose.se.gov.br

ÍNDICE

Prefácio.....	7
<i>Henrique Moraes Prata</i>	
Apresentação	9
<i>Claudefranklin Monteiro Santos</i>	
Razão de Ser..	15
O Tio Neca	49
O Moço Esculápio.....	61
O Crime do Coronel.....	67
O Roubo	77
O Marçano	87
A Casa do Diabo	93
O Tropeiro	103
Obstinação	111
O Homem das Cabeças de Pito	119
Mercedes Bogary.....	129
Rejuvenescimento.....	141
Chico Lino.....	149
A Morte do Coveiro.....	157

PREFÁCIO

Os contos de Ranulpho Prata em *A Longa Estrada* são a vida teimando em viver nas suas mais variadas formas, como na estória de *Obstinação*. Somos todos nós e todos que conhecemos nos desafios de nossa existência cotidiana.

Em 1925, a pandemia de gripe espanhola havia acabado de passar pelo mundo, pelo Brasil e por Sergipe. Em 2023, em plena Quarta Revolução Industrial, ainda estamos vivendo uma sindemia cujas consequências ainda não conhecemos, mas que em tudo nos transformou.

Harari em sua obra de julho de 2020¹ bem disse: “O maior risco que enfrentamos não é o vírus, mas os demônios interiores da humanidade: o ódio, a ganância e a ignorância.” Ranulpho Prata sempre tratou do ser humano em sua complexidade e sempre propôs reações de compaixão, generosidade e sabedoria, como o autor de *Homo Deus*.

A Longa Estrada está composta por contos de quem viveu a experiência humana em máximo contato com o Outro, à luz do olhar do Outro, naquilo que Emmanuel Lévinas anos mais tarde chama em sua fenomenologia de Cuidar, de heteronomia como fonte viva de moralidade.

1 HARARI, Yuval Noah. Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus. Tradução Odorico Leal. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 8-9.

Em primorosa edição, a Academia Lagartense de Letras traz ao público uma das obras essenciais de meu bisavô, a quem devo o amor às palavras e ao ofício de escritor. Que a leitura a todos inspire a um futuro mais humano e fraterno.

Henrique Moraes Prata

Pós-Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

Claudefranklin Monteiro Santos

Em 2017, em sessão ordinária do dia 30 de setembro, por iniciativa da professora Beatriz Góis Dantas, a Academia Lagartense de Letras abraçou a ideia de fazer uma edição comemorativa do centenário de publicação do romance *O TRIUNFO* (1918), de Ranulfo Prata (1896-1942). O propósito alcançou êxito e envolveu alguns de nossos confrades e congreiras, todos empenhados em ler o original, atualizar a ortografia sem perder seu sentido nato e enriquecê-la com notas de rodapé, de cunho semântico ou mesmo de tradução e de contextualização histórica.

Além de seus organizadores, também se envolveram naquela empreitada promissora e edificante os confrades: Anselmo Vital de Oliveira, Assuero Cardoso Barbosa, César de Oliveira Santos, Josefa Suely Rodrigues Prata, Paulo Andrade Prata, Paulo Sérgio Oliveira Nunes, Rodrigo Freire de Amorim, Rusel Marcos Batista Barroso e Taysa Mércia Santos Souza Damaceno. Coube também à professora Beatriz a apresentação.

Estas mesmas pessoas tornaram a visitar a obra de Ranulfo Prata e trouxeram a lume mais um de seus valiosos trabalhos na seara da Literatura Brasileira. Seguindo método semelhante, procuraram dar uma versão atualizada do livro de contos *A LONGA ESTRADA* (1925). Desta feita, em

memória dos oitenta anos de falecimento do genial cronista e contista das terras do Lagarto e da Piedade.

A LONGA ESTRADA, com 238 páginas, capa dura de papel e couro, foi publicada em 1925 pela Edição do Anuário do Brasil (Almanak Laemmert), livraria e tipografia do Rio de Janeiro, cujos serviços deram início em 1844. Era a terceira obra da carreira literária de Ranulfo Prata. Além de O TRIUNFO, em 1922 ele havia lançado o romance DENTRO DA VIDA. A LONGA ESTRADA foi a sua estreia na categoria contos.

Antes das considerações de fundo, cabe aqui um esclarecimento quanto às normas técnicas de redação da época de publicação do livro. Diferentemente de O TRIUNFO, A LONGA ESTRADA surgiu na esteira da discussão em torno da afirmação nacional brasileira da Língua Portuguesa. Era uma reação à reforma Lusitana de anos anteriores. Nesse sentido, vale destacar a atuação de intelectuais sergipanos, a exemplo de João Ribeiro e Laudelino Freire.

Uma das primeiras e poucas críticas a respeito de LONGA ESTRADA é de autoria de Tristão de Ataíde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima (1893-1983), que atribui à obra um viés regionalista. Era o ano da publicação do conjunto de contos de Prata. No ano seguinte, Osório Lopes diria que se trata de um estudo realista da vida nacional. Para ele: “Ranulfo Prata pode ser considerado o mais puro dos realistas” (Apud. CARVALHO NETO, 1972, p. 173).

A imprensa deu ampla cobertura ao lançamento de A LONGA ESTRADA. O jornal O Globo, em 7 de agosto de 1925, dedicou a seguinte nota a respeito do seu novo livro: “Narrativas, simples fatos, de simples fatos da vida corrente, das gentes simples” (Apud. CARVALHO NETO, 1972, p. 181). O periódico A Cidade, de Ribeirão Preto-SP expressou que: “Não sabemos de livro de contos, nestes últimos

anos, no Brasil, que tenha alcançado tão elevado nível de intelectualidade” (Apud. CARVALHO NETO, 1972, p. 181). O Correio da Manhã, do Rio de Janeiro destacou que: “O seu gênero se aproxima muito daquele que fez a fortuna literária de Afonso Arinos e alguns de seus contos de A Longa Estrada poderiam ser assinados pelo saudoso escritor mineiro-paulista” (Apud. CARVALHO NETO, 1972, p. 181).

No dia 25 de setembro de 1925, Agrippino Grieco se rendeu à genialidade do intelectual sergipano, publicando no Gazeta de Notícias uma resenha primorosa sobre a repercussão de A LONGA ESTRADA:

Este prosista merece ter leitores, isto porque não pratica o pior dos gêneros, o gênero tedioso. Sua prosa é límpida, fácil, escorreita, sem expressões anfractuosas² e sem metáforas rebarbativas³. A quando e quando, um pouco de sal e pimenta. E também, não raro, provas de uma fina sensibilidade, ligeiros laivos de romanticismo, de envolta e atraentes imagens plásticas. Há nesse amador de almas sertanejas, um observador otimista, um temperamento sadio e até jovial, mas há também um poeta comprimido, algumas vezes, pelo ironista. (...) O sr. Prata dá-nos aqui o melhor talvez dos seus volumes, seja porque se percebe nele a coluna vertebral de uma ideia diretora, seja porque nele o trato com a prosa já revela certos efeitos verbais de estilista desempenado⁴ (Apud. CARVALHO NETO, 1972, p. 182).

Ainda sobre as impressões de A LONGA ESTRADA à época de sua publicação, Paulo de Carvalho Neto registrou as seguintes passagens:

2 Sinuosas e disformes.

3 Que causa estranheza.

4 Elegante.

Trata-se, pois, de quem já vem com o nome recomendado por tão seguras credenciais e hoje se apresenta com direitos firmados na literatura nacional. E com razão assim é, revelando-se o escritor na posse de qualidades artísticas, que desde muito rareiam no Brasil (NEMO, Cidade da Praia, 23 de agosto de 1925, São Paulo).

Ranulfo Prata é um verdadeiro criador de tipos, sabendo vivê-los e movimentá-los dentro da mais perfeita lógica (Diário do Estado, Recife-PE).

O seu livro *A Longa Estrada* é um dos melhores que se tem publicado. Foge ao brilho excessivo de Alberto Rangel, ao brilhantismo sem sempre acertado, ao seu preciosismo vocabular, por muitas vezes audacioso, com aquele pedantismo literário de todas as suas fantasias. Ranulfo Prata conta, narra, vigorosamente, mas sereno dando a impressão de uma enchente que vem vindo, que vem se aproximando, larga, maciça, apoderando-se de tudo, irresistível, até o domínio completo, no desfecho final (Silveira Bueno, Folha da Noite, 8 de agosto de 1925).

Ranulfo Prata tem esplêndidas qualidades de escritor: maneja admiravelmente a língua... (Época, Aracaju, 1925).

Cleverton Barros de Lima encaixa Ranulfo Prata num tipo de literatura que era recorrente entre os anos 20 e 30, de “(...) denúncia social da precariedade e da marginalização dos pobres” (2013, p. 1027) objeto de seus escritos, a exemplo de *A LONGA ESTRADA* e tantos outros.

Não é à toa que Ranulfo Prata está entre os maiores escritores da literatura brasileira, destacadamente nessa categoria de contos. As páginas que seguem refletem todas as assertivas aqui referenciadas. Em 14 contos, o autor dá conta de demonstrar toda a sua destreza com as palavras,

mas também com a capacidade ver, analisar e expressar a vida nas suas maiores sutilezas.

A LONGA ESTRADA ainda tem muito a dizer. Situada num momento específico da história brasileira, a obra é atemporal, um convite para refletir sobre a realidade no que ela tem de mais humana, natural, mas também criativa e capaz de se desdobrar a toda sorte de suscetibilidades da existência.

Sem mais delongas, deixo-os à vontade para sorver cada palavra e cada conto, sob os cuidados daquele que foi o melhor dos ourives da língua portuguesa, o tradutor de almas, o embaixador da identidade nacional em suas mais variadas expressões e riquezas, o médico que fez da pena o seu melhor bisturi: o confrade e conterrâneo Ranulfo Prata.

Referências

Carvalho Neto, Paulo de. (1972). Um lugar para Ranulfo Prata (Contribuição bibliográfica). *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (12), 171-190. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i12p171-190>.

LIMA, Cleverton de Barros. Literatura e sofrimento: um olhar médico sobre a 'vida'. *História, Ciências, Saúde – Manquinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.3, jul.-set. 2013, p.1025-1040.

RAZÃO DE SER...⁵

Aos Drs José de Mendonça e Oscar Clark.

Não havia, em toda aquela região, homem mais atrasado e indolente do que o Baltazar, vaqueiro da fazenda Limoeiro, pertencente ao major Pedro Paulino, de Conquista.⁶

Vivia sozinho, encafuado⁷ no cochicholo⁸ de pau a pique, por cujos claros das paredes pegões de vento e fios de chuva entravam, açoitantes, pelas noites más, abalando a cumeeira...

O mato chegava até a beirinha da porta, e, se não entrava, não era porque temesse a foice ceifadora, mas porque não a achava aberta. O curral ali estava ao lado, em desmantelo, as estacas apodrecidas pelo tempo e o chão atapetado de grama, sinal de que, havia muito, não prendia uma só rês.⁹ O tanque, onde o gado se abeberava durante os longos verões, que transformavam as caatingas numa fornalha incandescente e estralejante,¹⁰ lá se achava na baixada, com

5 Editado pela acadêmica Beatriz Góis Dantas.

6 Município da Bahia que, a partir de 1943, passou a chamar-se Vitória da Conquista.

7 Escondidinho, oculto.

8 Casa muito pequena.

9 Qualquer animal quadrúpede que se abate para alimentação. No Nordeste, é muito usado para referir-se a uma unidade de animal bovino.

10 Que produz estalos.

dois palmos de água barrenta e limosa a cobrirem uma superfície de lama escura e putrefeita.¹¹ Não se lorigava, naquelas paragens, o menor indício de vida e de trabalho. Aquilo parecia coisa sem dono.

Entretanto, o Limoeiro fora em outros tempos, pelo número de cabeças que criava, a melhor fazenda do major. Nela viveu, labutando durante vinte e três anos, o Catarino, pai de Baltazar. Quando lhe nasceu o filho varão, Catarino, que até ali só tivera filhas, sentiu uma alegria doida. E deu de pensar: agora, sim, tenho quem me ajude na lida... Quando o meu Baltazar completar os quinze anos hei de vestir-lhe um terno de couro de veado¹² bem macio e bem feito, e levá-lo-ei comigo para o campo. No princípio só lhe consentirei vaquejar nos descampados, nos “limpos”, tanger gado manso, laçar bezerros, etc... Depois, então, já afeito à vida, hei de vê-lo firme na sela, ereto e espigado, varando como uma bala o intrincado da caatinga para ir, adiante, numa nuvem de pó, torcer a cauda da rês e derrubá-la num repelão de mestre. Aquele filho Deus lhe dera para amparo e orgulho da sua velhice.

Baltazar, porém, dos doze anos em diante, foi claramente mostrando que as vaquejadas não lhe agradavam. Nem elas nem trabalho de espécie nenhuma. O pai, ao vê-lo fugir com o corpo à labuta, sentiu, mortificado, que no peito lhe morriam, uma a uma, todas as esperanças, as melhores de sua vida, alimentadas durante tantos anos. E disse o velho de si para si, de olhos úmidos:

— Qual, é sorte! Tenho que trabalhar sozinho... Deus me desamparou... e o pior de tudo é que já não aguento a peleja...

11 Variação de putrefato, podre.

12 Terno de couro de veado é uma roupa típica do vaqueiro nordestino.

E de fato, Catarino, avelhentado¹³ pelos anos e pela luta feroz, não era mais o mesmo homem: o corpo estava sempre a pedir repouso, e encurralar novilhos¹⁴ ariscos já não podia.

Data daí o início da ruína da fazenda.

Enquanto teve vida, o velho resistiu, foi dando conta da obrigação, mal, mas foi dando. O major Paulino viu bem o estado das coisas, mas como não tinha coração de enxotar o antigo servidor, limitou-se a reduzir o número de rezes e a aconselhar Baltazar, que continuava a desfrutar uma vida de ócio oprobioso,¹⁵ de viola no peito, indiferente ao viver agoniado do pai.

Depois que Catarino fechou os olhos, o major tentou salvar-lhe o filho, entregando-lhe a fazenda. Com a responsabilidade assumida e o santo encargo de zelar pela mãe e irmãs, creu o major que o rapaz desse de¹⁶ trabalhar. Mas enganou-se. A morte do velho Catarino não operou no ânimo do filho a menor modificação. Não lhe chegou o vislumbre de estímulo. Todo o santo dia Baltazar ficava acantado¹⁷ em casa, estatelado¹⁸ na rede, a pitar, ponteando a viola em surdina e cantarolando baixinho. Cinco meses depois de ter tomado conta da fazenda, nunca encilhara¹⁹ o cavalo para dar uma batida pelos campos.

O patrão, não lhe adiantando dinheiro, entrou-lhe em casa a penúria. A mãe com as irmãs foram para a casa dos parentes, em Conquista, à procura do pão que não entrava

13 Velho, desgastado pelo tempo.

14 Boi novo.

15 Vergonhoso, indigno.

16 Dar de: expressão que significa adquirir capacidade de.

17 Isolado.

18 Deitado, imóvel.

19 Apertar com tira de couro a sela do animal para montar.

no rancho do filho, que um mau destino desgraçara. Quando viu as trouxas arrumadas para a mudança, Baltazar não lhe disse nem que fosse nem que ficasse. Quedou-se, indiferente, na postura apática de sempre. Quando sentia fome metia-se no mato a caçar. E se matava caça graúda, caititu,²⁰ ou veado, não arredava pé enquanto havia postas de carne estendidas na corda do terreiro. A pele do bicho vendia nas feiras de Conquista, comprando com o dinheiro chumbo, pólvora, espoletas e litros de farinha. De nada mais precisava, nem lhe vinha palpite de querer mais alguma coisa.

A gente de Conquista tinha-o por um grande preguiçoso, por um sujeito que criara raízes fundas na malandrice.²¹ Daí lhe votarem antipatia muitos homens sérios e trabalhadores, lastimando-lhe a má sorte. Era um perdido, o rapaz! Não ajudou o pai a curar uma bicheira²² e a deixar que a mãe e as irmãs andassem lambendo molho²³ de parentes! Isto era lá de homem?!

Oito meses decorridos, convenceu-se, afinal, o major, que o filho de Catarino não dava para coisa alguma, e tendo visto com os próprios olhos o abandono em que jazia a fazenda, despediu-o.

Baltazar recebeu a notícia com uma impassibilidade²⁴ que chocou o portador, o novo vaqueiro. Arriou para um lado a viola que estava a encordoar, acendeu um cigarro e perguntou entre dois bocejos:

— Ó Zé Grande, você muda-se hoje mesmo?

20 Espécie de porco do mato.

21 Malandragem.

22 Curar ferida onde se criam bichos ou em que as moscas põem larvas.

23 Lamber molho: expressão que significa bajular.

24 Apatia, frieza.

— Não, só daqui a três dias, tenho ainda de voltar a Conquista e arranjar umas coisas.

— Está bom; então daqui a três dias eu lhe entregarei a casa.

— Estamos certos, “seu” Baltazar.

Trocado este curto diálogo, Baltazar pegou de novo na viola e continuou a tarefa interrompida, retesando²⁵ as cordas com torções das craveiras perras.²⁶

Findo o combinado prazo, Zé Grande bateu-lhe à porta, acompanhado da família, da cachorrada e dos trastes caseiros trepados no espinhaço de uma besta ossuda. Baltazar, aparecendo pelos fundos, de espingarda ao ombro e mochila a tiracolo, gritou-lhe:

— Pode entrar, ó Zé, pode entrar, a porta está sem tranca.

— Já se mudou, “seu” Baltazar?

— Já, está tudo aqui, — e bateu na mochila, que estava realmente bojudá.

II

Despedido do Limoeiro, Baltazar, continuando no mesmo jeito de vida, passou a morar em Conquista. O bocado que comia era aquele que a mãe e as irmãs poupavam do pouco que recebiam das mãos, nem sempre pródigas, dos parentes. Se não estava na rede, com os dedos na viola, andava pelos matos, e nem sempre caçando. Mais de uma vez fora visto ressonando a bom ressonar, nos meios-dias quentes, sob a copa protetora dos umbuzeiros frondosos. À noite, então, frequentava as tabernas da vila, descantan-

25 Esticando.

26 Entravadas, difíceis de mover.

do²⁷ trovas e modinhas langorosas, a molhar a garganta no “reino” saboroso, que nada lhe custava. Quando pegava a viola e a comprimia ao peito franzino, arrancando-lhe repeniques²⁸ sensuais e enervantes, fazia-se em torno dele uma grande roda de curiosos, que o aplaudiam com entusiasmo. As trovas, sobretudo, picantes e sonoras, arrancavam dos ouvintes gargalhadas estrepitosas. O diacho do homem até improvisava!

Ouvindo-o um dia, disse o major, irritado e triste:

— Pra má coisa deste, rapaz! Pobre Catarino! Se agora surgisses da cova e visses a lástima em que teu filho anda, havias de nela cair, de novo.

Mas se o major não admirava o talento de Baltazar, ele nada perdia, ali estavam todos os rapazes e raparigas de Conquista para o louvar e aplaudir. Nas noites enluaradas, então, quando a lua muito baixa e muito clara parecia beijar a face da vila adormecida, a voz de Baltazar enternecia todos os corações. Muitas janelas se abriam, furtivamente, à sua passagem, e muitas criaturinhas, despertadas pelo metal de sua voz, descerravam as pálpebras nas trevas do quarto, languesciam²⁹ a um pensamento amoroso recordado pela modinha sentimental, e ficavam meio dormindo e meio acordadas, numa vaga delícia, a ouvi-lo, até que o sono as vencia, ou a voz se perdia, ao longe, entrando em outras ruas. Um, porém, se enternecia mais do que todos os outros, a ouvir a límpida sonoridade da voz do cantador. Era o de Rosália Trindade, a filha de Ponciano Trindade, o dono do mais frequentado botequim de Conquista.

27 Cantando ao som de instrumentos musicais.

28 Sons muito agudos.

29 Diminuir atividade.

Para sua casa, Ponciano arrastava o Baltazar quase todas as noites, que, por sua vez, levava consigo um grande número de fregueses. E não era outro o intento do botiquineiro.³⁰

Fora ali, pois, encostada a um canto do balcão, sumida entre garrafas e latas de banha, que Rosália se acostumara a ouvir e admirar o violeiro. Ao dar tento de si³¹ amava-o apaixonadamente, com ardor. Era também amada, tinha a certeza. E que outra coisa queria significar aquele doce olhar, que ele lhe deitava quando dizia certas quadras? E para quem havia de ser, senão para ela, todas aquelas modinhas cantadas debaixo do tamarineiro, no oitão de sua casa?

Baltazar amava-a, na verdade. Começara gostando dela à toa, sem que nem pra que,³² só por divertimento. Mas, com o tempo, a coisa foi virando séria e criando raízes, que lhe ganharam o fundo d'alma. Se lhes arrancassem agora, sairia com elas também, gotejando sangue, o coração. Morreria...

Ponciano, logo que bispou³³ o namoro, fechou a cara e desceu o sobr'olho³⁴ pestanudo. Aguardava oportunidade para liquidar o caso, que lhe pareceu muito grave. E essa não tardou a chegar. Uma tarde, quase ao escurecer, surpreende-os a conversarem debaixo do tamarineiro. Teve ganas de moer a socos e pontapés o mirrado corpo do Baltazar, mas, sopitando a fúria, limitou-se a dizer, zombeteiro:

— Então, é pra casar?

Baltazar afastou-se respeitoso e respondeu com um timbre seguro de voz:

30 Proprietário de botequim.

31 Ao dar tento de si: quando percebeu.

32 Sem que nem para que: sem motivo.

33 Percebeu, descobriu.

34 Sobrolho: sobranceira, sobreceño.

— Pra outra coisa não há de ser, “seu” Ponciano, eu já lhe ia falar...

Ponciano, desfechando-lhe na cara uma gargalhada escarnecedora, tornou:

— E você está pensando que eu criei filha foi pra casar com malandro? Vá saindo, Baltazar, vá saindo, senão paga caro o desaforo...

Baltazar ficou pasmado, de beiços alvacentos a tremerem, o olhar flamejante de ira e de espanto. Não pôde articular uma só palavra. A surpresa entalara-o.

Ganhou caminho de casa, com aquele desaforo atravessado na garganta. Desaforo por quê? E não era que o canalha do Ponciano achava desaforo ele querer casar com a filha!? Por esta não esperava! Ora, quem havia de dizer? Ponciano tão seu amigo! Vadio ele era na verdade, mas, afinal, que valiam no rol das coisas Ponciano e a filha? Como era o mundo!

Chegou em casa com um negro rancor alapado³⁵ na alma contra o taberneiro. Fechou-se no quarto, meteu-se na rede e acendeu um cigarro, que lhe enchia a boca de um amargo de fel. Pensamentos mais serenos lhe vieram vindo a pouco e pouco. Chegou um instante em que achou que Ponciano tinha razão.

Se ele cassasse com Rosália como havia de viver, se não ganhava nem para cigarros? E o pior de tudo era que não sabia trabalhar em coisa nenhuma. Era um inútil. Aos vinte e oito anos de idade nunca soubera o preço de um naco de carne nem de um metro de bulgariana!³⁶ Envergonhou-se, pela primeira vez, de ser um desocupado. Viu, pesaroso e

35 Escondido.

36 Tecido ordinário comumente de xadrez.

magoado, de que nada valia. Invadiu-lhe um sentimento de pundonor³⁷ e brio jamais experimentado.

Dois dias depois, topou, às escondidas, com Rosália que estava desolhada³⁸ e triste. Contou-lhe a amada que o pai a surrara, e dela obtivera a promessa de acabar tudo por uma vez. Ao ouvir semelhantes palavras, Baltazar desceu para o chão os olhos marejados e sentiu o coração seteado.³⁹ Rosália foi quem quebrou o silêncio aflitivo.

— Se você quisesse havia de me tirar daqui... está nas suas mãos.

Baltazar fitou-a, admirado, e perguntou alegremente:

— Quer mesmo?

Rosália, notando não ter sido compreendida, explicou:

— Por mal não, eu queria por bem...

— Por bem, como?

— Trabalhando, ganhando do seu. Eu juro que assim meu pai deixaria.

— Ah! Sim, trabalhando... mas em quê?

— Ora, quando se quer é o que não falta. Não é por mim, você sabe que lhe quero de qualquer jeito, mas é por causa de meu pai.

E como se fosse a primeira vez que ele ouvisse falar naquelas coisas, concordou, pensativo:

— Tem razão, Rosália.

Não foi adiante o diálogo. Despediram-se.

37 Excesso de rigor e pudor.

38 Com grandes olheiras.

39 Ferido com setas.

Ao sair, porém, de ao pé⁴⁰ da filha do taberneiro, Baltazar era outro homem. Estava firmemente decidido a vencer o estorvo que o separava dela. Jurava que venceria. Havia de ver como se ganharia dinheiro. E por que não? Ele era tão capaz como os outros homens. Se nunca trabalhou foi porque achava inútil e desnecessário o trabalho. Agora, porém, o caso mudara de figura. Iria lutar. Desejava ardentemente ter dinheiro, muito dinheiro para atirá-lo às ventas⁴¹ do Ponciano e dizer-lhe:

— Toma, ganancioso do inferno, fica com ele e dá-me a tua filha!

III

Fazia dias que a chegada de Francelino Guedes, vindo do Sul, constituía a grande novidade da vila. A história de sua riqueza era o assunto obrigatório de todas as rodas. Não se falava em outra coisa.

Francelino era natural de Conquista e emigrara, havia doze anos, sem vintém⁴², pobre de meter dó.⁴³ Em S. Paulo, no município de Rio Preto,⁴⁴ fez fortuna, comprou fazenda de café e viera agora rever a terra, matar as saudades e visitar os parentes.

Uma tarde o viu Baltazar numa casa de comércio, arrodado⁴⁵ de conhecidos e amigos, a conversar. Foi-se chegando,

40 Variação de ao pé: perto de.

41 Atirar às ventas: responder ao desaforo recebido mostrando ser capaz.

42 Moeda portuguesa equivalente a 20 réis. Moeda de pouco valor.

43 Meter dó: causar compaixão.

44 Atual São José do Rio Preto, município de São Paulo, denominado de Rio Preto entre 1906 e 1944.

45 Rodeado, cercado.

incorporou-se ao grupo e deu ouvidos à palestra. Francelino narrava como era a vida no Sul, na terra do café, do dinheiro e da fartura. E ninguém podia fazer melhor o elogio da terra paulista do que aquele baiano, que de “pé rapado”⁴⁶ chegara a fazendeiro. E contava, exaltado, o emigrado feliz:

— Aquilo é que é terra, minha gente! Aqui ainda corre vintém? Lá só vale de tostão⁴⁷ pra cima. Gasta-se que é um despropósito, mas também se ganha, e dinheiro só serve mesmo pra dar o que a gente precisa. O ano passado, só na doença de uma filha, gastei pra mais de dois contos!⁴⁸

Todos ouviam silenciosos e pasmados. Francelino continuava, com crescente entusiasmo:

— Vocês aqui ainda trabalham a dez tostões por dia? Mas que miséria, minha mãe de Deus! Como é que um homem se sujeita a isto? Pois eu, se quero cafezal limpo, tenho que pagar a cinco e seis mil réis.⁴⁹ Na colheita deste ano espero um lucro de vinte a trinta contos. Convençam-se disto, meus amigos: aqui não é lugar onde se possa viver. Trabalha um pobre desde que nasce até que morre, e, no fim de contas, não deixa nem para o caixão. Se querem viver, vão para o Sul. Lá se ganha, se gasta, se bebe, se veste, se come e se diverte.

Assim, entreolhavam-se pesarosos lamentando intimamente de não terem feito como ele, em lugar de ali se deixarem ficar arrastando uma pobreza sem remédio.

Ao deixar, meditativo, o grupo, Baltazar levava consigo a resolução segura e inabalável de ir para o Sul. As palavras

46 Pé rapado: muito pobre.

47 Tostão: moeda antiga que equivalia a cem réis.

48 Conto: quantia equivalente a um milhão de réis.

49 Réis: unidade de moeda antiga que esteve em vigor no Brasil até 1942.

de Francelino lhe vieram aqular a chama de ambição, que, já havia dias, lavrava dentro dele. Procurou o fazendeiro e deu-lhe parte do seu desejo. Francelino o animou o mais que pôde, prometendo adjutorá-lo,⁵⁰ como estava fazendo com todos que lhe buscavam a proteção. Sendo assim, ele devia incorporar-se à leva que descia⁵¹ por aqueles dias, destinada a sua fazenda. Lá havia lugar para todos. Na colônia só queria gente sua, de confiança, isto de estrangeirada não lhe agradava. Voltaria embarcado, via Pirapora,⁵² mas o Vicente Muniz os iria guiando na travessia a pé, homem conhecedor e acostumado a fazer aquela viagem.

Francelino, realmente, generoso e bom, recebia de braços abertos todos que o procuravam com desejo de descer.⁵³ Doeu-lhe na alma encontrar na sua terra tanto moço forte e trabalhador jogado ali, ganhando miséria, enquanto o Sul, farto e fecundo, precisava de braços.

IV

— Rosália, você me quer bem de verdade? Perguntou Baltazar, comovido.

— Ora, se quero... respondeu a filha de Ponciano, desviando o olhar.

— Então lhe vou pedir uma coisa...

— Pode dizer o que é...

50 Auxiliá-lo.

51 Leva que descia: grupo de pessoas em deslocamento para o sul.

52 Cidade de Minas Gerais à margem do São Francisco, uma das rotas dos migrantes nordestinos em direção às fazendas de café do oeste paulista.

53 Migrar para o sul.

- Eu vou para o Sul e queria que você me esperasse...
- Você vai para o Sul, Baltazar?! acudiu surpreendida Rosália.
- Vou, preciso trabalhar, você não disse que seu pai só deixará se eu tiver dinheiro? Vou ganhá-lo.
- Só vai, então, por amor de mim?
- Só!

Rosália ficou-se um instante num enternecimento venturoso, e disse resoluta:

- Pois vá, Baltazar, vá que eu o espero.
- Espera-me mesmo, Rosália? Olhe que são anos...
- Quem quer bem não esquece...
- Mas, Rosália...
- Juro, Baltazar.
- Pela alma de sua mãe?
- Pela alma da minha mãe.

Baltazar fitou risonho o rosto da amada, e não pôde dizer nada mais, preso de um doce enleio. A emoção ditosa vidrara-lhe os olhos de lágrimas.

V

E numa madrugada morna de Fevereiro, quando ainda vinham longe as cores purpurinas da aurora, e a caatinga rala e ressequida dormia exausta de sugar insuficientes orvalhos, Baltazar, em companhia de mais vinte e dois companheiros, abalou em demanda do Sul, da terra generosa que dava o ouro e a felicidade.

Na estrada larga e arenosa, as vinte e três sombras caminhavam enfileiradas, impávidas, tranquilas, confiantes, seguras dos seus destinos. Cada coração palpitava ao sopro benfazejo das melhores esperanças. A ardente fé que tinham no amanhã vertia-lhes nas almas, humildemente ambiciosas, a alegria paciente que avigora⁵⁴ e anima. Sobre as suas cabeças, na agonia daquela noite, estrelas esmaeciam na escuridade⁵⁵ do céu profundo. E caminhavam, caminhavam... Em cada curva nascia outro caminho, longo, intérmino, parecendo infundável.

Comandava-os o experimentado Vicente Muniz, homem forte de músculos e de energia, que, para bem dizer, se afixera àquele jeito de vida: conduzir levadas para o Sul.

Após fadigosa marcha de dias, sob um sol brávido, a palmarilhar um chão duro que requemava o couro cru⁵⁶ das alpercatas, penetrou o magote⁵⁷ de emigrados, afinal, em terras mineiras, seguindo em direção de Tremedal.⁵⁸ Corria às mil maravilhas a viagem. Até ali não surgira a menor anormalidade. Nem a mais leve sombra viera anuviá-la a alegria heroica daqueles corações, que iam pressurosos, entregues à sorte vária em busca da fortuna negaceira.⁵⁹ Não viam diante deles barreiras insuperáveis. O infrene desejo de alcançarem dias melhores os impelia para frente, sempre para frente... O sonho constante e obsidente⁶⁰

54 Fortalece, revigora.

55 Escuridão.

56 Couro cru: que não foi submetido a tratamento de curtição, muito usado no Nordeste para confecção de sandálias populares conhecidas como alpercatas.

57 Multidão.

58 Município da Bahia. No original está como Tremendal.

59 Enganadora.

60 Obsessivo.

do ouro torturava, afligia... A vontade era de açodarem⁶¹ os passos, correr...

Adiante, porém, nas proximidades de Montes Claros,⁶² num cáldo meio-dia, quando todos ansiavam pelo repouso reparador, o José Maria para de repente, tonteia, e ao cair de borco,⁶³ no chão fervente, já era cadáver. Estacaram os camaradas, com o pasmo doloroso nas feições. A voz de alto era da Morte. E só ela própria poderia detê-los naquela marcha apressada de quem ia para a vida...

Foi o cadáver transportado para o abrigo da sombra de um juazeiro em flor. Uma espuma sanguínea carminava-lhe os lábios alvacentos; os olhos estavam abertos, conservando na retina, cansada da visão do ouro, a imagem indelével da terra amada e dos que lá ficaram... Vicente Muniz, comovido, mas imperturbável, limpou-lhe a terra do rosto e das vestes, desceu-lhe as pálpebras e enclavinhou-lhe⁶⁴ no peito largo as mãos calosas.

— Foi do coração, disse, voltando-se para os companheiros.

— Parece estupor...⁶⁵ falou um outro.

— Nunca o conheci doente, informou um terceiro.

E, acocorando-se, muitos deles cercaram o cadáver, que só tinha o rosto coberto por um lenço de florões vermelhos. Fez-se silêncio. E as horas caminhavam, lentas, torturantes, infindas. Em torno, a natureza impassível. O sol requieimante reverberava no céu claro e puro os incêndios

61 Apressar.

62 Município de Minas Gerais.

63 De bruços, emborcado, com o rosto e o ventre voltados para o chão.

64 Apertou-lhe.

65 Paralisia súbita.

abrasadores da canícula.⁶⁶ Galhadas ressequidas e mirradas partiam-se estrepitantes. Ondas caloríferas⁶⁷ subiam do solo adusto e empedernido. Folhas secas rolavam, ruidosas; asas tatalavam.⁶⁸ Um sabiá pousando numa ramaria próxima, abriu o bico a cantar o acostumado e dolorido canto. A melodia triste e suavíssima do pássaro, afligiu os homens, que o enxotaram a pedradas.

Começaram a fazer a cova ali mesmo, debaixo do juazeiro florido. Que esforço para aprofundarem alguns palmos! Não tinham pás nem cavadores, e o chão era duríssimo e exsicado.⁶⁹ Conseguiram-no, afinal, depois de horas de penoso labor, à foice e facão.

Ao esconder do sol pegaram do corpo morto e o sepultaram. Antes, porém, de lhes atirarem o primeiro punhado de terra, uma leve viração agitou as árvores, e o juazeiro, alcatifando o chão, o envolveu numa mortalha de flores. Era a homenagem da natureza. Os homens não repararam nela. Sobre o abaulado⁷⁰ do terreno colocaram dois paus em cruz, atados de cipó, e diante deles benzeram-se descobertos e partiram, indo pernoitar em Montes Claros.

Dali em diante, caminharam mudos, entristecidos, pesarosos. Não era desalento... era saudade do companheiro, que ficara à beira do caminho, no gasalhado da copa verde do juazeiro em flor.

O Vicente, para consolo seu e dos camaradas, só achou estas palavras:

66 Grande calor.

67 Emissão de calor.

68 Produziam som seco.

69 Ressecado.

70 Arredondado.

— Isto acontece, rapaziada! Para se morrer basta estar vivo. A hora do José estava chegada: tinha de ser.

E passou, depois, a puxar conversa com intuito de distraí-los, contando casos de outras viagens. E iam tocando...

Uma noite, dois dias antes de Pitangui,⁷¹ surpreendeu-os, em plena estrada, violentíssimo temporal. Furiosos bulhões⁷² de vento entravam pelo mato adentro, sacudindo as árvores, que gemiam, abraçavam as frondes,⁷³ enovelavam-se e caíam estripitantes.⁷⁴ As águas, canalizadas nos caminhos, corriam cataratando nos fundos socalcos.⁷⁵ Relâmpagos caracolantes⁷⁶ aluminaavam sem descontinuar o escurentado céu, onde rolava o trovão, ora em estallos secos, de doer os ouvidos, ora em rancos surdos, longínquos, apagados. De repente, na dianteira deles, fez-se um súbito clarão, uma faísca luminosa fendeu as nuvens e varando, em cintilações de cegar, a treva úmida, caiu sobre altaneira peroba, queimando-a e lascando-a num estrondo de espavorir.⁷⁷ Seguiu-se, sem intervalo, um ribombo agudíssimo, vibrante, terrível... As sombras que chapinhavam no barro da estrada estacaram aterradas, e, recuando, baralharam-se, confundiram-se... Muitos lábios pronunciaram, num angustiado murmúrio, o nome de Nosso Senhor do Bonfim. Se aqueles homens duvidassem de Deus cairiam ali, de joelhos, fervorosamente crentes. Vicente Muniz gritou animador:

71 Município de Minas Gerais.

72 Correntes.

73 Ramos de árvores.

74 Com ruído.

75 Desníveis, fendas no terreno.

76 Que se move em círculo.

77 Assustar.

— Não é nada minha gente, é um corisco!⁷⁸

Depois de um longo jornada, já noite alta, toparam com uma casa que ficava, providencialmente, à beira da estrada. Estavam encharcados, tiritantes,⁷⁹ exaustos. Veio o dono abrir, sujeito de idade, de um carão tostado e rebarbativo.⁸⁰ Muniz, encarecidamente, lhe pediu um pouso para ele e os companheiros se abrigarem durante o resto daquela noite má. O homem, com a porta meio aberta e a candeia numa das mãos, respondeu rudemente que não, que não tinha pouso para tanta gente, que tocassem para diante, dali a duas horas encontrariam a fazenda do coronel Juvêncio. Que fossem para lá.

— Mas nós ficamos é aqui, o senhor há de ter paciência, a chuva está grossa e não aguentamos mais a andar, respondeu o Vicente, brando e amiguelo.

— Aqui em minha casa?! Estão muito enganados! Já lhe disse que não dou pouso.

— Agora já não peço, exijo, tornou o Muniz, com calma. Quer o senhor queira quer não, havemos de dormir aqui.

— O senhor quer mandar em minha casa? Olhe que sei fazer respeitar-me e tenho filhos que são homens.

— Pois é o que lhe digo, meu amigo, este alpendre⁸¹ é nosso por hoje...

O velho bateu a porta raivoso, e foi-se para o interior da casa, praguejando. Muniz disse baixo aos rapazes que se preparassem para o que desse e viesse.

78 Faísca elétrica que ocorre por ocasião de trovoadas.

79 Trêmulo.

80 Carrancudo, mal humorado.

81 Pátio ou varanda coberta.

Mas a porta não se reabriu, e os viajores,⁸² mal acomodados no estreito alpendre, foram vencidos pela fadiga. Só o Vicente velava, sentindo a bainha da faca a lhe esfriar as costelas.

No dia seguinte esperaram até sol nado⁸³ que alguém aparecesse para dar agradecimentos, como se estivessem estado em casa hospitaleira. Mas no casarão não havia sinal de vida. Abalaram novamente.

VI

Chegados ao sul mineiro, no município de S. Sebastião do Paraíso,⁸⁴ o tifo assaltou-os, prostrando-os, à exceção de oito, gravemente enfermos. Baltazar era um dos doentes e o que estava a correr maiores riscos.

O fazendeiro que os acolhera, de cara fechada, pensando no prejuízo fatal que lhe adviria daquela hospitalidade forçada, cedeu-lhes, por muito favor, a tulha⁸⁵ de café, onde eles ficaram em leitos de palha de milho, um palmo distanciados um do outro, alinhados como corpos mortos que aguardassem a vala comum.

Os oito companheiros, que a moléstia poupava, estavam bestificados, avergados⁸⁶ ao peso da sorte má, que parecia seguir-lhes os passos na temerária empresa. Se ao menos o Muniz estivesse de pé! Ele sabia lidar, ter iniciativa, dar providências, encorajar. Mas ali se achava caído

82 Viajantes.

83 Sol nado: sol nascido.

84 Atualmente é um município de São Paulo na divisa com Minas Gerais.

85 Espécie de celeiro.

86 Inclinação.

como um pinheiro, sonolento, indiferente, de lábios entreabertos deixando ver os dentes fuliginosos,⁸⁷ que atraíam as moscas. Ao seu lado direito Baltazar, sumido na fofidão⁸⁸ das palhas, delirava calmamente, de pálpebras descidas, carfológico,⁸⁹ a apreender nos ares os flocos de neve que volteavam em torno dele. De vez em vez soltava um gemido abafado, surdo e profundo, como quem leva uma estocada mortal.

Mais adiante, o Felismino, homem de idade e pai de muitos filhos, a quem a mulher pedira de joelhos, lavada em lágrimas, que a não deixasse, arrancava da vida, com o corpo abalado cada minuto por um soluço cavo,⁹⁰ ruidoso, lúgubre,⁹¹ impressionador. O Bernardo, único amparo da mãe viúva, que o abençoara na hora da partida, e que, naquele instante, podia estar pedindo por ele a N. Senhor do Bonfim, já soltara a alma dos vínculos do corpo. Os restantes iam mal, a pedir constantemente água para refrigerarem os lábios negros e crestantes.⁹² A moléstia, que naquele ano grassara intensamente na região, surpreendera-os, afadigados, de energias debilitadas, num grande estado de receptividade orgânica.

O dono da fazenda Três Córregos, o capitão Policarpo Teles, que se vira na contingência de asilar aquela gente, arrevelava-se,⁹³ maldizendo a sua má sorte. O prejuízo era certo. Os homens nada tinham. Não salvaria nem as despesas do médico e da botica. E expulsá-los não podia, lá

87 Coberto de camada negra.

88 Fofura.

89 Agitado por febre grave que provoca desvarios.

90 Oco.

91 Fúnebre.

92 Que queima, que racha.

93 Puxava os próprios cabelos.

estavam todos morrendo, embolados como ratos que tivessem comido uma banana envenenada. Era a última vez que as porteiras de suas terras se abririam para dar entrada à peste de baianos!⁹⁴ De uma feita, por ocasião da passagem de outra turma, houve crime na colônia praticado por um deles. Agora, sim, o saco se enchera. Estava inteirado.

O médico da fazenda, sabendo um dia que uma leva de baianos ali se achava doente, procurou a tulha hospital. Era um velho simpático, e que no sorrir-se parecia abrir, de par em par, o coração. Examinou todos os doentes, um por um, consolando e animando. Quando Baltazar se lhe deparou, letárgico, imóvel, respirando levemente, com a febre a esbrazear-lhe as feições encovadas e macilentas, murmurou de si para si: este não resistirá...

Ao saber da visita médica, o capitão Policarpo foi encontrar-se com o doutor, que já entrava no automóvel, de volta à cidade.

— Viu os homens, doutor?

— Vi, capitão, vi. Estão muito doentes e é preciso isolá-los e tratá-los convenientemente.

— Mas... doutor, aquilo é gente que não tem onde cair morta.⁹⁵ E eu, com franqueza, não estou pronto a perder. Se fosse um só, vá lá, mas tantos...

O médico teve um claro sorriso e disse:

— Ora, capitão, quanto a isto não tenha susto. Eu mandarei os remédios.

E o automóvel partiu, deixando Policarpo envolto numa nuvem de pó. Caminhando para casa dizia consigo o capi-

94 Peste de baiano: expressão de xingamento.

95 Não tem onde cair morto: não ter recursos financeiros.

tão: esse doutor... esse doutor... é por isso que não tem vin-tém... eu até acho graça em certas coisas...

E todos os dias aquele velho de cabeça alva aparecia na tulha, brando, carinhoso, meigo, consolador.

Quando ele assomava à porta do sórdido albergue, a esperança renascia nos corações dos doentes, e o ânimo voltava à alma dos sãos. Mas a moléstia não teve clemência. Morreram sucessivamente, depois do Felismino, o Pereira, o Batista, o Quirino e o Muniz, que, no derradeiro instante, despertando da modorra,⁹⁶ lançou com um olhar paciente e tranquilo, um adeus aos camaradas. Baltazar, desmentindo o prognóstico do médico, foi melhorando a pouco e pouco, depois de estar muitos dias entre a vida e a morte.

Os sãos, esgotados os recursos, pediram serviço ao capitão que lhes deu, satisfeito, na esperança de descontar as despesas feitas com o fornecer de mantimentos. Baltazar foi quem mais tempo levou a convalescer. Quase um mês ficou por ali, no canto da tulha, amarelo, magro, numa fraqueza sem jeito. O olhar parado e sem brilho fitava uma imagem longínqua: Rosália. Quando se achou em condições de trabalhar só dois companheiros encontrou na fazenda. Os outros, logo libertos das dívidas, procuraram paragens diferentes. A moléstia os debandara. Agora que cada um cuidasse de si.

E em Três Córregos, onde dias tão amargurados passara, Baltazar ficou mais dois meses, dois meses de trabalho, que só lhe serviram para pagar a dívida que o capitão lhe apresentara. Era dinheiro do médico e da botica, que não chegou às mãos nem de um nem de outro. Já desligado da fazenda, decidido a tomar outro rumo, recebeu inesperadamente o socorro de Francelino. O amigo, enviando-lhe recursos, chamava-o para Rio Preto.

96 Sonolência.

VII

Saindo a pé de S. Sebastião, Baltazar alcançou logo adiante terra paulista, Franca, a velha Franca do Imperador. De lá tomou o caminho de ferro e veio a ter a Ribeirão Preto, donde seguiu definitivamente para Rio Preto, ponta de trilho, cidade famosa pela sua riqueza, onde forasteiros nacionais e estrangeiros iam fazer fortuna, açodadamente, disputando, palmo a palmo, o êxito lícito ou ilícito.

Chegado à noite, Baltazar entrou na primeira hospedaria que viu perto da estação. Dentro, cercando mesas, muitos homens jogavam, cervejando e lançando nos ares grandes baforadas de fumo. Raparigas tagaleravam e riam em torno deles, libando cálices de bebidas.

Ao homem que lhe veio ao encontro, Baltazar pediu um quarto para dormir. Respondeu-lhe o empregado que se sentasse e esperasse um pouco. O calor era intenso. A sala asfixiava. Numa das mesas os jogadores falavam uma língua esquisita. Uma rapariguinha magricela destacou-se no grupo e chegando-se para ele perguntou-lhe, risonha:

— Não paga nada, moço?

— Pagar o quê?

— Eu quero um licor.

Baltazar olhou bem para ela, sem compreender, e levantando-se, caminhou para a porta. A rapariga cortou-lhe os passos e travando-lhe do braço, pediu, dengosa e meiga:

— Oh! Não vá, meu bem, um licorzinho, só um...

Baltazar estava engasgado. Nunca na vida se vira em tamanha enrascada. De repente o falatório aumentou en-

tre os jogadores, e um dos homens, erguendo-se, marchou agressivo para outro. As vozes cresceram, levantaram-se, ouviu-se uma detonação... um corpo estrondeou⁹⁷ no asso-alho, surdamente...

Baltazar escapou-se do braço da mulher e desapareceu pelas ruas, atônito, desorientado, sem saber do que fugia.

No dia seguinte, sem ter dormido, a andar pela cidade, sem rumo e sem tino, o baiano diligenciou colher informações sobre a fazenda de Francelino, para onde tencionava seguir sem mais detença.⁹⁸

Ao atravessar, porém, despreocupadamente, uma praça, foi assaltado por dois soldados que lhe arrancaram da cinta, de repelão e à bruta, a “lambedeira”.⁹⁹ Vendo-se desar-mado, Baltazar lançou um olhar hostil às praças¹⁰⁰ e disse num resmungo raivoso:

— Só mesmo assim, de supetão... De outro jeito vocês levariam, mas eu sei onde era...

— Ah! Temos prosa, seu baianinho à toa? falou o cabo, caminhando para ele arrogante e provocador. Baltazar esperou-o decidido, e, numa certa altura, queimou-lhe a cara bexigosa com uma estralejante bofetada. Os dois policiais caíram-lhe em cima, e depois de o terem esmurrado suficientemente, o levaram, de rojo,¹⁰¹ para o xadrez, onde lhe deram uma surra tremenda de refle,¹⁰² até ele cair de borco, lançando golfos de sangue negro.

97 Estrondou.

98 Demora.

99 Faca peixeira.

100 Aos soldados.

101 Arrastado.

102 Tipo de espingarda de curto tamanho.

Sabendo do sucedido, Francelino foi à cidade, e lá facilmente o libertou, pagando-lhe a carceragem, cem mil réis a um advogado e outros cem ao escrivão.

Quando Baltazar saiu à porta da cadeia pelo braço generoso do amigo, pálido, abatido, como se estivesse a convalescer do tifo, deu cara a cara com o cabo bexigoso e disse baixo, anazarcado¹⁰³ de rancor:

— Toparemos um dia, cabo velho...

Horas depois tocavam para Barra Funda, propriedade de Francelino.

VIII

Inaugurou-se uma nova era na existência de Baltazar. De fibras retemperadas ao calor das provas sofridas, fez gosto à vida, cheio de uma fortaleza de ânimo que pasmava os mais intrépidos. Parecia que dentro dele tudo se resumira num formidável quero. A alma rejuvenescia de forças e esperanças e remoçava de viveza e ardor.

Carpia no cafezal os dias inteiros, satisfeito, alegre, com notícias recentes de Rosália a encherem-lhe o coração de novas e benéficas ambições. Ganhava diariamente seis mil réis, o que já lhe dava para fazer uma pequena economia e ir saldando com Francelino, que o fizera compadre. No eito não havia quem lhe tomasse a dianteira. O melhor colono italiano não lhe chegava aos pés.

Quando deixava o serviço, à tardinha, tomava o caminho de casa a remoer planos. E muita vez, para afugentar da cabeça aquelas constantes ideias de riqueza, era preciso

103 Doente.

pegar da viola e descantar modinhas à meia voz. Era tocando que mais se lembrava de Rosália. Não sabia por que os acordes lhe avivavam tanto a imagem da amada. Revia-a ao fundo de balcão, de olhos pregados nele, embriagada com a melodia dos seus cantares; ao depois, debaixo do tamari-neiro a conversar, tonteando-o com o perfume do seu corpo moço e sadio...

E o viver de Baltazar girava em torno de dois pontos únicos: Rosália e o dinheiro. Queria o segundo para obter o primeiro.

IX

Decorreu o primeiro ano. No fim desse tempo, Baltazar, saldado com o compadre, já contava com um peculiozinho, que estava empregado numa dúzia de porcos, criados ali mesmo, nos fundos da casa.

Mas a fortuna, que tem índole de palhaço, parecia caçoar dele. Entrou-lhe na pele uma maleita brava, daqueles cujos acessos assemelham o homem ao caititu, tal é o entrebater de queixos e tatar de dentes. Baltazar procurou um curandeiro famoso, o Chico Cesário, que empreitou a cura por seiscentos mil réis, sendo trezentos à vista. Vendeu os porcos e começou a tratar-se. Um mês depois o homem já lhe havia levado o resto do dinheiro e ele continuava de mal a pior. Socorreu-o, de novo, Francelino, que o mandou a um médico da cidade. E não foi sem custo que veio a sarar. O doutor picou-lhe todo o corpo de agulha, metendo-lhe pelas veias adentro até a tinta de escrever! Mas, afinal, graças ao N. S. do Bonfim, deixou de tremer, voltando-lhes as cores e as forças.

Depois de três meses de inatividade, a dever novamente ao compadre, recomeçou a peleja.

Rosália deu notícias, mandando-lhe de presente um cinturão todo chuvicado de ilhoses brancos e amarelos. Baltazar ferrou no trabalho com uma vontade que lhe dava duplas forças. Parecia incrível que aquele corpo magro e seco fosse capaz de tamanho esforço físico!

Era um gigante, no eito, o baiano!

Oito meses passados, um dos empreiteiros de Francelino, desgostoso com a morte da mulher e querendo mudar de terra, anunciou a venda da empreitada por preço vantajoso.

Baltazar, com o abono do compadre, arranhou o dinheiro e fechou o negócio. Na entrega, ano e meio depois, auferiu um lucro de quatro contos. O mais difícil estava conseguindo. Tudo, em mãos experimentadas, depende de ter um princípio. Dinheiro é quem ganha dinheiro. Na formação de fazenda vizinha, em terras por desbravar, entrou como principal empreiteiro.

Quando venceu o tempo do contrato, Baltazar reunindo alguns contos, comprou uma meia dúzia de alqueires,¹⁰⁴ que foram com os anos se alargando, dilatando, estendendo...

X

Chegou um dia, afinal, em que Baltazar, olhando do alpendre de sua casa o cafezal viçoso e florido, que se desdobrava cobrindo cômoros¹⁰⁵ e baixadas, e o gado que pascia longe, nas invernadas distantes, murmurou com um sorriso de vitoriosa alegria:

104 Unidade de medida agrária.

105 Morros, colinas.

— Agora, sim, Rosália, podemos casar. Quero ver se seu pai me recusa e acha que é desaforo a minha pretensão... Quando Baltazar disse consigo mesmo estas palavras, havia onze anos que deixara Conquista. Era agora um homem que podia dizer com orgulho: venci, e venci honradamente, constituo um exemplo.

Na realidade, a gente vizinha da fazenda Conquista (Baltazar lhe pusera o nome de sua terra), tinha ao seu dono um grande respeito e admiração. Homem trabalhador e incansável como ele ninguém contava que conhecia. Energia, trabalho e generosidade ali estavam. Se de alguma coisa lhe podiam assacar os invejosos era de ambicioso. Os seus desejos cresciam à proporção que iam sendo realizados. Ele era o primeiro a dizer, risonho: a medida do “ter” nunca se enche, meus amigos.

Escreveu a Rosália dizendo que o esperasse em Dezembro próximo, pelo Natal. Iria casar. E em diante? Não pensava e não tratava de outra coisa. Reformou a casa, trastejou-a¹⁰⁶ com certa decência e comprou o enxoval. Ao fazer qualquer coisa, dizia de si para si: se ela não quisesse assim eu faço de outro jeito...

E naqueles meses todos, Baltazar ocupou as folgas que lhe davam os trabalhos da lavoura em preparar-se para realizar o supremo desejo, razão de toda a sua vida de luta e de trabalho...

XI

Conquista, na antevéspera de Natal, amanheceu cheia de novidade: havia chegado do Sul, podre de rico,¹⁰⁷ o Baltazar, o filho da tia Mequilina.

¹⁰⁶ Mobiliou-a.

¹⁰⁷ Podre de rico: muito rico.

Não houve quem não quisesse ir visitar o recém-chegado, que estava em companhia da mãe e das irmãs.

Baltazar, realmente, chegara à noite, e, apeado, entrou em casa da mãe que lhe caiu nos braços, chorando de alegria. Tinha a velhinha diante dos olhos um Baltazar mais cheio de corpo, bonito, de polainas¹⁰⁸ pretas, chapéu largo, camisa fina e lenço de seda atado ao pescoço. Foi um alvoroço na casa. As irmãs foram preparar a janta para o hóspede. A mãe não sabia onde pô-lo. O seu desejo era talvez acarinhá-lo unido ao seio, como quando criança. Que alegria para o seu coração rever o filho feito homem, ela que tanto pedia a N. S. do Bonfim para tirá-lo do mau caminho!

Passados os primeiros instantes de festiva alegria, Baltazar, sentando-se à mesa, indagou despreocupadamente:

— Então, mãe, que há de novo em Conquista?

— De novo, nada, meu filho. Tudo velho. O pai de France-lino foi quem morreu, não faz duas semanas. E o major Pedro Paulino também. Mas este está com tempos, não soube lá no Sul?

— Não soube não, respondeu tristemente admirado o filho. Coitado! Foi tão bom para meu pai! Eu queria tanto que ele me visse agora...

— O Zeferino de “Sá” Joana assentou praça,¹⁰⁹ informou uma das manas.

— E sem o pai querer, adiantou a mãe. Já se viu disto, meu filho?

— Ah! O Zeferino! Era do meu grupo. Só dá mesmo para soldado. Que é feito do Belarmino?

108 Peça, geralmente de lã, que se usa por cima do sapato.

109 Assentou praça: alistou-se como soldado.

— Mataram-no o ano passado, à toa, meu filho, por uma bobagem... Sabe quem se “perdeu”?

— Quem foi?

— A filha do compadre André, a Genoveva.

— E “seu” André?

— Mudou-se p’ra Carinhanha.¹¹⁰

— E o Ponciano como vai?

— Ah! Este está bem, casou a filha com um moço rico.

Baltazar quando ouviu estas palavras ia levando à boca uma xícara de café. Susteve-a nos ares, muitos segundos, arriou depois, com a mão convulsiva.

Se a luz não fosse pouca notariam as irmãs a sua lividez mortal, os beijos trementes¹¹¹ e o olhar envidraçado em lágrimas. Mas num esforço, dominou a emoção, e reatando o fio da conversa, disse placidamente:

— Casou?! Isto mesmo era o que ele queria. Quem foi o noivo?

A mãe notara-lhe a perturbação, tudo compreendendo. Mas, fazendo-se de desentendida, respondeu:

— Foi o filho do capitão Gregório, o Julio.

E a conversação continuou por muito tempo ainda.

Não me afoito a dizer o que sentiu Baltazar quando se fechou no quarto. As grandes dores não se descrevem; ou se sentem ou se imaginam. Por um minuto sequer as pálpebras não lhe caíram sonolentas. A mágoa, enchendo-lhe

110 Município baiano à margem do Rio São Francisco, na fronteira com Minas Gerais.

111 Trêmulos.

todo o peito, desbordou em lágrimas copiosas vertidas silenciosamente, como numa face de cera...

Nos dias que se seguiram amigos e conhecidos vieram vindo, em romaria. E no meio deles apareceu também Ponciano, que lhe deu um abraço de arrebentar costelas. Falou pelos cotovelos,¹¹² recordando, saudoso, os tempos em que eram íntimos e as tocatas no botequim. Baltazar ouviu-o com solícita atenção, riu com ele, ofereceu-lhe cigarros.

De volta para casa disse consigo o botiquineiro: quem havia de dizer?! Este mundo tem cada uma! A quem Deus promete vintém não dá dez réis. E dizem que tem pra mais de cem contos! Com todos os diabos! Se Rosália não fosse apressada... Cem contos! É dinheiro que não acaba mais!

Do seu lado Baltazar não podia aparentar maior felicidade. Gargalhava, contava histórias do Sul, dizia os possuídos, gastando os dias inteiros em casa de uns e de outros. Só a sua mãe, sem que ninguém lh'a contasse, adivinhava toda a história, e sentia a dor do filho, como se fosse a sua própria. As dores dos filhos as mães sentem por irradiação. Contudo, ele precisava ir embora antes de topar com Rosália. Não lhe tinha ódio; não. De que lhe valeria o ódio naquele caso? Que Deus a protegesse, livrando-a da maldade do mundo. Baltazar ainda amava Rosália...

Doze dias depois, disse à mãe que estava de volta, carecia assumir a direção dos seus negócios, a fazenda lá estava sem dono.

E quando Baltazar cavalgou a besta e desapareceu na curva do caminho em demanda de Pirapora, Conquista inteira exclamou, invejosa: —feliz como tu poucos!

112 Falou pelos cotovelos: falou demais.

E Baltazar, na estrada, sem ter já de quem esconder a sua mágoa a ela entregou-se de todo, abatendo-se ao seu peso. Ia curvado, com as rédeas mal seguras nas mãos frouxas, descansando sobre a espenda¹¹³ da sela, desengonçado e torto.

XII

Os vizinhos da fazenda Conquista andavam surpreendidos com o que estava acontecendo por lá. Era de admirar! Uma fazenda como aquela, tão bem formada e tratada, entrar, de repente, naquele dismantelo! Parecia que o dono lhe morrera. O mato crescia em torno dos pés de café roubando-lhes a seiva, asfixiando-os, matando-os. As cercas das invernadas, caídas em alguns trechos, davam saída ao gado, que ia pastar em terrenos alheios. O café da última colheita apodrecia na tulha, sem ter quem o espalhasse no terreiro, invadido pela grama. As casas dos colonos, vazias, esboroavam-se¹¹⁴ lentamente. Ninguém sabia explicar que espécie de desgraça entrara ali, na formosa Conquista de meses atrás. O dono não aparecia a ninguém, alapardado¹¹⁵ em casa.

Surgiram os comentários. Uns diziam que ele endoidecera com uma febre maligna, que apanhara na viagem do Norte; outros contavam que o homem estava paralisado; e terceiros afirmavam que aquilo era “coisa feita”.

Muitos lá foram ter, para ver com os próprios olhos. Encontravam Baltazar estatelado na rede, sonolento, o cigarro pendido do canto dos beiços. A sua conversa amável e

113 Parte da sela onde se apoia a coxa do cavaleiro.

114 Desmoronavam.

115 Escondido.

acolhedora e o movimento livre de suas pernas e braços desfaziam nos visitantes as duas primeiras versões. Ficaram crendo na última.

E os tempos foram passando... Baltazar não dava sinal de vida. Do gado não sabia notícia de uma só cabeça; colônos não os tinha mais; as casas eram taperas;¹¹⁶ o cafezal atufou-se no mato; desapareceram as divisas. Submergira no completo abandono a bela propriedade.

Um dia, um seu vizinho, amigo e compadre, o Clementino, foi pessoalmente avisar-lhe que o Zanin, italiano ambicioso, tivera a audácia de entrar com a cerca pela fazenda adentro, aumentando, com tão escandaloso roubo, o número de alqueires do seu sítio. Baltazar ouviu silencioso o aviso zeloso do compadre e disse:

— Ora, amigo Clementino, deixa.. Ele precisa... tem pouca terra...

Clementino, entalado de surpresa, saiu crente que o compadre estava de juízo mexido.¹¹⁷ Que jogasse a fazenda ao abandono ainda vá, porque no dia que quisesse fazia tudo voltar ao que era. Mas deixar que os outros lhe tomassem as terras assim tão abertamente?! Estava maluco o homem, não tinha que ver.

Meses depois, a exemplo do Zanin, um outro italiano chamou a si um pedaço bom de baixada.¹¹⁸

O dono não aparecia. Os outros vizinhos, vendo aquilo, foram também tirando o seu quinhão.¹¹⁹ E diziam eles que até era um benefício, porque fazia dó ver-se tanta terra boa

116 Casebre, habitação em ruínas.

117 Juízo mexido: doido.

118 Terreno baixo.

119 Partes.

sem aproveitamento. Clementino tendo junto de si, bem no fundo da casa, a aguada do compadre, estendeu a cerca e incorporou-a ao seu sítio, que duplicou de preço.

Os tentáculos do polvo da cobiça, emitidos de todos os lados, foram, a pouco e pouco, estreitando, restringindo, limitando o círculo que fechava Baltazar, desnervado,¹²⁰ entrevencido, manietado.¹²¹ Reduziu-se a casa de morar feita tapera, por cujos claros das paredes pegões de vento e fios de chuva entravam, açoitantes, pelas noites más, abalando a cumeeira...

“A vida morta ficou sepultada no corpo vivo”.

120 Insensível, sem nervos.

121 Preso.

O TIO NECA¹²²

A Mario de Alencar.

Não tomem por fantástica esta narração.

A verdade é, às vezes, mais inverossímil que a ficção, disse acertadamente famigerado escritor. Não vejo paradoxo em tal afirmativa. Descreve-nos o novelista, muitas vezes, uma história com tanta naturalidade, encadeando tão bem as ocorrências, mentindo, com a ajuda do talento, tão brilhantemente, que lhe não há negar visos¹²³ de realidade. A natureza de seu lado, porém, suplantando o poder criador do engenho humano, oferece-nos todos os dias casos tão desordenados, incoerentes e desconcertados que se fica, perplexo, a duvidar. Contemos, pois, o veraz sucedido.

Não há nada mais pobre e mais simples do que as fazendas de criar, no Nordeste. Como estão longe das luxuosas e ricas estâncias riograndenses, e mesmo das internadas paulistas e mineiras, com as suas grandes casas confortáveis, e o córrego a correr a dois passos, sempre, sempre a correr!...

Ali é uma delícia o vaquejar. Muitas vezes é o próprio dono quem sai, vestido de brim¹²⁴ e engravatado, a encurralar o gado ou tocá-lo para o cocho de sal. Na volta, o cavalo

122 Editado pelo acadêmico Rodrigo Freire de Amorim.

123 Alto, cume. Aparição. Aspecto.

124 Borda.

não traz uma mancha de suor, e o cavaleiro, sem ter sido levemente arranhando por um esgalho¹²⁵ de árvore gar-ranchenta, tem os ares alegres de quem fez um excelente e higiênico passeio.

Engordada a boiada vem-lhe à porteira o comprador, e fecham negócio entre garrafas de cerveja. Embolsa o fazendeiro, placidamente, sem grande lida e sem cansaço, dezenas de contos. Está habituado às almofadas dos automóveis e gasta nababescamente¹²⁶ nas temporadas das capitais.

E, no Nordeste, no infeliz Nordeste da política, das secas, das endemias e da pobreza? Lá a fazenda consta geralmente de uma casinha de pau a pique¹²⁷, onde mora o vaqueiro com a mulher, a ninhada de filhos e a canzoada¹²⁸. De um lado o curral, feito por ele próprio, de grossos toros fincados e unidos. As cercas de arame farpado, que são diversas, trancam tarefas e tarefas de terreno, onde há a mais variada vegetação, que começa no cedro frondoso e gigante e vai até o chique-chique, a macambira e o mandacaru, fazendo escala pela jurema, a candeia, o pau d'alho, a aroeira, o as-sa-peixe, etc... É ali que pasta um gado pequenino e barri-gudo apelidado de crioulo.

A água é a máxima dificuldade. Quando algum rio não vem providencialmente solucionar o caso, todos apelam para o tanque, trabalho gigantesco de dezenas de homens, dias e dias a escavarem numa baixada, lugar para onde convirjam as correntezas que formam as chuvas.

E o vaqueiro? E o seu viver?

125 Resto do ramo que permanece no tronco; esgalha.

126 Luxuosamente. Suntuosamente.

127 Palavra também conhecida como taipa de mão, taipa de sopapo ou taipa de sebe.

128 Agrupamento de cães.

Aqui me detenho e pulo adiante, fugindo ao riso irônico do leitor que está daí a dizer:

— Pois ainda te afoitas, ó humilde narrador, a escrever sobre vaqueiros e vaquejadas, depois que o gênio de Euclydes da Cunha entalhou no bronze da língua as fulguosas¹²⁹ páginas quase decoradas por mim?

Narremos, pois, diretamente, a história, sem mais rodeios nem ambages¹³⁰, desenfronhada de refolhudos comentários.

A fazenda “Flexeira” só tinha uma coisa que a diferenciava das outras: era a natureza que ali se revestia de galas esplendentes, alindadas pela topografia do terreno, cheio de escarpas e penhascos, pedreiras altas e espelhantes, vales e colinas, e, ao longe, cerros luxuriantes de vegetação e toucados sempiternamente¹³¹ de um azul pálido e formoso. Uma mole imensa de pedra ergue-se dominadora, avoluma-se e alteia-se num aguçado cume. É a serra da Miaba¹³², em Sergipe. Em baixo, no sopé, espreguiça-se o Vasa-Barris¹³³, na profundidade do seu alveo cortinado de balseiro. Do pico descortina-se uma área de muitos quilômetros, limitada por um encadeamento de outeiros¹³⁴, que denteiam o horizonte. Para os vales descem massas de arvoredos de franças tão grandes e de um verde tão vivo, que dão a ideia de um imenso lençol tecido de folhas e tinto verde. Brancas pedras agarram-se às encostas, oferecendo ao sol a sua sólida nudez. Nos cômoros¹³⁵ afastados, dentro

129 Que brilha, lampeja.

130 Subterfúgio.

131 Contínuo, que dura. Antigo.

132 Serra que faz parte do Domo de Itabaiana, constituindo um complexo de Serras residuais baixas do Pré-Cambriano, formadas pelo soerguimento de camada mais interna da crosta terrestre.

133 Rio que banha os estados da Bahia e Sergipe.

134 Pequena elevação de terreno.

135 Elevação de terreno não muito alta.

da verdura longínqua das folhas, divisam-se pontinhos brancos: cidades, vilas, povoados. A serra, numa das suas faces, é cortada verticalmente, a pique, mostrando uma profundez de abismo, onde percorre, moroso e tardo¹³⁶, o Vasa-Barris. Uma pedra que se despenha do alto desce velozmente, partindo troncos, esburacando o chão com fragor de ciclone. Do meio da encosta, de uma moita verdejante, deriva, num leito de pedras, empolado ribeiro que cai em catadupas¹³⁷, açodadamente. De passagem vai transbordando bacias de pedras até a falda¹³⁸ da serra, onde se torna um fiosinho nédio¹³⁹ que vem, faiscante, beijar o Vasa-Barris: — é o Tororó. Alamedando o rio, erguem-se árvores gigantes, cujas frondes¹⁴⁰ se abraçam no alto, vicejantes.

Ao pôr do sol, quando a sombra desce vestindo a serra e os outeiros, quando résteas¹⁴¹ de luz ainda clareiam o cimo de alguma colina, ouve-se, muita vez, a ecoar pelos vales e grutas, o aboiar plangente de algum vaqueiro que leva, tardio, alguma rês tresmalhada¹⁴²... Pios agudos de seriemas morrem pelas quebradas...

A casa do vaqueiro ficava trepada numa planura graciosa da aba esquerda da serra.

Neca Justino contava quarenta e oito anos de idade. De grande estatura, tez¹⁴³ bronzeada e cabelos escorridos, tinha umas feições bondosas e severas. Uma bela cabeça im-

136 Que tudo faz sem pressa; tardonho.

137 Queda de água corrente.

138 Beira.

139 Brilhante.

140 Ramos.

141 Feixe de luz que passa através de um orifício ou abertura estreita.

142 Deixar escapar, perder.

143 Superfície da pele.

plantava-se, por meio de pescoço taurino, no tórax largo e amplo, de músculos admiravelmente delineados, como se fosse o bronze artístico de um lutador romano.

Neca era um homem, em pleno sentido somático do termo. E não era só. Os seus dotes físicos enlaçavam-se aos morais. Era um bom. Nesta afirmativa simplíssima funde-se tudo o que dele posso dizer. O seu coração a tudo amava, porque em tudo via uma face amável. Dedicava à mulher uma fervorosa amizade que mais aumentava à proporção que se passavam os anos no comum viver. Os filhos eram-lhe o bálsamo suavíssimo que lenia as dores da vida trabalhosa.

Homem mais probo não podia haver. Depositava-lhe o patrão, o major Paulo Batista, toda a confiança. Tanto assim que havia anos não pisava na fazenda. Neca era quem vendia as boiadas, dava partilhas, mandava e desmandava.

Na madrugada de todos os domingos arreava a besta e tocava para Campo do Brito, onde ouvia missa, de joelhos no chão, mãos no peito, contrito¹⁴⁴, a rezar.

Generoso e destemido, Neca servia de anjo de paz pelos arredores. Os que sofriam iam a ele pedir justiça ou consolo. Nas brigas de casais, quizilas de vizinhos e rixas de toda a espécie, ele se metia prudente, conselheiro, convincente e afetuoso. Se a sua palavra não lograva êxito, apelava, com aplauso geral, para a medida extrema do seu punho, que forçava o transviado a retomar a boa trilha. Quando aparecia nas fazendas vizinhas os rapazes e raparigas saíam a pedir-lhe a benção, chamando-lhe tio Neca...

Uma manhã, quinze anos atrás, Neca saiu do rancho despreocupado e veio vindo pela margem do rio, em busca de um garrote que tinha bicheira na ponta.

144 Cheio de arrependimento, contristado.

Derreado o corpo para um lado, firme num só estribo, curvo, a pitar com delícia, vinha ele sem pressa, vagaroso e lerdo. De repente, chegou-lhe aos ouvidos um choro de criança. Pensando ser algum pagão enterrado por ali que pedia, aflito, o batismo, parou a besta e relanceou os olhos em torno. Mas o choro era claro, vibrante, de quem vivia.

Neca escutou-o e tomou-lhe a direção. Das lages mor-nas de uma das bacias do Tororó, onde as mulheres vinham bater roupa, levantou uma criancinha de meses que se ar-roxeava num choro espasmódico¹⁴⁵. Neca uniu-a ao peito e murmurou comovido:

— Mãe desalmada!

Deu de rédeas para trás e foi, pressuroso¹⁴⁶ e alegre, apresentar o achado à sua Geralda, que se apiedou da po-breza e desandou a xingar a mãe desnaturada.

— Havemos de criá-la, disse-lhe ela. Já começamos a ter filhos, mas Deus dará o jeito. Onde come um, comem dois.

Eram iguais os corações de marido e mulher.

Valeria, aos ventos da serra, criou-se sadia de alma e de corpo.

Não era um tipo rafaelesco, fino e esguio, como liberal-mente se usa com heroínas das novelas. Nada disto. Valeria, de pele trigueira, possuía uma soberba carnação, sem, con-tudo, chegar a desgraciosidade. O vermelho das faces e dos beijos carnudos era a transparência do sangue rico de toda a seiva dos seus quinze anos em flor. Tinha uma formosa e escampada fonte e fartos cabelos pretos, que ela trazia em

145 Relativo a espasmo.

146 Apressado.

novelo e enastrados¹⁴⁷ de galhinhos de manjerição, quando não por um cravo vermelho, cujo pé cultivava com carinho, numa velha panela de barro, suspensa na cerca do curral. Volúpia era que havia muita no seu natural languir de pálpebras, que escondiam um olhar profundo e escurentado como os peraus¹⁴⁸ do Vasa-Barris.

Vivia pelas grutas da serra em cata de frutas e ninhos de pássaros, ou no topo dos altos penhascos, cabelos ao vento, corpete desabotoado, no grosso magnífico da vida livre. Mal amanhecia ia para o Tororó, banhava-se nas mais funda e larga bacia, e voltava cantarolando, e regaço cheio de cajás maduras, aracás, maçarandubas...

Adjutorava o pai como se fora um rapaz. Quando ele regressava das vaquejadas era ela quem desencilhava o animal e o arraçoaava. Eram os dois, na manhã de todos os dias, no curral, que faziam a obrigação: tiravam leite, lançavam bezerros, curavam bicheiras, etc... E o diacho¹⁴⁹ da rapariga ainda tinha tempo de ajudar a mãe Geralda a fazer requeijão, tratar de porcos e cozinhar a comida. Como foi aquilo? De que jeito principiara aquilo, que ele tinha vergonha e horror de sentir?

E Neca Justino, sentado à margem do rio, com a cabeça presa entre as mãos, estupidamente aparvalhado¹⁵⁰, pensava na desgraça que se despenhara como um raio matador sobre ele: a paixão que lhe despertara Valeria, a sua filha adotiva, a menina que ele uma manhã, havia quinze anos, levantara daquelas lajes, a grunhir por um seio misericordioso, porque o de mãe o destino mau não lhe dera. Seria

147 Entrançado, enfeitado.

148 Lugar íngreme, barranco, declive.

149 Expressão de raiva, descontentamento, aborrecimento, indignação.

150 Abobado.

crível? A esta pergunta que o pudibundo¹⁵¹ leitor formulou entre si, eu respondo pela afirmativa. Sim, era verdade. Fazia dois meses que Neca, o tio Neca, sobre cujas espáduas¹⁵² quarenta e cinco anos de trabalho ferrenho e desabrido não lhe haviam apoucado a energia, não fazia outra coisa senão vir ter aquele lugar, dobra-se, fincar os cotovelos nas coxas, segurar a cabeça com as mãos e... chorar.

E o princípio? Não sabia dizer. Se sempre a quis ter ao pé de si, era porque a rapariga vivia a afagá-lo com carícias de filha amorosa. Quando a tinha nos braços, sentada nos joelhos, sentia-se o homem mais feliz do mundo, esquecido da rude e custosa vida. Deus é testemunha de quanto a amava com o puríssimo e sagrado amor de pai. Mas atrás dele caminhava, imperceptivelmente, de pés de lã, a vil paixão... E silenciosamente, foi se insinuando, infiltrando pela sua carne a dentro, penetrando-o até a mais escondida fibra... Um dia, ao estremecer, viu-se ilaqueado na rede que lhe armara o demônio. Estava inoculado com o vírus peçonhento da torpeza inominável. Tinha o sangue envenenado.

E Neca, quando se achou preso nas algemas daquele amor infame, ficou horrorizado de si próprio. Teve, dele mesmo, repulsa e asco. Deixou o rancho desorientadamente, e tomou o trilho que sobe à eminência da serra. Ia tonto, parando aqui e acolá, movendo continuamente a cabeça como para expulsar e de dentro dela o pensamento atroz¹⁵³ que torturava. Alcançou o pico, ofegante, exausto, como se fora a primeira vez que ali subisse. Caiu sentado sobre uma pedreira, com as feições paradas do idiota. Quedou-se

151 Tímido, acanhado, recatado.

152 Ombros.

153 Cruel, desumano.

alguns instantes, avergado¹⁵⁴, de cabeça descaída sobre o peito. De repente ergueu-se, levantou os braços para o céu e desatando-se em pranto e gemidos, clamou:

— Oh! Meu Deus! livrai-me de tamanha desgraça! Sou um miserável, quero morrer!

E abateu-se de novo desconsoladamente, sobre as pedras. Ali ficou durante o resto do dia, até que a noite fria naquelas alturas, veio despertá-lo do marasmo em que caíra.

Daí em diante, Neca, deixando a casa todas as madrugadas, como quem ia vaquejar, descia em procura do rio e lá se ficava a pedir a Deus que o matasse.

Geralda notou apreensiva que o seu homem minguava de corpo e perdia as cores, tendo fastio e pouco dormir. Aquilo lhe parecia que era a maleita¹⁵⁵ que queria voltar. E aconselhou-lhe, branda e carinhosa, um remédio caseiro. Neca, enrugando a testa, respondeu brutalmente que não precisava de remédios. Geralda fitou-o surpreendida e humildemente emudeceu, logo ficando de olhos aguados e tristes. Era a primeira vez, depois de casados, que o seu marido lhe falava daquele modo. Estava desconhecendo-o.

Neca muito pouco tempo se demorava em casa. Saía cedo e só voltava à noite. Andando à toa e à tuna¹⁵⁶ pela serra e pelo rio, sentia-se melhor, os nervos exaltados adquiriam alguma serenidade.

E, contudo, não se libertava. Debatia-se inutilmente. À medida que os dias passavam um novo elo o acorrentava a Valeria. Braços diabólicos o impeliam para ela; arrastava-o o misterioso magnetismo daquele corpo púbere e sadio...

154 Dobrado com força.

155 Malária.

156 Ociosidade.

A atração era poderosa, invencível, tremenda. E nada lhe valia. A paixão que o agarrotava era a paixão que desconhece o dever, envilece a dignidade e arremessa o homem nos braços da morte.

Vindo da vila uma noite trouxe, como sempre, presentinhos para os filhos: doces, pães, biscoitos. Neste dia, depois de distribuir as guloseimas, chamou Valeria e atou-lhe ao pescoço um colar de contas amarelas de aljofre. Mas quando a menina se remirava faceira, radiante com a beleza do presente, Neca parecendo reagir a um choque galvânico¹⁵⁷, tremeu subitamente, e desvencilhando-se da filha repeliu-a de si com ímpeto de bruto. Valeria, ao impulso do vigoroso braço, foi de encontro à parede, rodou, e caiu com o rosto no chão, dizendo num gemido de dor:

— Meu pai!

Geralda acudiu aos gritos e estacou estarrecida diante da figura do marido. O homem parecia que ia ter um ataque de apoplexia¹⁵⁸: os olhos betados de sangue queriam pular das órbitas; a boca tinha um ricto¹⁵⁹ terrível; as feições vultuosas assombravam.

Geralda recuou e caindo para um lado bradou lacrimosa:

— Valei-me minha Nossa Senhora!

À noite, pelo tempo que ele se deitara, já devia ir bem alta. No entanto, Neca não descera as pálpebras um minuto sequer, para ver se ao menos dormitava. Ali estava na sua cama de varas, ao lado de Geralda que dormia profundamen-

157 Eletricidade produzida por contato de corpos heterogêneos, ou por ação química.

158 Hemorragia cerebral que determina a suspensão da sensibilidade e do movimento.

159 Contração dos músculos da face que descobre os dentes.

te, a remirar os caibros enfumaçados do teto e as moedas de luz que entravam pelas frestas do telhado e pelas frinchas¹⁶⁰ das paredes sem reboco. Chamas de um fogo estranho lambiam-lhe a cara que doía. O coração, preso na caixa forte do peito, batia descompassadamente. Parecia que metera os pés e as mãos na fria água do rio. Virava-se para um lado e para o outro, procurando posição que não achava. Acendia cigarros, escutava os ruídos que vinham da serra... E a noite avançava... Ergueu-se. Saiu vagaroso, pé ante pé. Descerrou a porta do quarto e entrou na saleta da frente. Ali parou alguns minutos, indeciso. Caminhou em direção do cubículo onde repousavam os filhos. Abriu, cuidadoso, a porta e penetrou. Lâminas de luar, varando o telhado, quebravam a escuridade da estreita “camarinha”. Sobre um colchão de palha sustentado por quatro forquilhas, dormiam a sono alto os três filhos menores, descobertos, nus, em lindas posturas dignas de um pincel de mestre. Nos cantos estavam armadas três redes, duas das filhas mais velhas e a outra de Valeria que ressonava serenamente, o corpo adolescente vestido numa rala camisa de algodão, quase a mostrar os seios túrgidos¹⁶¹ e empinados como dois araticús¹⁶² verdes. O braço direito, nu, polpudo e roliço servia-lhe de travesseiro, deixando à amostra a axila côncava, sombreada de pelos raros. A posição, em decúbito lateral, arregaçava-lhe a camisa até a coxa, que se expunha admiravelmente modelada. Um molho de cabelos caído fora da rede, vinha topar o chão, onde se enovelava, como uma serpente. Brancas fitas de luz pendiam-lhe em torno formando um cortinado.

Neca fitou-a extasiado. Dir-se-ia um artista ante a obra perfeita. Mas ele tinha labaredas nos olhos, e as mãos so-

160 Abertura estreita.

161 Inchado.

162 Fruta nativa do cerrado brasileiro.

friam contraturas espasmódicas. Por três vezes curvou-se sobre o corpo adormecido como para apanhá-lo, ergueu-o nos braços... Mas a coragem fugia, os músculos não obedeciam, paralisados... Arredou-se. Atravessou a saleta, abriu a porta que dava para o terreiro e saiu. A noite, fora, estava de um esplendor maravilhoso. Nunca se vira tanto gasto de luz. O luar, refletindo-se na face polida das pedras da serra, espanava luz que descia em ondas perfulgentes¹⁶³ encosta abaixo, até às árvores do rio que se vestiam de uma claridade ofuscante, mágica, divina.

Neca tomou a direção do cume da serra, palmilhando com firmeza o trilho íngreme, tortuoso, ziguezagueante. Lá chegou quase serenamente, os cabelos esvoaçantes, a camisa de bulgariana entreaberta, mostrando os grandes peitorais salientes, com a mancha negra de pelos a separá-los. Parou. Olhou em torno, em todas as direções, demoradamente, calmo, como a gozar a formosura da noite pomposa. Depois caminhou tranquilamente para diante, mais para diante, mais ainda... inclinou o corpo e submergiu na profundidade do abismo...

O sereníssimo céu continuou a desbordar luz sobre a serra majestosa e clara, sobre o rio quieto e sussurrante.

163 Brilho intenso.

O MOÇO ESCULÁPIO¹⁶⁴

Naquela noite, ao voltar da fazenda, após um dia de labuta atroz e rude, mal começara a jantar e logo Vicência me foi dizendo:

— Não sabe, Belmiro, temos médico novo na terra. Chegou hoje pela manhã. É um moço bem parecido, bonitão e simpático! Trouxe muitas malas, e contou “seu” Castro, do hotel, que nunca viu tanta roupa bem feita! Até que, afinal, Jacuí¹⁶⁵ vai ter um doutor às direitas¹⁶⁶.

Eu quase não dava ouvidos aos informes bisbilhoteiros da minha Vicência. Tinha o pensamento na fazenda, no café do terreiro que, quase seco, tomara uma chuva repentina e inesperada.

— É preciso que vá visitá-lo, está ouvindo? — terminou ela em voz alta e forte para arrancar-me da abstração.

— Visitar a quem? perguntei ainda meio desatento.

— Ora, ora, ao doutor Fagundes.

— Tem tempo, tem tempo, deixe-o descansar mais uns dias.

— Sim, mas é necessário que não se esqueça, como é o seu costume.

Velho conhecedor daquele tom peremptório, nada mais adiantei. O que fiz foi zangar-me intimamente com esse

164 Editado pelo acadêmico Claudefranklin Monteiro Santos.

165 No original, Ranulfo Prata usa “Jacuhy”, cidade do interior mineiro, elevada a essa categoria em 1869.

166 A expressão “às direitas” denota distinção e honradez.

doutor Fagundes que, mal chegava, já constituía motivo de quizília¹⁶⁷ no meu lar sempre desarmônico.

Gastando todo o tempo na fazenda, passavam-se os dias sem eu lograr pôr os olhos no moço esculápio¹⁶⁸. Tinha notícias dele por intermédio de amigos que me interpelavam:

— Coronel, já estive com doutor Fagundes? Mas que belo moço, só o senhor vendo! É um talento extraordinário! E como traja!

No fim de três semanas, quando já arrefeciam os comentários sobre o novo e importante habitante de Jacuí, a Vicência chamou-me às falas e obteve de mim a certeza de ir visitá-lo no domingo seguinte.

— Pois é preciso, convencia-me ela com alarido. Chega uma pessoa de fora e você fica metido na fazenda, não aparece, não procura relações. Só sabe mexer em política e me contrariar. Ah! meu Deus! que infelicidade ter casado com tal homem!

Seja dito de passagem que esta Vicência, obtida num momento de epilepsia, legal e licitamente, das mãos de pais extremosos, foi a maior desgraça que a vida me deu. Meia dúzia de Vicências transformariam a face do mundo.

Mas, voltando ao caso, direi que vim bem impressionado da visita que fiz ao jovem doutor. Realmente, era uma bonita figura, alto, forte, de pele branca, bigode rapado, “pince-nez”¹⁶⁹ e fala adocicada. Os seus trajes causavam mesmo admiração!

Creio que Jacuí, durante o seu meio século de existência jamais vira um homem tão bem vestido. Cingia-lhe o largo

167 Aborrecimento.

168 Médico.

169 Óculos sem haste, apoiado sobre o nariz.

tórax um fraque admiravelmente talhado; a calça de listra descia impecável, sem ruga, até cair no peito das botas lu-zentes e caras.

Nunca na minha vida vira homens superiores, de cuja existência tinha sempre ouvido falar. Não restava dúvi-da, porém, de que ali me achava diante de um deles. O doutor pronunciava as palavras muito pausadamente, acompanhando-as de um gesto grave e medido. Pare-cia muito cheio de si, feições imóveis, olhar duro e pe-netrante. Contou-me que viera do Rio de Janeiro, onde estudara e que estava gostando de Jacuí, apesar da falta de conforto e de civilização.

Com o andar dos meses, o doutor Fagundes patenteou-se plenamente aos olhos ávidos de Jacuí: não dava con-fiança aos mais, quase inacessível, bem falante, abarrotado de ciência e de orgulho doutoral. Com tudo, justiça lhe seja feita, tinha o doutor bom coração e um temperamento cal-mo, com sombras de infantilidade. As suas ideias é que não cabiam em Jacuí. O moço só falava na grande vida do Rio, em elegâncias, clubes “chiques” e mulheres bonitas. Trazia também consigo o louvável desejo de percorrer a Europa, não só para aumentar os seus cabedais científicos, como para gozar da grande civilização.

— A Europa, coronel, dizia-me ele com o olhar fogo-so, é o meu sonho, a minha ambição. Berlim! Roma! Londres! Paris! Paris! Ah, uma temporada em Paris, coronel! Depois viver no Rio, brilhar, aparecer, causar inveja! Ah!

E me informava em tom confidencial:

— Não suporto esta vida de província, coronel. É uma estupidez! Tolero Jacuí até conseguir o necessário para a realização dos meus desejos. Dentro de dois anos quero

estar de viagem para a Europa. Viajar na Mala Real Inglesa, que delícia, coronel!

Possuía o moço médico, em se tratando de ciência, uma linguagem esquisita. Mesmo na minha fazenda, na cabeceira de um colono que dava guinchos de dor, apertando entre as mãos a volumosa barriga, deu esta resposta às pessoas da família que lhe perguntaram pelo mal do enfermo, depois de limpar o «pince-nez» no lenço alvo de cambraia:

— Trata-se de uma grande hipertermia¹⁷⁰!

Soou tão mal o nome da moléstia que os parentes entraram logo a soluçar, no receio justificado de desenlace próximo e fatal.

Nove anos decorreram.

Durante todo esse tempo graves coisas se passaram em Jacuí.

O poder local fugiu-me das mãos por duas vezes; o padre Messias, não sei se por questões políticas ou religiosas, foi substituído pelo padre Tolentino; houve a inauguração do novo edifício da Câmara; murou-se o cemitério; o “O Lutador” suspendeu a publicação; um bendito e providencial micróbio meteu-se nos pulmões da minha Vicência e a levou, deixando-me de rosto enxuto e vestido de preto; o tabelião, o Junqueira, foi assassinado em plena rua; casou-se a filha caçula do coronel Francolino, chefe do partido contrário a mim.

O doutor Fagundes sem ter deixado Jacuí, um dia sequer, vive ainda por cá, não só como chegou, mas em companhia da filha do capitão Bertoldo, a Marita, e de mais seis filhos.

170 Aumento excessivo da temperatura do corpo, seja por fatores internos, seja por fatores externos.

Politicamente milita ao meu lado, que lhe valeu o entranhado ódio do coronel Francolino. Passa na farmácia dias inteiros, jogando apaixonadamente a dama e o gamão. Tem horror às roupas de casemira¹⁷¹ e o colarinho afoga-o. As botinas vexantes foram substituídas por uns duráveis chinelões de “vaqueta”¹⁷². As suas coçadas roupas de brim trescalam a ácido fênico e iodoformio. Toda a chamejante medicina de outrora está reduzida a xaropes e vesicatórios¹⁷³. Não lê nem os jornais. Traz no bolso um retorcido pedaço de fumo acompanhado de maços de palha de milho.

Jacuí em peso, porém, o aponta como pai de família exemplar. Tem uma paciência de Jó com os filhos: dá-lhes banho, veste-os, deita-os, asseia-os, etc.

O pior de tudo nesta triste e realíssima história — pobre Fagundes! — é que a Marita o trai com o sacristão, o Florêncio, o horrendo Florêncio de face escaveirada e olho de vidro...

171 Tecido de lã ou de poliéster.

172 Tipo de couro.

173 Tipo de medicamento que provoca bolhas na pele.

O CRIME DO CORONEL¹⁷⁴

AO DR. ERNANI DOMINGUES.

De depois de longos e dilatados anos, conseguiu, afinal, o Amaro Moreira o seu nada ambicionado diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Custara-lhe os olhos da cara, o tal canudo!

Mas, qual seria a relutância que havia de vencer a vontade firme e inabalável de seu pai? Lutara muito a princípio. Que não, que não queria ser doutor, que não tinha cabeça para se meter em livralhada, que preferia a fazenda muito querida, onde o seu guapo e desempenado corpo ficaria à vontade, e o seu espírito, liberto das aperturas da meditação e do estudo, ganharia livremente os descampados...

Não houve, porém, pedido nem lamúria que demovessem o coronel da realização do seu mais caro desejo: fazer o filho doutor, o seu único filho, a esperança fagueira da família. Ele que era por assim dizer o dono de Fartura, o homem que não temia rivais políticos num vasto círculo de dezenas de léguas, que até ali jamais fora contrariado, nem encontrara calor que fundisse o aço de sua vontade, não havia de ser em coisa tão simples que cederia. Pegou do filho, engasgado de soluços, e levou-o para São Paulo. Tivera nesse proceder o apoio de toda a família, menos o do mano Justiniano, que lhe dissera um dia, ao saber da terceira reprovação do sobrinho:

174 Editado pelo acadêmico Claudefranklin Monteiro Santos.

— Anacleto, aceita o meu conselho: tira o Amaro do estudo, o menino não tem jeito pra coisa. Entrega-lhe a fazenda “Floresta” que terás mais lucro e satisfarás o rapaz, que tem chorado nos meus braços para salvá-lo da tal Academia. Isto de doutores, mano, não é para quem quer, e sim para quem é. Bacoreja-me que vais perder o menino... Olha, mano Anacleto: mais vale um bom peão do que um mau doutor!

O coronel ouviu tudo muito contrafeito, de testa enrugada. E parando de cofiar¹⁷⁵ o bigode, respondeu nervosamente, com a superioridade que lhe davam os seus haveres e a qualidade de mais velho:

— Deixa-me, Justiniano, deixa-me! Tenho muito quem administre a “Floresta” e peço ao mano que não se intrometa cá nesta questão. Ou Amaro estuda ou largo-o de mão! Que vá tudo para os diabos, o que quero, quero!

Justiniano recebeu na cara a malcriação, arrependeu-se de ter falado, e deixou, cabisbaixo e enfiado, o palacete do irmão. Quando entrou em sua modesta casa, ainda com a grosseria a arder-lhe no rosto, chegou-se lhe a sua Juvência, indagando do que acontecera. Justiniano, como se não notasse ninguém em torno, a modo de quem fala consigo mesmo, perdido em funda meditação, resmungou¹⁷⁶, trazendo uma saborosa fumaça do seu cigarro de palha:

— Pobre Amaro!

Juvência fitou-o com acrimonia¹⁷⁷ e despeito e falou, retomando os seus afazeres, como a pensar em voz alta:

— Ah! já sei! É zanga com o irmão por causa do Amaro!

175 Afagar, alisar.

176 Resmungou.

177 Azedume, brava.

E dirigindo-se a ele:

— Você afinal é um homem muito atrasado, meu marido! O que você deve estar é muito satisfeito porque vai ter uma pessoa que enxergue na família, um doutor! Na minha, graças a Deus, eles não faltam! Ai! um doutor! não há como um doutor!... Se eu tivesse tido juízo...

Mas se Justiniano desaprovava, Anacleto tinha para apoiá-lo a família inteira e Fartura em peso. Muitos dos seus correligionários e amigos, quando queriam lisonjeá-lo, era naquele ponto que batiam. Gabando o filho, os favores caíam-lhe das mãos aos punhados.

Quando Amaro se achava ainda no primeiro ano do curso, o pai já lhe havia traçado o programa de vida, delineado bem a trajetória brilhante que ele tinha de percorrer. Em primeiro lugar começaria advogando, para depois enveredar pelo campo farto e promissor da política. Da Câmara de Fartura chegaria facilmente a estadual, passando-se em seguida para a federal, e, se as coisas corresse bem, dessa última para a presidência do Estado. Ali, então, estaria de voo alçado... Nada de magistratura! Que futuro podia ter um rapaz de talento metido na magistratura do interior? Viver anos e anos numa pasmaceira estúpida e de irritar! Não, nada de inércia nem de obscuridade! Olhar a vida frente a frente, com o desassombro de quem está cômico do próprio valor e crê na certeza da vitória.

Os que ouviam o coronel falar assim, de rosto aceso de alegria, o coração a pulsar forte pelo filho único e extremado, desciam as cabeças numa aprovação unânime. Merecia respeito aquela exaltação.

Amaro custara muito chegar ao fim. Não tiveram número as reprovações, apesar dos empenhos com deputa-

dos amigos e de decisiva influencia no magistério da capital. O pai, entretanto, que não fazia conta da demora, achando que todo tempo era tempo, metia grandes somas nas mãos do filho, que se regalava em boas rapaziadas. Um dia, estava certo, havia de tê-lo em casa prontinho, sobraçando¹⁷⁸ o canudo.

Receios de ruína não os tinha. Só o café que possuía em Santos daria para educar quatro Amaros, afora as duas fazendas de criar, que prendiam para mais de duas mil rezes! Desse jeito tentou, pertentou e venceu. Nada como a alça-prema¹⁷⁹ do dinheiro!

* * *

Fartura toda engalanada vibrava de entusiasmo. Acabava de chegar o senhor doutor Amaro Moreira.

Houve, como sempre, o encontro, discursos, música, mesas lautas, baile etc...

Às festas não deixou de comparecer o Justiniano, que, para logo, notou a mudança que o uso do anel fizera no sobrinho. O moço simples, dado e bondoso, que tanto gostava de amestrar os potros folhões¹⁸⁰ da “Floresta”, estava transformado num janota cheio de galanices¹⁸¹, de gestos estudados e ares soberbos. Fora na ocasião do baile. Justiniano, no vão de uma das janelas, observava-o a derramar gentilezas no regaço cândido de uma menina que sorria, esperançosa... Fartando-se, afinal, de olhá-lo, virou-se para

178 Sustentando, exibindo, ostentando.

179 Alavanca, força, sustento.

180 Cavalos grandes.

181 Referente à gala, bons modos, modos finos.

a rua deserta, onde tremeluziam espaçados focos elétricos, e repetiu mentalmente o que dissera, treze anos atrás:

— Pobre Amaro!

* * *

Após o acostumado tempo de repouso, utilizado por todos os recém doutores para o refazimento das energias perdidas no estudo acurado de muitos anos, o coronel fez ver ao filho que já era tempo de aparecer no campo da vida prática, para honra e glória da família Moreira. Que se anunciasse e instalasse o seu escritório de advogado.

Feriu-se uma luta tremenda no íntimo de Amaro. E ele que, por um fenômeno intelectual digno de registro, se conhecia a si mesmo, teve ímpetos de confessar ao pai que nada entendia de direito, e que nos anos da capital só aprendera a fazer coisas tortas. Mas nada disse, porque a vaidade apontou do outro lado da cachola, protestando contra tal procedimento.

Amaro deu-lhe ouvidos e anunciou que aceitava questões, não só no crime como no cível.

Os amigos do coronel incumbiram-se da propaganda, lançando aos quatro ventos de Fatura e municípios vizinhos, o nome do novo advogado.

Não tardou, pois, que lhe viesse ter às mãos questão importante, e da qual era uma das partes pessoa de destaque da localidade, amigo do peito de seu pai. Amaro teve um estranho e doloroso estremecimento no ato de receber a procuração para dar andamento à causa. Colocou-a na rica pasta, que trazia, em letras de ouro, o seu monograma e

pôs as mãos à cabeça, apalpando as têmporas para ver se atinava com um meio qualquer de livrar-se, sem desdouro do seu anel, daquela rascada. A situação era premente: ser ou não ser.

Depois de matutar horas a fio, a arrepiar-se, numa aflição de arrancar lágrimas dos livros que tinha defronte, resolveu devolver a procuração.

Em caminho da casa do constituinte, porém, topou com um amigo, que depois de cumprimentá-lo sorridente e amável, disse-lhe jubiloso:

— Estamos à espera do tombo do Guedes! Dá-lhe uma lição de mestre, meu caro doutor! Descompõe-no nos autos, para de outra vez ele só se meter com gente de sua laia!

Guedes era um rabula temido, inimigo político do coronel e advogado da parte contrária.

As palavras daquele homem detiveram o filho de Anacleto no gesto desairoso para os Moreiras, cujo apelido ele tinha obrigação de lustrar.

Meteu mãos à obra, num supremo esforço de ousadia e coragem.

Foi um desastre! O prejuízo do seu cliente, que já se julgava garantido mesmo por aqueles que nada entendiam de leis, pois a razão estava claramente vista, foi total. Vencera o Guedes, o mulato.

Diante de fracasso tão notório e escandaloso, Amaro caminhou para o pai e disse-lhe, com um azedume que o responsabilizava, que não mais trataria de questões.

O coronel, encandeado ainda com as luzes do saber do filho, relutou e quis convencê-lo de que o começo era mesmo assim, todos principiavam daquele jeito, depois, sim,

viria a pratica, o traquejo. Aquilo eram asperezas que o tempo acepilhava.

Amaro não se demoveu.

Estavam as coisas nesse pé, quando vagou o cargo de promotor público da comarca. Anacleto, apesar da sua repulsa à magistratura, obteve do juiz a nomeação interina do filho.

Foi Amaro forçado a aceitar, sem deixar de pensar, contudo, na sessão do júri que se aproximava. Ali foi que rolaram na areia das ruas os créditos do doutor. Logo no início, na primeira acusação, excitado e trêmulo, atrapalhou-se na citação dos artigos do código, e depois da leitura do libelo, feito pelo seu antecessor, regougou¹⁸² algumas palavras e sentou-se a suar frio. A defesa, na pessoa mulata do Guedes, ficou à vontade, conseguindo uma absolvição unanime para réu, criminoso de morte sem justificativa.

O doutor, desorientado e sem tino, queixou-se de doente, pediu demissão e viajou para “Floresta”.

Fatura inteira comentou o caso, surdamente, para que os murmúrios não ferissem os ouvidos do coronel. Os inimigos dos Moreiras rejubilaram. Que era muito bem feito tudo aquilo, para diminuir um pouco o orgulho da família: que o coronel andava cego e não via que o filho não dava pra coisa, etc...

Cabia, porém, aos íntimos açular¹⁸³ o fogo sagrado do entusiasmo paterno. O próprio juiz confessou ao coronel que não pudera tomar pé no poço fundo do saber do Amaro, que o batia em qualquer matéria. Com o tempo haviam de ver... O moço só precisava de mais anos...

182 Gritou de forma gutural.

183 Aguçar.

Anacleto não desesperançou. Deixou que os dias passassem, e trazendo, afinal, o filho da fazenda, quis obrigá-lo a aceitar novas procurações. Amaro dessa vez, sentindo no rosto o calor das duas vergonhas que sofrera, rebelou-se, dizendo ao pai que agora só tinha na vida um desejo: ser delegado.

Essa ideia nascera-lhe na fazenda. Nela vira não só uma profissão compatível com os seus méritos, mas também o único meio de deixar Fartura e libertar-se do predomínio do pai. O coronel, se não desaprovou nem se opôs, foi por causa do tom decidido e firme, em que lhe falara o filho. Contudo aquela resolução de Amaro não lhe mataria os planos e intentos. Qualquer caminho chegaria ao mesmo fim. Antes de tudo, porém, era preciso satisfazer o rapaz.

* * *

Chegou Amaro a Rio Bonito como um Roldão furioso. Atrabiliário¹⁸⁴ e insensato, deu logo de criar medidas absurdas, interpretando mal as leis, e as executando debaixo de violências. Implantou o regime da perseguição e aboliu o respeito e a deferência aos cidadãos, transformando-se em temido opressor. Rompeu com elementos diretores da polícia local, porfiando em demonstrar independência e autoridade. No entretanto, todos os papéis que lhe caíam nas mãos, passavam logo para as de seu escrivão, que era, na realidade, um serventuário muito prático e entendido do ofício.

O que mais aprazia ao filho do coronel Anacleto, que estudara filosofia e várias espécies de Direito, era apalpar os quadris alheios, em cata da arma proibida.

184 Melancólico.

Ele próprio executava esse serviço, fazendo deste modo uma rigorosa profilaxia do crime, que, não houve dúvida, deu de diminuir com tão grande carência de instrumentos.

Os políticos, temendo aquele moço desabrido e sem juízo, começaram logo a trabalhar para removê-lo. Mas o que faziam por um lado, o coronel desmanchava pelo outro.

Quando Amaro viu mesmo que o pai triunfara na luta surda e intensa, redobrou de fúria, entrando a praticar atos de se ficar pasmado. Surrava pobres diabos com uma impiedade de louco ou de selvagem; prendia, injustificadamente, por dias e dias, cidadãos pacatos e ordeiros; realizava terríveis diligências pelos distritos vizinhos, donde regressava com braçadas de armas apreendidas, e o punho cansado de açoitar borrachos e rameiras releis.

Rio Bonito, espumante de ódio, estrebuchava sob o tacho da bota do jovem zelador da ordem pública.

* * *

Certa manhã estava o coronel Anacleto no alpendre da casa da fazenda a sorver o seu café sossegadamente, em companhia do mano Justiniano, quando lhe foi entregue um telegrama. Leu-o apressadamente e caiu para frente, nos braços do irmão, acometido de um vágado¹⁸⁵. O despacho telegráfico chamava-o a Rio Bonito, onde o seu filho, vítima de uma agressão, agonizava.

Horas depois o coronel, como que alucinado, atirava-se no trem especial. Justiniano acompanhou-o.

185 Vertigem.

Na noite deste mesmo dia entrava, entalado de soluços, na câmara mortuária do seu desventurado Amaro. Velavam o corpo cinco ou seis pessoas, quase todas fardadas.

Os pecados do coronel foram todos purgados naquela noite de vigília. Na manhã do dia seguinte estava trôpego e alquebrado, parecendo ter noventa anos. Sentia na boca um sabor estranho. Era o coração que sangrava.

Não teve forças de acompanhar o filho até o cemitério.

Momentos depois do enterro regressou à Fatura, de cabeça caída sobre o peito, numa postura dolorosa de demente.

No silêncio da sua casa, com os olhos intumescidos de chorar, foi que compreendeu, então, o erro que cometera. Caiu-lhe sobre os ombros o peso descomunal de uma grande dor, estranhamente torturante; Invadiu-lhe a alma lanhada um grande desespero. Parecia ensandecer. A imagem do filho morto cercado de soldados não lhe saía dos olhos, raiados de betas sanguinolentas. Quando apareceu o Justiniano, ele lançou-se lhe nos braços, bradando alto e em pranto aflitivo:

— Matei meu filho, Justiniano matei o meu Amaro!

E Justiniano, sem respeitar a angústia do alanceado pai, sentou-se lhe ao lado e calmamente falou, fitando-o com dó e lastima:

— Eu não te disse, Anacleto? Olha: mais vale um bom peão do que um mau doutor!

O ROUBO¹⁸⁶

A Marcos Ferreira

O Araújo principiara a vida com muito pouco.

Mas econômico, de hábitos muito simples, e poupador do que era seu, deu de progredir com relativa facilidade.

Ao entrar nos dezesseis anos, morreu-lhe o pai, deixando-o com algumas dívidas e dentro de uma miserável oficina de latoeiro¹⁸⁷. Apesar da pouca idade, tinha já uma boa dose de juízo, começando logo a trabalhar cheio de justas e benéficas ambições. No ofício que lhe legara o pai labutou durante dois anos a fio, tendo dele arrancado só o necessário para satisfazer os compromissos, que considerava também como legado, e legado de honra. Aos dezoito anos, com um ótimo crescimento, másculo e espigado¹⁸⁸, foi alistado¹⁸⁹ (passando por ter vinte e um) como eleitor do coronel Anastácio, que o quis proteger, nele vendo um menino sério, trabalhador, bom de ser aproveitado.

Emprestou-lhe o coronel a quantia de quinhentos mil reis, sem juros, sem documento e com tempo ilimitado para o pagamento.

186 Editado pelo acadêmico Anselmo Vital de Oliveira.

187 Funileiro.

188 Bem alto e magro.

189 A criação da Justiça Eleitoral ocorre em 1932, com a criação do Primeiro Código Eleitoral. Antes disso, os coronéis conseguiam controlar a votação em sua região de domínio, característica do voto de cabresto. Entre suas atribuições, constava a de encaminhar aos cartórios eleitorais a relação de funcionários aptos para serem alistados como eleitores.

Serviu este dinheiro ao Araújo para realizar o seu grande sonho: a compra de um pequeno negócio, lá num fim de rua. Deu para coisa pouca, mas deu: meia dúzia de garrafas de cerveja, duas de conhaque, um barril de pinga, duas dúzias de tamancos, uma lata de fósforo, cigarros de várias marcas e uma caixa de querosene. Nas mãos de um outro aquilo para nada prestaria; era o mesmo que não ter; mas, nas do Araújo, tão fáceis de se fecharem e tão custosas de se abrirem, significava muita coisa; era um bom princípio de vida.

E veio o futuro a confirmá-lo.

Onze meses depois já havia saldado com o coronel, sendo dono de uma casinha regular, pouco mais do que era, é bem verdade, mas tudo seu; tudo seu, sim, porque só devia ao comércio uma faturazinha de cento e oitenta mil réis.

Seis anos depois ninguém mais duvidava em Bom Conselho que o Araújo seria um homem rico. Negociava agora com fazendas, na rua do Comércio, em casa própria, de fachada de várias cores e cimalha¹⁹⁰ vistosa. Conservava-se solteiro, vivendo em companhia da velha mãe, que rendia graças a Deus por lhe ter dado tão bom e ajuizado filho.

Tendo-se desenvolvido mais ainda, alargado o tórax e criado formas de uma harmonia apolínea¹⁹¹, com um pequenino bigode preto e ornar-lhe a boca perfeita, tornou-se um tipo físico de magnífica beleza. Os seus olhos, na negrura cetinosa¹⁹² de quixaba e de uma úmida limpidez, possuíam um fulgor estranho, um brilho excessivo que atraía, e que ele timidamente procurava esconder, trazem-

190 Moldura; acabamento de uma fachada.

191 Tão bela quanto Apolo, deus do sol, da música, das artes, da medicina, da profecia etc.

192 Fino, como o fruto da quixabeira.

do-os sempre baixos. Tinha a pele trigueira¹⁹³, dum trigueiro intenso e adurente que ressumbrava saúde, e da melhor.

Era, porém, o Araújo, além de quase analfabeto, de uma ingenuidade de rapariga de quinze anos. Um dito chistoso¹⁹⁴, uma palavra grosseira, um gesto feio, bastavam para tingir-lhe as faces de um róseo de pudor. Aquele físico soberbo, de linhas tão perfeitas e puras, servia de morada a uma alma de criança. Muitas vezes por uma insignificância, uma tolice, ria-se gostosamente mostrando a fileira de dentes alvos e bonitos. Nunca saíra de Bom Conselho, tendo um grande desejo de ir à capital, Salvador, onde já era conhecido de algumas casas comerciais e considerado como ótimo freguês, gozando de muito crédito. Todas as vezes que o cometa¹⁹⁵ passava pela vila ele prometia de ir, mas nunca se achou com a coragem necessária para empreender sozinho tão grande viagem.

Ver a capital, casas em cima umas das outras, passear de bonde, de automóvel, conhecer o mar! Vinha da Bahia tanta coisa bonita e bem feita, folhinhas, brinquedos de crianças, perfumarias, copos de letras douradas etc... que havia de ser um gosto olhar-se tudo de perto! Como podia ser que uma casa vendia só calçados, outra só chapéus, uma outra só guarda-chuvas! Queria ver com os próprios olhos.

O mundo para o Araújo constava somente de Bom Conselho, de que tinha noção real, porque ali vivia, e de Salvador, que lhe mandava as mercadorias, de mistura com vagas notícias de coisas boas e bonitas.

193 Cor escura ou morena, como a do trigo maduro.

194 Engraçado, brincalhão, piadista.

195 Tropeiro ou caixeiro-viajante; comerciante que percorria várias regiões do país.

Negociava também na mesma praça o Ramiro Peixoto, velho conhecedor da capital, onde ia todos os anos, no mês de dezembro, comprar sortimento para a festa de Natal. De regresso de uma de suas viagens, viera o Peixoto contando tanta novidade, que vira todas as qualidades de bichos num circo, um vapor de guerra e a tropa de linha¹⁹⁶ formada, que o Araújo, ralado de inveja, deliberou acompanhá-lo no ano seguinte. Combinaram.

Daí em diante não pensava e não falava em outra coisa o moço negociante.

Se o freguês procurava um artigo que não houvesse nas prateleiras, ele respondia logo:

— Trago da Bahia; já tomei nota. Vou fazer grandes compras na capital.

Se lhe aparecia algum negócio, dizia que era impossível fazê-lo, estava de viagem para Bahia, só na volta.

Quando topava com o Ramiro perguntava-lhe sempre jubiloso:

— Então, vamos ou não vamos? Olhe lá que se não arrependa, não me atrapalhe os cálculos.

— Ora, se vamos! Respondia o amigo. Só se Deus não quiser! E com malícia, brejeiro e ares de experimentado:

— Vou mostrar-lhe cada coisa! Há umas que fazem até a gente perder a cabeça!

— Não, isso não, tornava o Araújo confuso e escabreado. Eu se for, será porque tenho precisão; quero escolher a gosto a minha mercadoria.

Em outubro passou o viajante. Araújo deu algum dinheiro e mandou dizer aos homens da casa Brandão Costa &

196 Grupo de soldados do exército.

Cia. que lá estaria, sem falta, nos princípios de dezembro, tencionando, por essa ocasião, saldar as contas e trazer bom e variado sortimento.

Todas as vezes, porém, que Araújo pensava na viagem, vinha-lhe o receio de ser roubado, o que sucedia frequentemente com os seus colegas da região.

De Bom Conselho, conhecia o Rocha que fora embrulhado por dois sujeitos ao saltar na capital, sendo lesado em oito contos! Ao Fernandes, de Jeremoabo, acontecera o mesmo, no trem.

Um rapaz conversador que viajava a seu lado conseguiu distraí-lo com a narração de casos interessantes, enquanto um outro lhe surrupiava a maleta, que foi substituída por uma outra semelhante, contendo papéis velhos.

O próprio Ramiro, que passava por um homem esperto e ladino¹⁹⁷, pouco sujeito a engôdos, fora roubado em quinhentos mil réis, na hospedaria.

Tinha, pois, o Araújo, justificados temores, que ainda mais argumentavam com as constantes observações do Peixoto.

— Você leva muito dinheiro? Todo cuidado é pouco. Nos hotéis é preciso dormir com as notas debaixo do lençol, e, no trem, não tirar os olhos dos companheiros. Nada de amizades nem de palestras com gente desconhecida!

Esta constante preocupação tirava ao moço negociante a metade do seu prazer, na realização de tão ansiado desejo.

Economizar com sacrifício e largar-se de tão longe para trazer um sortimento melhor, alguma coisa de novidades para as festas, e se ver, de repente, sem dinheiro, em lugar grande, onde só vale quem tem! Era de endoidecer! Mas tinha fé em Santo Antônio que iria em paz.

197 Esperto.

Nas vésperas da viagem, ao recontar e empacotar o dinheiro, apreensivo e nervoso, fora sossegado pela mãe que lhe disse, brandamente:

— Ora, deixe-se de tolices, meu filho. Tome cuidado e tudo lhe correrá bem. Toda gente não vai à capital?

Chegou, afinal, o grande e desejado dia. Araújo despedira-se de todos os colegas a quem oferecesse os préstimos, e ali já estava de besta arreada¹⁹⁸, à espera do Ramiro, que mostrava ter menos pressa.

Tocaram, finalmente, entrando depois de muitas léguas, em Sergipe, onde foram alcançar a estação de Salgado, ponto de embarque.

Não foi sem grande surpresa que o negociante de Bom Conselho viu aproximar-se o comboio¹⁹⁹ com a grande máquina à frente resfolegante e bufando ar quente. Sorriu intimamente, satisfeito, quando entrou na classe de primeira, uma velha carruagem arrebitada, cheia de nódoas, de vidros partidos, assentos de palha suja e ordinária, soalho coalhado de manchas de escarros e pontas de cigarros.

Muito poucos eram os passageiros: um casal de estrangeiros, um cometa²⁰⁰ e dois moços, naturalmente filhos de usineiros sergipanos, porque vestiam bem e falavam mal, com ares estúpidos de quem viceja na ceva farta de uma reles fidalguia de bagaceira²⁰¹.

Essa falta de lotação era motivada pelas chuvas recentes, que, como sempre sucedia, tornavam o trânsito peri-

198 Com o animal de viagem nos arreios; preparado; disponível.

199 Trem.

200 Idem, pág. 02.

201 Pertencente à elite, desocupado, com comportamento de malandro.

goso. Em tais ocasiões só viajava naquela via férrea quem tivesse muita coragem e nenhum amor à vida.

Quando a locomotiva apitou e o trem entrou em movimento a chocalhar uma engrenagem gasta, o Araújo já se achava refastelado²⁰² num dos assentos, jubiloso, a fumar um charuto, a maleta presa entre os joelhos, todo ouvidos a uma história que lhe contava o Ramiro.

Diante deles estavam os dois estrangeiros, que eram cançonetistas franceses, e vinham de uma temporada em Aracaju. A mulher era um tipo comum de chanteuse²⁰³, desmedrada já, precocemente esmaecida e fanada, mas de um olhar aceso e inflamado, de quem vive sempre esfomeada de pecado... O homem, suficientemente velho para andar ainda naquele jeito de vida, tinha o aspecto de ruína moral e material, claramente visível no rosto enghado e murcho.

Quando a artista deu com os olhos no Araújo, teve aquela surpresa, deliciosa e secreta, que assalta as mulheres ao toparem com homens bonitos. Mexeu-se no seu lugar, tirou o lencinho da bolsa, enxugou a umidade dos lábios, prendeu um molho rebelde de cabelos sob a écharpe²⁰⁴ creme, que lhe envolvia graciosamente a cabeça, e ficou a olhar para fora, aparentando distração.

Araújo, a princípio, não reparou nela, tinha consigo impressões fortes, como aquela de ser levado em carreira pelos campos em fora.

Mas horas depois, dando mais de uma vez com os olhos dela postos para o seu lado, foi que lhe prestou atenção,

202 Deitado, estirado, esticado.

203 Cantora.

204 Faixa larga de tecido, podendo ser usada em torno do pescoço ou da cabeça.

achando esquisita e engraçada a língua em que ela falava, de vez em quando, com o companheiro, que dormitava de chapéu descido sobre o rosto.

Minutos depois a esqueceu, e entrou a discutir com o Peixoto as vantagens do caminho de ferro ir até Bom Conselho.

A cançonetista tinha sido subitamente atraída por aquele tipo físico de homem, formoso e lindo como um Adônis²⁰⁵, com aquela tez morna de oriental, que acariciava e aquele olhar escurentado e perfulgente²⁰⁶ que fascinava. Daria ele um magnífico e soberbo instrumento de amor! Ela que já tivera nos braços dezenas de amantes, das mais diferentes raças e dos mais diversos tipos, foi assaltada pelo desejo invencível e inclemente de possuir aquele que ali estava à distância de um abraço.

Curvou-se, num momento, para o companheiro e segredou-lhe ao ouvido:

— C'est um joli sujet, n'est pas mon ami?²⁰⁷

O homem retirou o chapéu dos olhos, fitou o Araújo e respondeu surdamente, virando-se para o outro lado, com enfado:

— Oui, Oui...

O trem rodava, varando campos vastos, trechos curtos de matas, e parando aqui e acolá, nas estações. Araújo era todo ouvidos e olhos, guardando os menores episódios, conservando as passagens mais minúsculas, para contar em Bom Conselho, cercado de conhecidos.

De Alagoinhas em diante, porém, começou a ficar apreenhivo, inquieto, receoso. Notou que a estrangeira não tirava a

205 Na Mitologia grega, jovem de grande beleza.

206 Brilho intenso.

207 *É um tipo belo, não é meu amigo?* (trad. nossa).

vista dele, estando insistentemente a fitá-lo, com uma gana de que queria comê-lo com os olhos. Sentia-se incomodado com tal coisa. Que desejaria aquela criatura, que nunca vira?!

Mal formulou consigo mesmo esta pergunta, acudiu-lhe um pensamento, que o tornou ainda mais perturbado. Apertou a maleta entre as mãos trêmulas e ficou-se numa espreita desassossegada. Não havia dúvida: aquela mulher queria roubá-lo. Na língua estranha, nos modos, na pessoa do companheiro, em tudo Araújo encontrou indícios de más intenções.

Na ocasião do almoço participou, em segredo, os seus receios ao Ramiro, que também se alarmou.

— Abra os olhos, meu caro! Advertiu-lhe o amigo. Não se descuide, todos eles fazem mesmo assim: trazem consigo uma mulher, que de uma hora pra outra distrai a gente, e adeus dinheiro!... Olho nela e mande para o diabo os seus derriços²⁰⁸. Mulher é uma das portas do inferno!

Voltaram para a classe, ambos muito desconfiados, mudos, atentos, como à espera de inimigo tenebroso.

O trem corria numa grande descida, arrastado mais pelo impulso dos próprios carros do que pela pressão da máquina.

Começou a choviscar.

Como a chuva persistisse e engrossasse, a água principiou a cair dentro do carro, escorrendo de cima pelas frestas do madeiramento desconjuntado. O francês rogou uma praga, encolhendo-se a um canto e cobrindo-se com um velho sobretudo. O cometa abriu o guarda-chuva e repimpou-se fidalgamente no seu travesseiro de viagem. Os dois

208 Gracejos; galanteios.

rapazes procuraram um lugar mais abrigado, dizendo mal da companhia com palavras torpes e canalhas.

O P-5 se avizinhava da capital baiana, aos solavancos.

De repente a locomotiva silvou, anunciando a passagem do primeiro túnel. Segundos depois, como não houvesse luz no interior dos carros, pareceu que o comboio mergulhava num subterrâneo trevoso...

Vendo-se às escuras, o Araújo, surpreendido, só se lembrou do dinheiro. Agarrou-se nervosamente à maleta, pronto para defendê-la com todas as suas forças.

Quando de novo a luz do dia e o ar varreram a escuridade poeirenta e sufocante, que enchia as classes, o negociante respirou aliviado, certo de ter passado por um grande perigo.

O Ramiro a sacudir o fato com as mãos, entrou a explicar-lhe o que era um túnel.

Mais adiante, novo silvo anunciador e novo mergulho na escuridão...

O Araújo sem voltar ainda do primeiro espanto, viu-se bruscamente agarrado pela cabeça por mãos convulsas, sentindo os lábios presos e colados a outros lábios.

Aquilo tudo ocorrera com a rapidez de relâmpago. Ao desembocar na luz, os presentes recuaram pasmados. Aos pés do negociante de Bom Conselho estava caída e agonizante, com um certo golpe de faca em pleno coração, a cançonetista. Araújo parecia ter subitamente endoidecido: conservava-se sentado, olhos desmedidamente abertos, feições estarecidas, mãos crispadas grudadas na maleta...

O trem corria acompanhado por uma chuva fina, peneirada, que fazia pingar dentro da classe, melancolicamente...

O MARÇANO²⁰⁹

A Lucilo Varejão

— Tendo amizade ao trabalho, não sendo respondão nem malcriado, tudo se arranjará, terá o futuro garantido.

E assim o Bento findou o sermão, que o Justino ouvia de olhos baixos, em atitude servil, rodando nas mãos o chapéu sujo. O Bento, cansado da prática, impando²¹⁰ de autoridade, falou ainda, austeramente, fechando um livro de contas e levantando-se:

— Seu pai mandou-o foi para trabalhar, quer fazê-lo gente.

E saiu, ordenando a um caixeiro que despachava uma freguesinha papuda de face terrosa:

— Dê serviço ao menino e vá ensinando-lhe o jeito da casa.

No outro dia cedo, o Justino varria a venda, que rescendia a uma mistura de odores nauseantes. Durante todo o dia arrumou e limpou, empilhando latas, tirando o pó das mercadorias, alvejando os copos, etc.

E daí em diante a vida do Justinozinho, antes tão boa e regalada, constou de uma labuta de matar, de uma peleja feroz. Desde muito cedo até às dez da noite, curtia²¹¹ no balcão,

209 Editado pelo acadêmico César de Oliveira Santos. Marçano: Aprendiz de caixeiro, iniciante na função de balconista.

210 Impar: dar mostras evidentes de algo.

211 Curtir: aqui, o verbo tem a acepção de “sofrer”, “padecer”.

com o peso do serviço que lhe atiravam para os ombros os caixeiros mais velhos. Vivia aos mandados de um e de outro e debaixo dos gritos do Bim, genro do Bento e gerente da casa. À autoridade férrea deste último também não escapava. Pilhado um momento desocupado²¹², a sua voz trovejava e o seu punho aparecia, ameaçador e cabeludo, saído da manga de uma camisa de riscado, toda enodoadas.

A Flor da Aurora era afreguesada. Toda a gente da rua Formosa comprava no balcão do Bento. Pela manhã, criadas e cozinheiras enchiam-na, galhofando com os caixeiros e ajustando nos preços.

— Não me amole, Seu Zeca, tenho o que fazer. A patroa hoje amanheceu azougada²¹³.

— Falta um tostão, Zeferina.

— Fico devendo, de tarde eu trago. Mas não assente não, Seu Manoel.

— Por que foi que você saiu da casa do Dr. Pedrinho, Maria?

— Por causa dos seus arrancos. Homem bruto assim eu até estou pra ver! O diabo é quem aguenta aquela casa!

— Não tome confiança comigo, Seu Manoel. Eu conto a Seu Bento. Acho melhor que se respeite, olho de cabra morta²¹⁴!

Justino contava os seus catorze anos, mas era sabido e tinha bom crescimento. Trabalhava os dias inteiros, abotoado numa camisa de pano ralo, metido numas calças

212 Pilhar: flagrar. No trecho, o autor faz uso de metonímia para narrar a reação de Bim ao surpreender Justino ocioso durante o horário de trabalho, isto é, o que é flagrado é o personagem e não o momento.

213 Termo regional que tem o sentido de “irritado”.

214 Expressão comum no norte e nordeste do Brasil para designar um semblante pouco expressivo, sem brilho. No contexto, a personagem faz uso dela para expressar menosprezo por Seu Manoel.

de grandes listras pretas, muito justinhas à sua carne de efebo²¹⁵. No peito da camisa, já se formara um cascão de sujeira, de tanto roçar no balcão úmido, na azáfama²¹⁶ da vendagem. À noite, estafado da labuta, estirava-se lasso na rede, e com os olhos fitos no forro enegrecido do quarto, pensava, numa modorra²¹⁷ evocativa.

Via-se aos domingos, na sua vila muito cheia de sol e de repiques de sino, vendendo os doces da tia, cujas feições bondosas não lhe saíam da memória; revia as águas claras do córrego, onde se banhava com os camaradas, numa al-gazarra festiva. E todas as coisas da vila passavam diante dele, magoando-lhe o coração. Lembrava-se até da Joana doida, de cabelos revoltos, cantando pelas ruas e apedrejando a meninada. Um dia até a tia lhe puxara as orelhas, porque o bispara²¹⁸ atormentando a pobre.

Muitas vezes, dos olhos do Justino rolava uma lágrima sentida, que se desfazia no rosto mal lavado. E adormecia no conforto das doces recordações, que lhe deixavam a alma comprimida, torturada de saudade.

Dentre as freguesas do Bento, havia uma rapariguinha²¹⁹ roliça, de uns olhos vivos numa carinha mimosa, que alegrava toda a Flor da Aurora. Era a Catita do número 82, da casa do Dr. Clemente.

Quando entrava na venda, meneando os quadris carnu-dos, chinelas na ponta dos pés, tinha os nIQUEIS no mármo-re do balcão e gritava para o Justino, só para o Justino:

215 Indivíduo jovem, recém-chegado à puberdade.

216 Grande movimentação durante a realização de determinada atividade.

217 Estado de sonolência.

218 Bispar: espreitar, observar à distância.

219 Atualmente em desuso com esta acepção no Brasil, nesse trecho, rapa-riga significa “moça jovem”, funcionando como feminino de “rapaz”.

— Olá, seu moço! Me despache que tenho pressa. Seja mais esperto e preste atenção na freguesia...

O Justino, a princípio envergonhado com aqueles ditos, se embaraçava, corando e errando nos trocos. Depois, então, aquela preferência lhe pareceu amiguetaria; as pilhérias de Catita lhe agradavam, tinham qualquer coisa de ternura, cheiravam a amizade.

Quando havia qualquer embrulho para o 82, era o Justino quem se apressava, solícito.

E numa satisfação muito grande borbilhada no seu peito novo, quando tocava no botão alvo da campainha e ouvia os passos da Catita abafados no tapete do corredor. Conversavam às pressas, beliscavam-se, trocavam tapinhas amorosos e ele voltava saboreando as carícias, repleto de alegria.

Agora, quando se recolhia, contente de viver, enrolando nos dedos as franjas da rede, pensava nos olhos da Catita, nas palavras da Catita, na amizade da Catita.

Numa noite de domingo, ausentes os patrões, conversaram, cochicharam muito. Ele contou-lhe a sua vida na vila, solto como um passarinho, garotando pelas ruas com o tabuleiro de doces da tia. Depois, mudando de tom, repentinamente triste, queixou-se da vida que levava na Flor da Aurora, dos maus-tratos do Bento, da judiaria dos outros caixeiros.

Catita, com uma doce carícia na voz, consolou-o, deu-lhe conselhos para trabalhar e ganhar logo muito dinheiro, para pôr também uma vendinha. Falou-lhe, por sua vez, do viver do 82. O doutor e a mulher eram boas pessoas, mas o Chiquito, o filho, um estudantezinho pálido e caspento, era quem a importunava com beliscões e palavras feias.

Ao lado do coração da Catita, a vida do Justino corria melhor. Mas — sempre o “mas” nas coisas boas do mundo! — na Flor da Aurora os caixeiros já comentavam e o Bento já sabia. Quando a Catita entrava chamando pelo Justino, eles riam, escondendo a cara do patrão, que olhava a freguesa com ódio mal contido.

Apesar de tudo, os embrulhos do 82 saíam com fatiazinhas, balas e bugigangas metidas nas dobras do papel.

Certa vez, o Justino, sozinho no balcão, despachava a Catita, cujo sorriso feiticeiro lhe fez esquecer o punho ameaçador do Bento. Embrulhou cuidadosamente um sabonetezinho cor de rosa, e, todo dengue²²⁰, lhe ofertou escrevendo o oferecimento com um doce beijo no seu cachão penugento²²¹.

O Bento vira. Furioso com o prejuízo, pálido de raiva, agarrou-o gritando:

— Rua! Rua! Aqui não é casa disto, seu ladrão! Rua, desafortado!

Uma hora depois, o Justino passava pelo 82, sobraçando a roupa entroxada e destilando lágrimas amargas. Parou em frente e mirou, lentamente, o botãozinho alvo, o tapete da entrada, as pinturas da parede, o verniz da porta, como para decorar tudo aquilo ou para ver se a Catita aparecia. Suspirou alto e profundamente, sumindo-se na esquina da rua Formosa, amado pela Catita e batido pelo Bento.

Na noite deste mesmo dia, ali pelas onze horas, quem passassem pelo largo de São Francisco e atentasse para as

220 Delicado, que demonstra ternura.

221 A expressão se refere à região posterior do pescoço, popularmente conhecida como nuca, que, em Catita, se faz notar pela grande quantidade de pelos.

escadas da Escola de Engenharia, veria o Justino encolhido num canto, ressonando serenamente e prendendo nos braços frouxos um punhado de jornais que não vendera... Sonhava com a Catita...

A CASA DO DIABO²²²

Ao Dr. Augusto Leite

Em 1912, quando eu vagamundeava escoteiramente²²³ pelo interior de Goiás, passei em Buriti Alegre, misérrimo arraial que fica encravado na parte sul do Estado. É um punhado de habitações que formam poucas ruas e uma praça com a igreja no centro. Só? Não. Há ainda nos ares, pairando, de asas bem abertas, a grande melancolia, a melancolia infinita e aflitiva de todas as aldeias brasileiras.

Hoje não me lembra bem o que foi que me deteve ali durante quatro dias. Creio que fora o cansaço da viagem longa.

Na parte do terceiro dia, farto de olhar as caras fastidiosas da gente que enchia o hotel, tomei do chapéu e saí andando a esmo.

Eu amo nas aldeias as ruazinhas miseráveis, lobregas e tristes, aqueles agrupamentos de ruínas vivas que orlam, como um debrum escuro, os povoados.

Fujo das que são tidas como importantes, das que ostentam orgulhosamente as casas de comércio, das que se ufanam porque nelas moram o padre, o boticário ou o tabelião. Com esse gosto, que acredito ser de muito poucos, dei de

222 Editado pelo acadêmico Assuero Cardoso Barbosa.

223 Que viaja com pouca bagagem.

caminhar pelos lugares escolhidos. Já havia andado algum tempo quando tive a atenção despertada por um velho casarão, comprido e baixo, trancado num círculo espesso de matagal, com cinco janelas de cada lado e outras quatro em frente, ladeando uma larga porta. Trepadeiras viçosas punham-lhe redoiças²²⁴ nas cornijas e lhe afestoavam²²⁵ o teto de folhagem viridente²²⁶.

Demorei o olhar no antigo prédio que o tempo poupava, talvez por compaixão, e logo o imaginei patriarcal morada de fazendeiro rico de dinheiro e de prole, e que ali o abandonara por um outro, à beira das invernadas distantes.

Completei o passeio e voltei ao hotel quase noite. Sente-me sozinho à mesa e pedi o jantar. Apareceu solícito e risonho, segurando a terrina de sopa fumegante, o hoteleiro, o Paiva, cearense cabeçudo e espero, de olhar indagador e inteligente.

Enquanto eu comia, o homem conversava, seguro no espaldar de uma cadeira, com um guardanapo caído sobre o ombro esquerdo, arremangado²²⁷ e sem paletó. Verboso²²⁸ e farfalhão²²⁹, contou-me o seu viver no Ceará, a vinda para o Sul e o modo pelo qual viera parar em Buriti, cuja vida passou a descrever-me minunciosamente.

Deste modo vim a saber que o casarão abandonado, que eu vira, chamava-se *a casa do diabo*. E o motivo deu-me o Paiva, já sentado e bebendo a minha cerveja, satisfeito com a atenção que eu lhe prestava.

224 Redoiças: balanços.

225 Afestoavam: enfeitavam.

226 Viridente: florescente, brilhante, esplêndido.

227 Arremangado: arregaçado, puxado para cima.

228 Verboso: que fala muito, loquaz, palavroso.

229 Farfalhão: tagarela.

Esta mesma narração passo ao leitor, é verdade que em outras palavras, mas com a mesma fidelidade, sem a alterar com lances e episódios imaginários.

* * *

Corria o ano de 1903

Aparecera certo dia, em Buriti, um homem que se intitulava médico. Entrou a povoação em grande júbilo, pois o doutor que havia morrera dias atrás, vítima de uma febre maligna. O novo doutor parecia que adivinhara que ali se precisava dos seus serviços, tão oportuna tinha sido a sua chegada.

Mas quando o homem surgiu aos olhos de toda a gente, não houve quem não sentisse no peito a morte das esperanças em ter a vida e a saúde garantidas. O seu aspecto impressionava profundamente. Era de uma desmedida estatura, estranhamente ossudo e magro, cara escarnada²³⁰ e de uma imobilidade cerâmica, nariz adunco calvado por óculos de vidros muito grossos. Aparentava uns quarenta anos, tendo já muitos cabelos brancos e uma tez macerada de quem goza de pouca saúde. Parecia ser estrangeiro, mas não, era brasileiro do Sul, de descendência alemã. Chamava-se Augusto Liber. Todo o seu fato²³¹ era de alpaca²³² preta, usando nos pés grandes e pontudas botinas, e no pescoço uma muito alva gravata de fustão, enfeitada por uma pequenina esmeralda.

Alugou o médico o casarão velho e há tempos desabitado, o antigo hotel, situado lá nos fins de rua ordinária.

230 Escarnada: sem carne, sem revestimento.

231 Fato: vestuário.

232 Alpaca: lã, pêlo macio.

Podia alojar o prédio dezenas de pessoas, mas o doutor só o queria para duas, para ele e a companheira, que logo se verificou não ser legítima e sim manceba. E lá se ficou o homem, sem clientes, durante semanas e semanas.

Não havia quem o desejasse à cabeceira, pois não tinha o doutor jeito de quem levasse alívio a ninguém e muito menos a saúde. Acreditavam todos, ingenuamente, que sucederia o contrário: o doente morreria ao vê-lo entrar, tal o maléfico poder da impressão recebida. As aparências, porém, enganam muito, e errado anda quem se deixa guiar por elas.

Entrou no povoado, uma manhã, nos braços dos companheiros, vindo de uma fazenda vizinha, um peão, um pobre diabo amansador de burros chucros que, no exercício da profissão, fora cuspidor da sela e atirado sobre o toco, que lhe pôs as tripas à mostra. Tinha avida por um fio, o desgraçado.

Levado à farmácia fez logo ver o boticário, homem de consciência e escrúpulo, que nele não poria as mãos; tratava-se de um caso muito grave, havia necessidade da presença do médico. Os presentes entreolharam-se, aflitos e indecisos.

— Mandem chamar o doutor Liber, não estou dizendo? Bradou o dono da botica, receoso que o ferido expirasse ali mesmo, sem o socorro devido.

Ninguém se mexeu; ouviram-se apenas sumidos e abafados murmúrios de pena e comiseração. Um da roda, afinal, não se conteve e falou alto, em tom piedoso de desalento:

— Qual, não adianta... da hora ninguém passa...

Todos silenciaram, concordando. O ferido, porém, pediu, num arquejo de dor, que lhe chamassem o médico.

Que venha, então, disse alguém, é para satisfazer a vontade de um moribundo.

O doutor atendeu com uma presteza de que não parecia capaz. Endureceu-se-lhe, de repente, o comprido corpo de boneco desarticulado, firmando-se-lhe as pernas e movendo com rapidez e destreza os longos e descarnados braços. Com providência enérgicas e promptas²³³ removeu o paciente para a sua casa e nela trancou-se em seguida, obstando a entrada aos curiosos. A mulher tomou da máscara do clorofórmio e iniciou-se a intervenção.

Trinta dias depois estava sarado o peão, que saiu a proparlar pelas vilas vizinhas a perícia e saber do doutor Liber. Daí em diante quem passasse pela rua, onde morava o clínico, havia de ver o vasto corredor do antigo hotel abarrotado de doentes, sentados em longa fila de cadeiras.

Estava desfeita a má impressão. Rasgou-se o véu das aparências e mostrou-se o doutor Liber no que ele era na realidade: bom, profundamente bom, paternal para com os doentes, amigo e protetor da pobreza, apaixonado dos livros e da ciência. Quando sorria parecia abrir as portas do coração. Os seus olhos miúdos e glaucos ameigavam, consolavam, e insinuavam uma alegre confiança. Possuía uma voz muito doce e um gesto simpático de mansidão e carícia. Todo aquele físico ossudo, magricela e feio, irradiava uma serena bondade, que penetrou em todas as almas e fez com que Buriti inteiro caísse, agradecido, aos seus pés. Pouco recebia em troca dos seus serviços. Davam-lhe alguma coisa os que bem queriam. Iam-lhe a bondade e solicitude ao extremo, em certos casos. Finava-se o paciente depois de longa moléstia e o doutor, num excesso de zelo caridoso, era quem se encarregava de aprontá-lo para seguir a

233 Promptas: imediatas.

última viagem. Alguns instantes passava ele no quarto, e quando se abriam as portas, estava já o defunto colocado no caixão, vestido, composto e... autopsiado.

Não era, porém, a todos os seus doentes que, falecidos, o médico prestava aquele piedoso favor, que punha lágrimas de agradecimento nas faces das pessoas da família. Era somente naqueles que haviam sofrido moléstia longa e misteriosa, que o doutor porfiara em vencer, numa luta constante e desesperada.

Todavia, tais gestos tiveram uma grande repercussão na alma comovida do povo. Meses depois Buriti só via no mundo um homem: o doutor Liber. Para ele todas as honras e glórias locais.

* * *

Havia dias que oprimia o povoado um grande e sincero pesar.

Já lá iam duas semanas que estava entre a vida e a morte, a filha mais moça do coronel José Maria, o chefe acatado do lugar, homem que não sabia dizer “não” a ninguém, e por isso mesmo de um poder e prestígio ilimitados. Além de tudo a doente era a mais mimosa flor de Buriti, menina de uns quatorze anos, bonita e viçosa, alegre e faceira como não havia outra.

Desde o início da moléstia que a casa do coronel vivia apinhada de gente, durante o dia e a noite. Não se sabia quem mais lamentar: se o coronel preso de tão grande e lancinante dor, se a pobre menina, cujo desabrochar a morte teimava brutalmente em colher.

Lá estava à cabeceira da enferma o doutor Liber, numa assistência desvelada de cada instante e cada hora, num esforço contínuo e agoniado de quem procura luz salvadora na escuridade de tão dificultoso caso.

Dias corria a notícia de que a doente estava melhor, havia esperança de salvá-la; dias, ao contrário, a pobrezinha estava nas últimas, arrancando da vida, não falava mais, nem mais reconhecia o pai que, debilhado em lágrimas, não lhe saía do pé, prendendo entre os dedos febris a mãozinha translúcida e branca de sua adorada Maria. Parecia que a morte, zombando do doutor, não a queria levar assim de repente, preferia ir matando-a aos bocadinhos, lentamente apagando as alegres cores daquela juventude, numa demonstração inclemente, dolorosa e atroz de sua superioridade.

Afinal, ao entardecer de certo dia, ela, a invencível, enfadouse do conflito e desatou dos vínculos do corpo a alma sereníssima da filha diletta do coronel José Maria.

É fácil de se imaginar a dor que Buriti sentiu com o desenlace. Coube a todos os corações um quinhão de pena. Desceu sobre a povoação um pesado luto. Uma tristeza mortal anoitou as almas. A casa do coronel regurgitava, todos queriam estar ao seu lado em tão amargurado transe.

O cadáver, posto no caixão pelas próprias mãos do médico, foi colocado no centro da sala, entre círios, e velado por dezenas de pessoas. O doutor, depondo a sua maleta aos pés da cadeira, sentou-se, por um instante, na sala mortuária, entre dois conhecidos, a quem contava em voz muito baixa a gravidade do mal que levara a pobre menina. O relógio da casa bateu dez horas, soturnamente. Muita gente entrava e saía, abafando os passos, num respeito grande e sagrado. Uns ficavam na sala de olhos pregados no caixão, como se fosse a primeira vez que vissem a morte; outros

procuravam o interior e lá ficavam aos murmúrios. O coronel desejando estar aqueles últimos momentos ao lado da filha, colocou-se bem pertinho dela, abatido, alanceado, o olhar, cansado das vigílias, caído para o chão, como se estivesse a dormir. Os quatro círios, que ladeavam a defunta, queimavam silenciosamente, desapareciam numa consumpção lenta, agitando no ar incensado as lâminas avermelhadas de suas chamas.

Em dado momento, um cãozinho da casa, a rosnar, arrastou para o meio da sala silenciosa e fúnebre, a maleta do doutor, que, aberta e aos puxões, deixou cair no soalho três sanguíneos pedaços de carne...

Um dos presentes correu para o achado do animal, mas entre indeciso e espantado, ficou atônico, sem saber o que fazer, se apanhá-lo ou sentar-se. O doutor Liber não arredou o pé, conservando-se imperturbavelmente no lugar em que se achava. Empalideceu, apenas. Uma segunda pessoa tudo recolheu na maleta, cujo dono foi chamado de parte. Não houve ruído de fala. Entraram para um quarto contíguo. Todas as perguntas feitas ao doutor ficaram sem resposta. O coronel e os demais do grupo, sem nada compreender, mostravam-se, entretanto, fundamente impressionados. Foi lembrada a presença do farmacêutico. Quando o homem chamado às pressas, olhou para o que lhe mostravam, exclamou com horror:

— Virgem Santíssima! São pedaços da Mariazinha!!

O coronel, ao ouvir semelhantes palavras, caminhou para o cadáver da filha, e arrancando-lhe com mãos crispadas as vestes de cetim róseo, viu, no ventre alvo e polido de sua querida Maria, um corte longo e anegrado. Susteve-o nos braços alguns instantes, com um aspecto trágico e horrível de ter ensandecido.

Colocou-o de novo no caixão com extremo cuidado, com carícia de mãe que acomoda no berço o filho pequenino e doente. E caiu pesadamente, de corpo inteiro. Estava morto.

* * *

Nessa mesma noite, depois do desaparecimento misterioso do doutor, foi-lhe a casa invadida por uma horda vingativa e colérica.

Ao entrar na vasta sala do casarão pararam os assaltantes, de repente, tomados de um estranho medo. A um canto havia três grandes esqueletos metidos em armários de vidros; caveiras de vários tamanhos e feitiços alinhavam-se sobre uma longa e estreita mesa, a rir, funebremente, o grande riso final, o riso que ri de *la infinita vanité del tutto*²³⁴, microscópios, micrótomos, estufas, esterilizadores, coleções de pequenos vidros de reativos, gaiolas de cobaias e armários carregados de provetes²³⁵ rotulados enchiam o aposento. Nas prateleiras, armadas nas paredes, se enfileiravam dezenas de grandes vasos de vidro, contendo, embebidos em líquido claro, fígados, corações, cérebros, pulmões, baços etc...

Os invasores detiveram-se surpreendidos e receosos de tocar naquelas coisas misteriosas e satânicas. O chefe do grupo, porém, caboclo valente e desempenado, percebendo o temor súbito que invadira os seus camaradas, caminhou para a frente, de cacete em punho, para tudo destruir.

Mas ao ergue-lo nos ares, com arrogância de corajoso e forte bater de pés, um dos esqueletos oscilou e caiu de en-

234 A infinita vaidade de tudo (tradução).

235 Pequeno morteiro para ensaio com pólvora.

contro ao vidro da frente, que se partiu estrondosamente, deixando aparecer do lado de fora, a caveira polida e brilhante, de maxilas afastadas, a rir um riso sem estralhada, mas horrivelmente atroz, de arrepiar, de doer...

Todos recuaram espavoridos e apossados de imenso terror. Estabeleceu-se uma debandada pânica, que os atirou em tumulto para fora da casa maldita, deixando a ressoar no corredor e velhos quartos o ruído da tropelia...

O TROPEIRO²³⁶

Ao Dr. João Deoclécio Ramos

— Camaradas, é de manhã! O galo já cantou e a lua não tarda a fugir, — gritou o Pedro dos Anjos, levantando-se e entrouxando a rede.

Os camaradas, já de pé, pegavam dos cabrestos e cordas para encangalhar as mulas que pastavam perto.

A lua, grande e muito branca, descia lentamente, espalhando uma branda luz sobre as franças²³⁷ das árvores que morriam longe, no sopé dos cerros²³⁸ distantes.

Sob o alpendre estavam as arrumações de uma tropa que vinha de longe: cangalhas, couros, cilhas²³⁹ e esteiras dispersavam-se pelo chão, na confusão da viagem. No centro, tições rubros davam uma temperatura morna. Os raios do luar caíam obliquamente, alumando o rancho.

A dois passos passava a estrada, larga, arenosa, semelhante a uma faixa de linho muita branca. Cercando a casinha estava a mataria²⁴⁰, num soturno ramalhar²⁴¹.

236 Editado pelo acadêmico Paulo Andrade Prata.

237 Conjunto de ramificações menores e mais altas das árvores.

238 Morro pequeno, íngreme e repleto de pedras.

239 Tiras de couro ou de pano com que se aperta a cela.

240 Matagal.

241 Melancólico agitar dos ramos.

A voz de um galo ouviu-se ao longe.

Pedro dos Anjos alertou novamente os camaradas, que já traziam presas as mulas cargueiras.

Enquanto os companheiros as encilhavam²⁴², ele saiu para a estrada e olhou o tempo. Era atrigueirado²⁴³, forte, tipo do sertanejo nortista, genuíno filho das serras. O seu perfil se desenhava na areia da estrada, mostrando as linhas do seu todo rijo^{244*}. Sob as abas do seu chapéu de couro via-se um rosto moço, tostado pelos sóis de viagens longas.

— São quase quatro horas, e, se não puxarmos, chegaremos em casa madrugada velha, disse ele, juntando-se aos companheiros. Olhem que quinze léguas não são viagem pouca, ainda mais para quem já vem com animais trabalhados²⁴⁵, concluiu fazendo os últimos preparativos.

— Quem tem gente nova em casa é assim mesmo seu Pedro, deve ter pressa de chegar, falou o Manoel dos Palmares, caboclo alto e valente, compadre de Pedro dos Anjos.

E depois de arrochar uma das bestas, adiantou:

— Devíamos ter “descido” lá para os fins de Janeiro, não havia pressa desta lã cá na vila. Quando a gente se casa, seu Pedro, não se sai de casa, não é bom...

— Mas, homem, foi um recado que recebi do Leodoro, que levasse a lã, e de pressa. Três dias depois de casado tive que cair na estrada, não houve jeito.

É demais, compadre, é disto que como, que ela vai comer e mais a gente que vier, Deus querendo.

242 Apertavam com cilha o cavalo.

243 Moreno.

244 Duro, forte, resistente.

245 Cansados.

Montados, a “linha” estalou e as mulas escoteiras partiram na frente, de chouto²⁴⁶, tangidas por dois rapazotes. Pedro e Manoel seguiam à curta distância, no passo rítmico de suas montadas. Pedro, repentinamente triste, ia calado, pensativo, soltando baforadas de fumo de um grosso cigarro de palha. De um dos ombros pendia-lhe a comprida “linha”, cabo de buranhém^{247*}, todo anelado. Na cintura, a garrucha e a faca vinham presas por um cinto largo, de five-la grande que reluzia. De vez em quando se ouvia o estalo da “linha” ou a voz de um dos rapazes da dianteira, cantarolando uma cantiga amorosa.

— Compadre Manoel, disse por fim Pedro dos Anjos, se Maria adivinhasse que chego hoje, que alegria! Está com quinze dias que saí de casa e só Deus sabe as saudades que tenho tido dela! Na hora da minha partida uma coisa cá dentro me dizia: fica, Pedro! Fica Pedro! Não era a saudade dela que me empatava a viagem, isto não, eu cá me governo. Era, porém, uma outra coisa que nem sei lhe dizer, compadre. Aquele Juvêncio, primo dela, tem me remexido o juízo. Falam que ele teve por Maria uma paixão doida, mas isto já lá vai muito tempo... É preciso trabalhar compadre, principalmente agora que vou ter família. Desde menino que ando neste mundo de Deus sempre viajando, lutando, vivendo. Tem três anos agora pelo Natal que vi Maria pela primeira vez. Foi numa função em casa do José do Buril, lá na Lagoa. Tinha uns olhos, seu Manoel, que fazia gosto a gente reparar neles; um corpo tão dengoso e bem feito, que até não parecia ser de carne como os outros; uma boca tão vermelha como a maçaranduba! Ai! compadre, a gente vive é prá elas e também se morre por elas...

246 Trote miúdo da montaria das bestas.

247 “Árvore doce” (tupi-guarani), árvore de grande porte, de madeira resistente.

Feito o cigarro e colocando-o no canto da boca, continuou, depois de andarem mudos um pedaço grande.

— Toda a vez que “descia” com a tropa bebia água em casa dela. Mandava a rapaziada tocar na frente e ficava um “tempão”, como que deslembado deste mundo velho, a modo de quem tinha bebido cachaça.

— Mulher também embebida, atalhou o Manoel dos Palmares, com ares sérios e graves.

— E é mais forte do que a do barril novo, acrescentou o Pedro, rindo com satisfação.

Reatando o fio da conversa, prosseguiu:

E que coração, homem de Deus! Conversava, mandava me assentar, indagava se lá para minhas bandas estava chovendo, e tanta coisa mais que eu ficava que nem da tropa me lembrava! Pelo S. João deste ano levei a ela dois pentes de lado, que ainda hoje tem como coisa do seu coração. Agora, na santa missão que houve na Lagoa foi que me casei, está com dezoito dias, inteira hoje.

— E com quinze que viaja, disse o Manoel, que vinha prestando ouvido à conversa do amigo.

— É verdade, compadre, suspirou Pedro, com saudade.

O céu ia esmaecendo²⁴⁸ pouco a pouco com as primeiras claridades da manhã. As aves mais madrugadoras contavam já nos galhos das juremas, na satisfação da noite passada no calor dos ninhos. Ramos enfolhados de árvores, à beira da estrada, chuviscavam os tropeiros de um orvalho fino e gélido.

O vento fresco da manhã passava vagaroso, cheirando a mato verde. A estrada se desenrolava sempre, parecendo infundável.

²⁴⁸ Perdendo a luminosidade.

— Compadre, vamos adiantar que o descanso está longe e o sol não tarda a sair, preveniu o Manoel.

E tocaram. O meio dia a tropa passou sob a copa de uma árvore amiga.

Quando o sol deu de pender para o poente, abalou novamente.

Dez léguas os separavam ainda dos lares humildes. Eram vizinhos. Pedro dos Anjos morava a um tiro de espingarda de Manoel dos Palmares. Os dois rapazes, sobrinhos do Manoel, moravam em companhia do tio, a quem adjutoravam²⁴⁹ na labuta rude das viagens.

A noite encontrou-os arredados²⁵⁰ de casa um bom pedaço. Mas fazia luar e a estrada era boa. Quando chegaram, a lua já estava alta. À porteira da casa de Pedro, separaram-se.

— Lembranças a Maria, falou Manoel, já se encobrindo.

— Será lembrado, respondeu o amigo, entrando no roçado de casa.

No peito másculo do sertanejo o coração bateu mais forte, o sangue tornou-se mais quente. Era o grande desejo misturado de um sentimento rústico, grande também.

— A modo que vou ter sezões²⁵¹, cochichou ele, notando a sua perturbação.

Mas logo, descobrindo a causa, disse alto, todo satisfeito:

— Qual nada, isto é obra de mulher que faz até a gente virar menino.

Aproximou-se da porta e bateu, chamando baixinho:

249 Ajudavam.

250 Distantes, afastados.

251 Febre intermitente ou periódica, precedida de frios e calafrios.

— Maria! Maria!

Um ruído estranho partiu dos fundos da casa. Era como a carreira de algum animal.

O sertanejo prestou ouvido e falou de si para si:

— Algum bicho que anda beirando a casa, gato do mato talvez...

Um tiro ecoou nas baixadas. Pedro teve um estremecimento, mas, serenado logo, lembrou-se da armadilha que deixara para a raposa, que lhe estava acabando com as galinhas.

— Vou espiar esse bicho, enquanto Maria abre a porta, murmurou deixando a casa.

A poucos passos da armadilha recuou. No chão, estorcendo-se²⁵² em poças de sangue, estava o corpo de um homem. Era Juvêncio. Rápido, Pedro compreendeu a desgraça. Um suor frio ensopou lhe as fontes²⁵³, que latejavam como num acesso de febre.

— Perdão, Pedro! Por Nossa Senhora me perdoa, dizia o ferido em voz de gemidos. Salve-me, Pedro, não me deixe morrer, implorava.

O cérebro de Pedro dos Anjos estalou, como que se comprimindo. Todo o seu corpo tremeu num abalo forte. Uma onda de ódio terrível inundou-o, anasarcando-o^{254*}. Como um cão faminto e raivoso, lançou-se sobre o corpo de Juvêncio, dilacerando-o com fúria bravia.

Tinto de sangue, espumante de raiva feroz, correu para casa, cuja porta cedeu ante seu ombro possante.

252 Contorcendo-se.

253 Encharcou lhe a região entre os olhos e as orelhas.

254 Paralisando-o.

Maria, em camisa, chorava diante da figura de um Cristo em registro, que pendia da parede sem reboco. Pedro pegou dela pelos cabelos desnastrados²⁵⁵, levou-a de rojo²⁵⁶ para o alpendre e aí fê-la soltar o derradeiro gemido ao décimo golpe do punhal. Na luta o sangue espadanava^{257*}, cobrindo os dois corpos.

Pedro no auge da loucura e da ferocidade, ergueu-a nos braços musculosos, e num impulso forte lançou-a sobre um cacto gigante e antigo que havia fronteiro à casa, ouriçado de milhões de espinhos.

Espetado em mil lugares o corpo de Maria bambeou, quebrando os espinhos mais tenros.

Neste instante, num véu de nuvem, a lua escondeu a face muito pálida...

Cavalgando a mula, Pedro dos Anjos desapareceu na curva da estrada branca e infindável...

255 Destranchados, desentrançados.

256 Arrastando.

257 Jorrava.

OBSTINAÇÃO²⁵⁸

A Vicente de Mesquita

Mal surgia eu, no largo de S. Francisco, meus olhos caíram sobre feições conhecidas.

— Tancredo, você aqui?

— Em carne e osso meu amigo.

Abracei o meu colega com a emoção leal que me dera o imprevisto do encontro e a afeição sincera que lhe devotava. Dei-lhe o braço e entramos, naquela hora adiantada da noite, no primeiro café. Conversamos sobre tudo que dois velhos camaradas podem conversar, depois de dez anos de separação.

Dissemos mil coisas, tocamos em dezenas de assuntos, sem nos determos em nenhum. Eu, sobretudo, era quem mais falava, porque o meu amigo, segundo o velho hábito, era homem que poupava palavras. Muito tarde já, ao nos despedirmos, ele indagou-me, com um acento profundo na voz:

— Onde moras?

Forneci-lhe o meu endereço.

— Pois bem, disse-me ele, apertando-me o braço entre os dedos finos: espera-me no sábado.

Tomei pela Rua do Ouvidor, àquela hora tão triste e adormecida, sob a vigília luminosa do seu ardente rosário de luz.

258 Editado pelo acadêmico Rusel Marcos Batista Barroso.

A imaginação, retrocedendo dez anos, lá estava na Faculdade, às voltas com Tancredo. Havíamos entrado juntos para Escola de Medicina. Tancredo, mais velho do que eu, ajuizado, experiente e equilibrado, era o meu guia, o meu conselheiro, o meu professor muitas vezes, o bom amigo para quem a minha vida não tinha segredos. Votava-lhe eu uma imensa simpatia e, para que negar? Um grande respeito por aquela figura alta, grave, de gesto lento e feições rígidas.

O que mais me impressionava em Tancredo era a serenidade impassível do seu todo esquelético e a bondade desinteressada e espontânea que vivia no fundo dos seus atos obscuros. O seu longo corpo descarnado, metido eternamente num crescido e pontudo jaquetão, valeu-lhe na Escola o apelido de “o pré-histórico”. Aquele físico bizarro deu-lhe, por parte dos rapazes, quando não horror e repugnância, uma geral antipatia.

Só eu era seu íntimo e sabia do seu passado amargurado, cheio de lances trágicos e sofrimentos, que só se encontram nas novelas.

Tancredo Bastos era cearense. Aos quinze anos de idade, como primeiro entendimento da vida, teve a morte de seu pai, apunhalado, estirado em sanguieira, por ocasião de uma eleição disputada. Quebrada, assim, tão cruamente, a forte cumeeira²⁵⁹, toda a casa se foi na queda. Pouco depois, sua mãe e uma irmãzinha morriam de fome, sim, morriam de fome na estrada poenta e insolada, no auge de uma das secas da terra mártir.

Só no mundo, veio ter ao Rio, como o sargaço²⁶⁰ vai ter às praias. Aqui, terminou a adolescência no balcão sebento de uma venda, sob a vigilância austera de patrões desal-

259 Parte mais elevada de um telhado, geralmente o sustentáculo da casa.

260 Algas castanhas de praia.

madros. Passou, em seguida, a ser servente da Santa Casa, tornando-se, por último, enfermeiro de um velho possuidor de muitos contos e de uma paralisia. Foi como servidor desse paralítico, que Tancredo conseguiu matrícula na Faculdade, sabe Deus com que esforço! A morte do velho, que foi a primeira e única pessoa a amiserar-se dele, veio encontrá-lo já nos últimos anos de estudo. Foi por essa época que nos unimos mais intimamente, porque levei para minha mesa o pobre amigo.

Depois de ter feito doutor, embarcou para Mato Grosso, escrevendo-me, nos primeiros tempos, breves postais, lacônicos cartões, e nunca uma carta longa e minuciosa, como pedia a nossa amizade. Mas eu, que lhe conhecia o temperamento, desculpava.

Dois anos depois, cessados por completo as suas notícias, pensei, então, na sua morte.

Eram estes os meus pensamentos quando entrei no bonde. Paguei a passagem, cumprimentei um amigo sentado no mesmo banco e continuei a pensar novamente em Tancredo.

Achei-o, então, mais escaveirado²⁶¹, os olhos apagados mentidos na gruta das órbitas, as arcadas zigomáticas²⁶² salientes e longas, a boca murcha e duas covas fundas nas bochechas flácidas. As abas do indefectível jaquetão movendo-se como duas asas de vampiro sobre o tórax ossudo.

Conservava a mesma impassibilidade de sempre, a mesma serenidade, o mesmo gesto manso de estudante. Tancredo nunca se me afigurou tão enigmático, tão misterioso, o olhar encavernado nas órbitas escuras a circunvagiar, não se sabe por onde.

261 Magro, semelhante a uma caveira.

262 Ossos da face em volta dos olhos.

* * *

O sábado chegou, enfim, chuvoso e triste. Passava já de dez horas da noite, quando me entrou em casa o meu amigo. Recebi-o com um verdadeiro calor fraternal. Tomamos chá e acendemos os nossos charutos. Esperei que Tancredo entrasse logo, a narrar-me o que fora a sua vida naqueles longos dez anos. Mas ele, sinistro como nunca, dava silencioso, grandes passadas na sala, de mãos nas costas, a sombra esguia alongando-se pela parede. Caímos num mutismo embaraçoso e vexador. Quando, afinal, me dispunha a falar, ele caminhou para mim, segurou-me o braço com vigor e perguntou:

— Amâncio, és ainda meu amigo?

— Duvida?

— Pois escuta, eu vim aqui para te contar, tenho necessidade de falar, sinto um grande peso dentro de mim. É preciso que alguém no mundo saiba da minha vingança, do meu crime, do meu duplo crime.

Fiquei atônito ante a figura patética do meu camarada. Ele sentou-se perto de mim, quebrou com a polpa do mínimo a cinza do charuto e falou:

— Quando depois de ter concluído o curso te deixei aqui, fui ter em Santa Rita, em Mato Grosso. Começou, então, sob os melhores auspícios, a minha vida clínica. Trabalhei com consciência e amor. Não tardou para que o meu nome fosse abençoado por aquela gente, a quem eu, às vezes, salvava da morte e sempre aliava das dores. Eu, que sempre dependi do teu bolso, tornei-me rico. Fundei um pequeno hos-

pital, onde a pobreza enferma achava abrigo e encontrava um leito, onde morrer tranquilamente. Na prática do bem era que conhecia algum alívio para os meus tormentos interiores. Sou um filho bastardo da vida, mas não é por isso que a renegue, envenene e odeie.

Vivia assim, meu amigo, quando fui, na noite do meu domingo, chamado para casa do velho Braga. Braga era um meu cliente e amigo, não tinha conta as vezes que lá ia melhorar os seus ataques de asma. Era um velho português celibatário, que ali vivia desde menino, tornando-se o mais rico negociante de Santa Rita.

Cuidei que o meu doente fosse o mesmo de sempre, o velho Braga a sufocar e gemer, numa ânsia de ar para os seus pulmões doentes. Surpreendi-me, pois, quando soube que era sua pupila, a Clarinha, moça de uns dezenove anos, que eu até ali só tinha visto duas vezes na missa dos domingos. Recebeu-me o Braga, que foi logo adiantando, com solicitude:

— Entre, doutor, entre! É a nossa Clarinha que não está lá muito bem, sente dores no corpo e pede auxílio da sua medicina.

Ao entrar no quarto dei com os olhos na doente, recostada nos travesseiros, cabelos desnastrados²⁶³ e uma leve palidez no rosto amorenado. Não reparei se era bonita ou feia, aproximei-me no leito e comecei o exame. Nada havia de grave. Fiz uma receita banal, recomendei repouso e despedi-me. Em caminho de casa vieram-me à mente várias coisas, que me impressionaram no correr do exame. Clarinha tinha manchas pelo corpo, equimose, sinais visíveis de ofensa física. Num dos olhos existia uma orla arroxeada e, no pescoço, uma grande arranhadura. Quando indaguei

263 Sem destreza.

daquilo, a jovem olhou para mim, levou as mãos aos olhos e afogou a cabeça soluçante nos travesseiros. No dia seguinte, repeti a visita, que era mais curiosa do que médica. Entrei só no quarto, Braga ficara na loja detido por alguns fregueses. Encontrei Clarinha melhor, mais serena. Quando lhe ia pondo o termômetro, a moça lançou-se-me nos braços, tomada de um pranto nervoso e convulso.

— Doutor, leve-me daqui, pelo amor de Deus, doutor, leve-me daqui.

Visivelmente perturbado disse, soltando o meu pescoço dos seus braços:

— Sossega, menina, não é nada, vais ficar boa.

— Eu não estou doente, doutor. Ele bateu-me, bateu-me sempre. Não fico mais aqui.

— Bateu-te? Por quê?

— Porque... porque padrinho quer que eu more com ele.

Confesso-te, Amâncio, tive naquele momento um tremor de indignação, tão íntimo e tão profundo, que todo o meu corpo tremeu num abalo forte.

— Horrível! Exclamei sensibilizado.

— Daí em diante, continuou o ex-clínico de Santa Rita, comecei a encontrar Clarinha em casa de uma madre. A moça inspirou-me uma grande pena, e senti a necessidade de protegê-la e de ama-la. O velho Braga, inconsciente de luxúria e de maldade, queria, por força, fazê-la sua amante. E a heroicidade daquela menina, em padecer e reagir, era a fonte principal da minha simpatia. Clarinha era de uma meiguice de pássaro, de uma humildade comovedora. Por outras palavras, meu amigo, amei pela primeira vez com paixão e arroubo.

No dia em que lhe perguntei se queria casar comigo, — tenho na memória o quadro — senti-lhe as lágrimas felizes molharem-me o peito. Levantou depois a falta orvalhada, mirou-me longamente nos olhos e desatando-se dos meus braços com repentina e humilde tristeza:

— Ah, quem sou eu para casar com o senhor! Gente à toa, sem pai nem mãe, o senhor um doutor.

Com resposta àquela desconfiança, mergulhei minhas mãos tremulas nos seus luzentes cabelos de azeviche e beijei-os com arrebatada paixão.

Casamo-nos.

Tancredo levantou-se. A chuva continuava a cair, lacrimando nas vidraças, onde a luz da lâmpada punha um brilho irisado. Tancredo acendeu o segundo charuto, tirou pesadas fumaças e reatou, sentando-se:

— E para não te fatigar mais, direi somente que, seis meses depois, Clarinha traiu-me.

Esta última palavra chumbou-me na cadeira, saindo-me mecanicamente e de um jato a pergunta:

— Com quem?

— Com o velho Braga, respondeu ele passivamente.

— Com o velho Braga?!

Senti o rosto afogueado e as têmporas baterem com força.

— Ainda não cheguei ao fim, escuta o resto. Tardei a aceitar as suspeitas, mas atrás delas vieram os fatos probantes. Deixei-a então à solta. Fechei os olhos e tapei os ouvidos. Aguardava, nem sei o que, esperava talvez que o destino com sua própria mão viesse desmanchar a meada, como veio.

Caiu o Braga doente e eu fui chamado.

Adivinhando a confissão do meu amigo, atalhei:

— Matou-o?

— Matei-o, disse ele friamente.

— E Clarinha?

— Tornei-a morfinomaníaca e assisti, durante dois anos, a sua agonia lenta, a vinda sorrateira e vagarosa da morte, que a levou para minha tranquilidade.

Eu estava atordoado e perplexo:

— A vida, Amâncio, disse-me Tancredo com um brilho estranho no olhar, tem-me ódio, um profundo ódio. E com voz firme, cortante como os ventos da noite má, agressiva e ríspida como sua própria sorte, rematou:

— Mas eu teimarei em viver.

A luz morta dos primeiros albores da manhã diluía a nevoa que cobria a cidade adormecida.

O HOMEM DAS CABEÇAS DE PITO²⁶⁴

A Carvalho Neto

O ruído confuso e multiforme das feiras, vem quebrar uma vez por semana a enervante e melancólica quietação das vilas e cidades do Nordeste

Geralmente organizadas nos dias de sábado, segunda ou sexta, as feiras ao ar livre constituem uma nota bizarra e interessante, que vem arrancar as povoações da sua modorra, agitando-as e lançando-as na turbulência da vida.

Reúne-se na praça principal do lugar, em torno do mercado, casarão de largas portas ovais, rasteiro e sólido como uma fortaleza, uma população feita da mistura do pracião²⁶⁵, com ares de civilizado, e do tabaréu ingênuo e rude, de chapéu de couro batido na frente e trajas de carregaço²⁶⁶.

A cidade, despertando do torpor em que esteve mergulhada durante sete dias, sacode-se toda e ri com alegria. O comércio, então rejubila. É o dia das grandes vendagens. Das bandeiras das portas pendem, tremulando ao vento, os chales vermelhos, os fichus²⁶⁷ róseos, os cortes de chita

264 Editado pelo acadêmico Paulo Sérgio Oliveira Nunes.

265 Morador da cidade, da praça...

266 “Produto de carregaço”: diz-se do produto fabricado de qualquer maneira para ser vendido mais facilmente. Produto ou serviço de qualidade inferior.

267 Espécie de lenço ou mantilha usado para a cabeça ou para os ombros, geralmente por mulheres, para cobrir o decote.

para todos os gostos; de bolinhas azuis, riscos verdes e arabescos multicores. Enchem-se os partais de amostras de mercadoria: instrumentos agrícolas, foguetes do ar, facões marca “jacaré”, rifles “papo amarelo” etc. É um reclamo²⁶⁸ e ao mesmo tempo um favor prestado ao sertanejo, que quase sempre se vê embaraçado para comprar qualquer coisa, sucedendo, muita vez, entrar na botica²⁶⁹ e perguntar, mirando as prateleiras:

— “Moço, vancê²⁷⁰ tem anzó”?

Os artífices locais levam a sua mercadoria, expondo-a aos olhos ávidos dos fregueses que a cercam, admirando-lhe a benfeitoria. Tal é o latoeiro com seus canecos, cuscuzeiros, chocolateiras e bibianos²⁷¹; o fabricante de facas de cabo de chifre, as lambedeiras²⁷² espetadas em fila numa mesa; o carpinteiro com suas mobílias de carregaço²⁷³ etc.

Por sua vez traz o sertanejo o seu objeto de venda: cereais, frutas, requeijões, couros de onça e mais uma infinidade de coisinhas, que o praciano adquire e por bom preço.

E durante todo o dia a multidão, a vozear, compra, vende e barganha.

Todos “fazem feira”, segundo a expressão usada.

Das quatro em diante começa a retirada. Quem mora mais longe é quem sai mais cedo. E lentamente a praça vai-se esvaziando, o burburinho diminuindo, até desaparecer de todo, já noite fechada, quando resta apenas, co-

268 Anúncio.

269 Pequena venda de comércio.

270 Vosmicê, você.

271 Pequeno candeeiro de folha-de-flandres, Fifó.

272 Facas grandes usadas para aves e bois.

273 Móveis fabricados em larga escala.

mo sinal de feira algum borracho²⁷⁴ a grunhir dentro da bodega esconsa²⁷⁵.

Os dias de feira são aprazados ao: conflitos, consequência natural do ajuntamento e das bebedeiras.

É por isto que logo cedo, ao chegar dos primeiros feirantes, já aparece o destacamento, formado de quatro soldados e um cabo, sob o comando de um sargento. É bem de ver como vem ele de farda escovada e botões reluzentes, a descer pelas ruas, na cadência de um passo marcial e firme. O sargento destacado para um lado, carrancudo, autoritário e fanfarrão, dá ordens.

O cabo marcha na vanguarda, de quepe à ré e ares hostis de quem quer brigar.

Ah! que poder e que prestígio tem estes seis homens de farda, geralmente analfabetos, perversos e criminosos, naquelas pobres cidades!

O sertanejo olha-os com respeito e temor, o que o não impede, todavia, de rebelar-se a ferro e fogo, contra sua autoridade descabida e ultrajante.

O “praciano”, porque os teme também, e é covarde e vi-vedor, adula-os, amigueiro e serviçal. Os próprios chefes do lugar acamaradam-se com eles, para que lhe sirvam de bons instrumentos políticos.

Para bem dizer o governo local está nas mãos do sargento. É ele quem manda e desmanda, prende, solta, bate, mata, fere...

Quantas e quantas vezes se não vê, — não há aqui ficção, leitor incrédulo, — soldados prenderam por um nada pobres matutos e miseráveis mulheres bêbadas, e vagarosamente atra-

274 Bêbado.

275 Lugar escondido, oculto, esconderijo.

vessarem as ruas a cruzar os facões no tórax do preso, na frente e nas costas, até chegar aos quartel, onde a vítima cai de borco²⁷⁶, umedecendo o chão da cadeia com um golfo de sangue?

São ordens do sargento.

O chefe sabe, mas não diz nada. Não é conveniente desgostar o autor do feito bárbaro. E aperta-lhe a mão, risinho, quando adiante o topa.

O soldado de polícia entende que não pode cumprir seu dever sem ser, antes de tudo, um perverso.

E a perversidade lhe vem com a farda.

Homens bons por temperamento, incapazes da menor malvadeza, adquirem, juntamente com a farda, uma maldade que chega ao extremo.

Nos dias de feira, terminado o policiamento, à noitinha, quando a praça começa a silenciar, o comandante retira do peito da blusa o apito que traz preso a uma correntinha, e trila três vezes chamando as praças, que entram em forma e abalam, de novo, em procura do quartel, num passo marcial e firme.

Simão Dias, no oeste de Sergipe, vizinhando com a Bahia, era e é o lugar das feiras mais concorridas da região.

Serve, por assim dizer, a cidade sergipana. De empório ao imenso sertão baiano, que vai desde Patrocínio do Coité até Canudos, o invencível, covil de jecas que surraram bravamente milhares de homens sadios, instruídos e armados.

Toda aquela onda de “catingueiros” desce e vem feirar em Simão Dias.

Foi num certo dia de sábado, ali pelas duas horas da tarde, quando a feira subia ao galarim²⁷⁷ da animação, a praça,

276 De bruços, “de barriga para baixo”.

277 Auge; máximo. posição de maior evidência.

regurgitando de gente que vendia, comprava e barganhava, o empregado da intendência seguido do sargento, arrecadava impostos. Lá iam os dois de feirante em feirante, o cobrador de livro de recibos em punho, velhaco e desonesto, e o garantidor da ordem pública imponente e respeitável, a acepilhar²⁷⁸ as asperezas da cobrança com seus ares rebarbativos de autoridade legalmente constituída.

Todos contribuía para o cofre de madeira da municipalidade, desde o humilde vendedor de pimenta até o abastado negociante de cereais.

Raros eram os que se queixavam, reclamando contra os pesados impostos.

Mesmo esses raros não faziam senão resmonear²⁷⁹, sopitando²⁸⁰ a raiva que lhes subia à garganta. É que ali estava bem perto o reluzente rifle do sargento, a terrível garantia das leis municipais.

Já no final da arrecadação chegou a vez de um vendedor de “cabeças de pito²⁸¹”. Era um homem pequenino, pálido, magro e franzino como um convalescente.

Fios de pelos raros manchavam-lhe o queixo e os cantos do lábio superior, ficando muito lisa e polida o resto da cara, onde havia uns olhos parados de peixe morto. Vestia umas calças feitas de saco de farinha do Reino, presas na cintura por uma fita verde de pindoba. A camisa, do mesmo pano, mostrava ainda nas costas, bem vivo, o letreiro azul da mercadoria.

278 Aplainar, desbastar.

279 Resmungar, falar em voz baixa.

280 Acalmando, abrandando.

281 Pequenas cuias de cerâmica, para pitar fumo de corda desfiado, em conjunto com um canudo de madeira.

Estava sentado na calçada, encolhido como que a esquentar sol, tendo diante dele um lenço estendido no chão, expondo em cada ponta cabeças de pito, negras, reluzentes, bem queimadinhas e cheias de arabescos simples.

Havia de todos os tamanhos, para grandes e pequenos fumantes.

Os homens do governo aproximaram-se e exigiram-lhe o imposto: cinco tostões. O vendedor careteou desgostoso. Achou um “despotismo” de dinheiro.

— Vancê me desculpe, seu fiscal, mas eu não tenho...

— Não quero saber de nada, retrucou o homem, quizilado com a pobreza do contribuinte. E, ameaçando-o com o lápis, perguntou quase colérico:

— Paga ou não paga?

— Mas eu não tenho, gemeu novamente o interpelado, hoje não vendi quase nada, só duas cabeças, e das pequenas, a dois vinténs cada uma.

— Você tá querendo é cadeia, seu ladrão, vociferou o sargento muito zeloso em angariar níqueis para o coronel Valentim, o intendente, e seus particular amigo.

— Ladrão não senhor, eu nunca roubei nada do seu. De nós três eu não sei qual é o ...

— Prenda esse desaforado, sargento, ordenou o raivoso fiscal.

Mal, porém, o polícia lhe tocava no braço o homem das cabeças de pito ergueu-se num pulo ágil e queimou-lhe a cara com uma estrepitosa tapa.

O sargento, tonto, levou o apito à boca e pediu auxílio, nervosamente.

As praças, que andavam longe, dispararam na carreira, segurando o quepe e o comprido rifle que lhes embaraçava as pernas. A corrida dos soldados fez com que toda gente falasse quase a um só tempo:

— É briga! ...é briga! ...

Enquanto isto, o homenzinho que não pagou imposto, havia pulado para perto de caçuás cheios de cocos, secos e fazia frente à tropa.

Arremessava os cocos com uma segurança e certeza verdadeiramente admiráveis. Um deles, arredondado e de uma dureza pétrea, atingiu em cheio a cara do cabo, que rolou por terra, como que ferido de morte, lançando pelas largas ventas dois jorros de anegrado sangue.

Um outro alcançou o sargento em plena testa, atirando-o de corpo inteiro na calçada, como fulminado por uma apoplexia. Os restantes, quando não atingiam a soldadeca, contundindo-a, alcançavam os paisanos curiosos que expectavam a briga.

Fez-se então um grande círculo em torno dos lutadores. Quatro contra um.

Eram agora só as quatro praças; os graduados, já de pé, mas aturdidos, limitavam-se a açular os inferiores.

E o homem das cabeças de pito resistia valentemente. Era, quase incrível que aquele magricela pudesse lutar daquele modo, com tal destreza e tamanho vigor! Parecia feito de aço o corpito frágil do tabaréu, cheio de uma vitalidade inesperada e surpreendente.

Num dado momento, com uma agilidade indescritível, saltou sobre um dos soldados e, num abrir e fechar de olhos, arrebatou-lhe o rifle.

Apossado da arma, tentou, num arrojo supremo de valentia, a ofensiva. Caminhou para diante e acutilou ferozmente a gente do governo, que recuava caindo e levantando...

Mas era demais. Agora tinha contra ele todo o destacamento. O cabo e o sargento, cheios de novo vigor, rugiam desejosos da desforra.

Colocou-se, então, na defensiva. Os seis homens, furi-bundos e sanguissedentos, cada vez mais estreitavam o círculo, forçando-o a recuar, mas lentamente, palmo a palmo. E num dos instantes mais desesperados da luta eis que o homem das cabeças de pito sentiu que a pindoba que lhe servia de cinto havia se partido!

As calças caíram-lhe aos pés, em rodilha. Mas ele, desembaraçando-se rápido do estorvo, continuou a pelejar. A camisa, curta e alva, descia somente até pouco abaixo do umbigo...

O bravo, porém, em nada reparava, tinha a cabeça partida e a cara lavada de sangue. Estava empenhado numa luta de vida e de morte... entregar-se era que nunca...

Antes mesmo que os homens dessem fé do escasso traje do lutador, escapou-se do mulhierio um grande alarido. Tapando os olhos castos com os chales grossos, entravam pelas casas de comércio, chamando em voz alta por nomes de santos.

Estabeleceu-se, então, uma confusão dos diabos. Quem estava longe e via tanta gente a correr, em vozeria, imaginou logo que o conflito tivesse tomado grandes proporções.

E os boatos apareceram, céleres. Mataram quatro...três...cinco...o delegado está nas últimas... há muitos cadáveres na farmácia... só resta um soldado...

E aquela gente toda se atropelou, fugindo em debandada pelas ruas que desembocavam na praça. A luta não descontinuava, violenta e feroz.

O atacado tinha o plano de arrastar os soldados até perto do seu cavalo, pingo ossudo que estava sem arreios a descansar amarrado ali próximo.

O herói recuava aparando golpes e distribuindo golpes, terrível, formidável, gigantesco.

Fechou-se o comércio e as ruas ficaram desertas. Dentro das casas, com arrepios de medo, levantavam-se as vítimas inúmeras.

De repente o homenzinho de uma pequena carreira, cortou de um golpe o cabresto do pingo, saltou-lhe no lombo magro, e despedindo um urro zombador, disparou numa desfilada louca pela praça, vencendo na arremetida a barreira da tropa guerreira e furiosa. O cavalo era como o dono: tinha forças guardadas.

Ao dobrar a esquina que dava para a estrada do sertão, ainda se avistou a fralda vermelha e branca a agitar-se nos ares, como um pendão de vitória.

Os soldados resfolegaram, sacodiram-se e entraram em forma praguejando. O sargento tinha um tumor azulado na testa e o quepe imprestável; o semblante do cabo, dantes harmonioso e simpático, estava deformado pela inchação e com as ventas a minarem uma água sanguinolenta. Um dos soldados, como prêmio de sua afoiteza, recebeu três cutiladas mestras na cabeça e foi desorelhado; os três últimos, poupadores do corpo e desobedientes às ordens do sargento que os mandava avançar, sofreram apenas pequenos golpes de ponta de sabre e rasgões na farda.

E foi assim que o destacamento, exausto e surrado, subiu rua do comércio acima em procura do quartel num passo menos marcial e menos firme...

Mercedes Bogary²⁸²

A Laudelino Freire

A chegada da artista em Lagarto produziu um verdadeiro alvoroço. Minutos depois dela ter desmontado à porta do hotel, cansada e abatida por ter percorrido um longo trajeto em condução daquela ordem, um velho burro quase manco, já toda a cidade sabia. A notícia correria como correm as de catástrofes.

Nas ruas por onde passara atraía muita gente às janelas, e, ao entrar no hotel, foi acompanhada por meia dúzia de curiosos mais audazes.

O Libânio, o proprietário, recebeu-a. cerimoniosamente, procurando falar com acerto e aparentando boas maneiras. Alguns dos curiosos o Zeca Baptista, o Juca Barreto e o Afonsinho não a deixaram recolher-se logo ao quarto. Ficaram por ali, a conversar, entre copos de cerveja, indagando dela se trouxera bom repertório, do número de espetáculos que pretendia dar, dos lugares onde havia estado etc.

O Juca não tardou em lhe fazer muitos oferecimentos. Estava pronto para a servir e adjutar²⁸³.

Era natural. Ela se achava em terra estranha, sem conhecer ninguém e precisando do público, do grande público...

282 Editado pelo acadêmico Paulo Sérgio Oliveira Nunes.

283 Ajudar.

Que se não incomodasse com os bilhetes do espetáculo em seu benefício. Passaria todos eles, contava com muitos amigos, seria coisa fácil.

O Zeca fez ver as dificuldades de se arranjar uma boa orquestra. O Filemon, o melhor clarineta que Lagarto possuía e de quem muito se orgulhava, estava acamado, com um leicença²⁸⁴ a comer-lhe a banha farta— do abdômen; o Hipólito, ótimo pistom, viajara para Aracaju, onde naturalmente se demorava, pois fôra a negócios políticos; não se fiava nos outros... Afonsinho lembrou o Romualdo e o João Bispo. Havia de se conseguir, nem que fosse fazendo dois ensaios diários.

O Libânio prontificou-se a ir tratar com o dono do teatro, acertar o aluguel, retirar a licença e mais coisas que fossem precisas. O Juca Barreto adiantou-se, porém, e disse que não, que ele mesmo iria quando dali saísse. Pediria particularmente ao «seu» Salles que mandasse dar uma mão de cal no interior do prédio, estava sujo, havia tempos que se não abria para receber artistas. Os últimos que lá estiveram foram os Rosas», duetistas²⁸⁵ muito aplaudidos e amados. Ninguém falou do incidente quase sangrento que tivera o Juca com o duetista, por causa da conquista que lograra fazer da companheira. Lembrou-se dele o Libânio, que já via nas gentilezas do Barreto um começo de côrte²⁸⁶ á recém-chegada.

Afinal, depois de algum tempo, Mercedes pediu licença e se foi para o quarto, arrastando o seu gordo corpo esfandegado²⁸⁷ e suarento.

284 Furúnculo.

285 Dupla de cantores.

286 Conquista.

287 Cansado.

Contados bem direitinho, tinha aquela mulher cinquenta e oito anos de idade e quarenta de palco.

Era mineira, de Januária. filha de pais paupérrimos, fôra dada, quando menina, a uma comadre de sua mãe, proprietária de um hotel que vivia atulhado de gente de toda espécie. Chamava-se, nesse tempo, Maria Guilhermina.

Trabalhava a mais não poder. Quase todo o serviço da casa pesava sobre os seus ombros de rapariga de doze anos: jantares para quem chegava e saía, ceias fora de hora, leitos para não sei quantos, um horror! Cresceu naquele mourejar²⁸⁸ infernal, assediada por todos os lados, ouvindo todos os dias os maiores insultos á sua adolescência virginal e pura. Evitava este, fugia daquele, reagia aqueloutro. Foi desse jeito que, sem se sepultar na desonra, completou os dezessete a nos.

Mas o homem fatal chegou um dia, trazendo gabinete dentário e hospedando-se no hotel

Mas o homem fatal chegou um dia, trazendo gabinete dentário e hospedando-se no hotel.

O moço dentista que era tratado por doutor João, tinha umas maneiras polidas que encantavam, um sorriso gentil e um porte elegante e simpático. O seu modo de falar, então, mavioso e doce, prendia e cativava.

Com o andar do tempo veio a convivência, e com ela a intimidade. Um dia, ao entrar no quarto e dando com Guilhermina a arranjar²⁸⁹ a cama, o doutor sentou-se de lado e disse compungidamente:

— Coitada de ti, Maria! tão moça, tão bonita e tão boa, a levar uma vida que os cães enjeitariam! Como a sorte é injusta e o destino mau!

288 Trabalhar.

289 Arrumar.

Maria Guilhermina levantou os olhos do lençol que estendia sobre o colchão, e pousou-os aguados no rosto daquele que, pela primeira vez na vida, lhe dirigia palavras tão carinhosas e meigas.

Vencem os homens as mulheres de todo jeito: com a carícia, com a inteligência, com o (linheiro, com a pancada e com a piedade.

Maria amou o dentista, porque este se apiedou dela.

Sentou-se na borda da cama, escarlate, sentindo labaredas no rosto.

O doutor João tomo-lhe uma das mãos e continuou, muito baixo, com uma doce inflexão na voz:

-Se tu quisesses, Maria, se tu quisesses... eu sou solteiro e amo-te muito para te ver nesta vida desgraçada...Podemos ser muito felizes no Rio... Porque, afinal, não mereces esse fado. Serás minha mulher vem...

Maria tinha tremuras nas pernas e o colo arfava como se houvesse dado uma grande carreira. Lágrimas de felicidade aljofravam-lhe²⁹⁰ as faces...

Januária três dias depois encheu-se da novidade: fugira para Rio, em companhia do doutor João, a, criada do hotel dos viajantes. Nas vidas mais desgraçadas houve sempre momentos de felicidade, Maria também os teve.

Instalada numa pensão da rua Riachuelo, viveu um mês e meio ao lado de seu João, a quem se entregara de corpo e alma, num devotamento e confiança de quem tem o coração virgem e ama pela primeira vez, desesperadamente.

Uma manhã, sem nenhuma disputa, sem a menor troca de palavras, o amigo, como de costume, saiu.

²⁹⁰ Salpicavam-lhes.

Passou-se o primeiro dia... o segundo terceiro... No quarto, com a cabeça em lume²⁹¹ e o coração alanceado²⁹², Maria desceu as escadas para ir procurá-lo nas ruas, em todos os lugares, fosse onde fosse. A dona da casa, porém, mulher de idade, gorda e cor de cera, embargou-lhe os passos ousados.

— Estás louca, rapariga?! Que tencionas fazer? Pensas então que o Rio é Januária, e que hás de encontrar o doutor João ali na esquina? Vai, sobe para o teu quarto e cuida de te arranjares para «tratar da vida»... Anda, que já tens três dias de atraso na casa...

As palavras daquela mulher ouviram-nas Maria Guilhermina num estado de atordoamento, acompanhado de zumbidos e escurecimento da vista.

Amparou-se no corrimão e foi vagarosamente caindo, como esvaída em sangue: dobrou os joelhos, sentou-se, estendeu os braços e bateu com a face no assoalho sujo. Não, não podia ser, aquela vida não podia continuar daquele jeito. Era horrível!

Quando recebia alguém, todo o seu corpo tremia num abalo forte. Esfriavam os pés e as mãos, o rosto ardia e o coração entrava num galope aflitivo, de doer. Parecia que ia cair muito doente, E às vezes, até, disparava num choro espasmódico, que lhe valia injurias infamantes.

Como havia de ser. Deus?! Um dia, uma companheira de casa sugeriu-lhe a ideia.

— Por que não te empregas como corista? Não é má coisa. Dá para a diária, e a gente mais desafogada, sem precisar caçar homens todas as noites... És bonitinha e tens um corpo bem-feito. Poderás até chegar a ser uma grande ar-

291 Fogo, chama.

292 Torturado, aflito.

tista. Quem sabe? o futuro a Deus pertence. De mim sei que não estou arrependida, e já lá vão dois anos que estou no palco. Se queres, amanhã falaremos com o diretor.

— Quero, sim, respondeu Guilhermina quase alegremente.

Logo que entrou para a nova vida, passou a se chamar Mercedes Bogary. Dissera-lhe o amante, moço também do palco, de cabelos e olhos langorosos, que aquele nome lhe ficava melhor, condizia mais com o seu airoso tipo de francesa. As companheiras aplaudiram. Não protestou. Aceitou a substituição passivamente, indiferente. De nada valeria uma troca de nomes. Se fosse, ao menos, uma troca de vida... Mas qual era sina, tinha que a obedecer.

Ela sabia, se deixasse o palco, aqueles míseros mil reis ganhos com pouca desonra, era pior, muito pior...

Preferiu, então, ficar. A experiencia fez com' que ela ficasse.

E vieram os anos e foram-se os anos. Trabalhou em todos os teatros de segunda ordem do Rio e de São Paulo, percorrendo, em «tournées», as capitais do Sul e do Norte.

Em certa ocasião conheceu, em Niterói, um negro americano, cantor excêntrico, o Walter Wilps. Tinha nessa época os seus quarenta anos, e conservava ainda o fulgor dos olhos, a serenidade das feições, a esbelteza do corpo.

O negro cantor, sem ela saber como explicar, algemou-a à sua vontade. Formaram o «duo» e deram de peregrinar pelo interior dos Estados. No fim de poucos meses, em Juiz de Fora, o amante desapareceu, levando as economias e a melhor parte do guarda-roupa. Para voltar ao Rio foi preciso ligar-se a um «cometa²⁹³». Começou de novo o seu antigo viver.

293 Astro de brilho fraco.

Anos depois, surgiu-lhe pela frente, uma noite, no largo Tiradentes, a figura máscula do negro artista. Como reagir? A ele foi arrastada pelo misterioso magnetismo.

Recomeçaram a peregrinação.

No interior baiano, em Feira de Santana, numa noite de espetáculo, o companheiro foi prostrado a tiros de revólver. Agonizou e morreu-lhe nos braços, em vascas²⁹⁴ horríveis e reversando golfos de sangue, que lhe enodoaram o vestido, A causa do conflito tinha sido ela. saiu a dever no hotel, continuando sozinha o seu caminho.

Agora, para matar a fome, era preciso cantar e sapatear, fosse o que fosse. Decorou cantigas chulas, reles e imorais, que faziam vibrar de entusiasmo as plateias supostas inocentes das aldeias.

E foi assim, boiando no mar da vida como o destroço de um naufrágio, que foi ter aquela praia deserta, em Lagarto, Ela própria não sabia dizer como e porque se achava ali. Tinha a impressão de que se deixava levar por mão invisível para lugar ignorado.

Estava muito feia. Engordara demais, os cabelos precisavam constantemente de tinta, gelhas²⁹⁵ enormes e cavadas vincavam-lhe as feições adiposas e flácidas; os dentes estavam péssimo estado. Era com dificuldade que pulava no palco, vestida num saiote vermelho, que lhe punha á mostra as pernas repelentemente grossas, parecendo edemaciadas.

Chegou a noite da estreia.

O Juca Barretto não prometera em vão. Com o seu auxílio e ajuda, convidando este, insistindo com aquele, consegui-

294 Convulsões fortes.

295 Rugas.

ra uma boa casa. Grande parte da cidade ali estava enfileirada em cadeiras de vários feitios, trazidas pelos próprios espectadores. Quem! não conversava olhava o pano de boca, onde um vaqueiro, montando cavalo folhão²⁹⁶, perseguia em doida carreira um touro bravio. Cinco candeias²⁹⁷ alimentadas a querosene alumiam o recinto. Os músicos colocados à frente afinavam os instrumentos, distribuindo entre si as partes musicais. Na porta principal o Juca recebia os bilhetes dos que entravam, cumprimentando um e outro e fazendo elogios a artista. Garotos e desocupados faziam bulha²⁹⁸ do lado de fora, em torno do tabuleiro de doces da velha Mariana, pontual ali nas noites de espetáculo.

Mercedes, no seu camarim, um quarto nu e de paredes sujas, sentada diante de uma mesinha onde havia um espelho quebrado, um pente, um lápis de carmim e um vaso de pó de arroz, estava numa grande prostração. Nunca sentira tão profunda a necessidade de abandonar aquela vida. Não, era preciso acabar. Já não podia mais. Se a matassem, naquela hora, perdoaria a morte... Estava decidida a ser criada, a trabalhar em qualquer coisa, a padecer fome, mas viver daquele jeito era que não... A cabeça pesava, as pálpebras queriam cair, sonolentas. Olhou em torno. Tudo aquilo seria um pesadelo? Como era possível, oh Santo Deus! Estranhava de se achar ali, prestes a subir para o palco e cantar tolices obscenas.

Fechou os olhos, tonta, na iminência de uma síncope. Entrou neste instante o Juca, de maleta em punho, apressado e solícito, a dar contas do que havia feito. Apresentou-lhe

296 Excrecências disformes nos cascos dos animais.

297 Lamparina a querosene.

298 Barulho, gritaria.

a renda: oitenta e oito mil reis! Ótimo! Uma boa enchente! Agora era preciso começar, a música estava pronta, não faltava mais nada, o Coelhoinho já se achava no posto para levantar e abaixar o pano. Pegou de um toro de madeira e bateu fortemente no soalho, dando o primeiro sinal. A plateia alegrou-se e a banda atacou um dobrado.

A música ruidosa sacudiu intensamente os nervos de Mercedes, produzindo-lhe uma emoção terrível de angústia, constrangimento e desespero. Lágrimas começaram a descer, levando-lhe o rosto da grossa camada de pó de arroz.

Ao levantar-se tombou para um lado, sendo amparada pelos braços zelosos do Barreto, que se vexou com o seu estado. Não, não era nada, queria ficar só para mudar de roupa.

Depois do terceiro sinal surgiu no tablado, de colo e braços nus, bamboleando os quadris volumosos, num descompassado tango, o “Me Deixe”!

O acompanhamento estrondoso não permita que se ouvisse a cantora, que suave e dilatava as veias do pescoço, num esforço descomunal.

Logrou muitos aplausos.

Voltou aos cambaleios, para o quartinho. As pernas tremiam-lhe, uma grande opressão subia-lhe do coração, vindo apertar-lhe a garganta, como uma cinta de metal incandescente. O suor empapava-lhe os cabelos nas fontes latejantes e escorria pelas faces, caindo-lhe no colo em grandes pingos brancos. Sentia-se desfalecer. Mas era preciso continuar na execução do programa; faltava ainda muita coisa.

O Barreto entrou, ufano e jubiloso, falando da boa impressão causada, do agrado geral.

Reentrou em cena cantando o “Pica-Pau, Marinheiro” Veio em seguida a “Cabocla de Caxangá” e por último o “Vatapá Baiano”, que causou um enorme sucesso. Foi cantado por três vezes. Quando a cantora lançava certa quadra picante, ouvia-se a plateia estrugir²⁹⁹ num bater de pés e de mãos, em gritos e assobios. Era um delírio.

Desceu o pano pela última vez. Mercedes, num esforço sobre-humano conseguira chegar até o fim. Ao descer, esfaldada, a escadinha que ia ter ao quarto, as pernas se embaralharam e ela rolou, como um fardo pesado e fofo, sobre os tijolos vermelhos.

O Juca foi quem a levantou do chão e limpou-lhe o sangue, que escorria do lábio contundido. Sorriu-lhe agradecida, amando aquele coração, que se amiserara³⁰⁰ dela. E Mercedes Bogary divisou, naquele instante, no fundo da alma do Barreto, a misericórdia do homem bom, que havia de ampará-la e amá-la ternamente. Creu³⁰¹ a desgraçada, mais uma vez, na salvação, ela que conhecia tanto a maldade do mundo...

Catou os objetos da “toilette”, colocou-os na maleta, vestiu o velho “manteau³⁰²” e saiu com o amigo num passo va-garoso e tardo³⁰³.

As ruas estavam desertas. Todos já se haviam recolhido. Os últimos sons do dobrado que a banda saíra tocando, morriam nas asas dos ventos adormecidos. Os prédios, velhos e atarracados, repousavam alinhados. Um cão ladrava

299 Produzir som agudo.

300 Apiedara.

301 Acreditou.

302 Casaco.

303 Preguiçoso.

ao longe. Estrelas perfulgiam³⁰⁴ na serenidade de uni céu de veludo fosco.

Chegaram ao hotel.

Quando se avizinhava do seu quarto, Mercedes reparou que no olhar anoiado do Barreto se acendera a chama, negra e crestante³⁰⁵, que ela, havia quarenta e um anos, costumava ver nos olhos dos homens...Agitou-a, penetrando no mais escondido recanto do seu ser de mulher, um estremecimento feito de todas as vergonhas e de todas as misérias.

Entrou rápida no quarto e, fechando-se por dentro, caiu na cama, entalada de soluços. Queria morrer, morrer somente... .

304 Brilhavam, cintilavam.

305 Ardente.

REJUVENESCIMENTO³⁰⁶

A Cleomanes Campos

O doutor Chacarelli entrou em Capetinga precedido de grande fama. Era um doutor que enxergava, sabia onde tinha nariz, homem que tomava pé no poço fundo da ciência.

Viera da Itália, onde adquirira conhecimentos em três escolas e praticara em muitos hospitais, conforme dizia e anunciava. Alto, espadaúdo, de olhos miúdo e azuis, barba loura derramada sobre um peito másculo, maneiroso e gentil. O doutor sabia cativar, fazer amigos e sobretudo clientes.

No mesmo dia em que chegou salvou das garras da morte o filho do prefeito, que se engasgara com uma espinha de traíra. Atrás deste sucesso vieram outros, cada qual mais ruidoso, pondo Capetinga estatelada de jubilosa admiração. Eu só acreditei que o moço tinha saber de verdade, quando soube que ele abrira a barriga de uma comadre minha e lhe retirara a mãe do corpo. É verdade que tempos depois o corpo sem mãe deu de definhar e emagrecer, caindo na cova. Mas nisso quem teve culpa foi a natureza, que não auxiliou à ciência.

Tão entusiasmado fiquei com as curas praticadas pelo doutor, que lhe enviei à minha Lina, sempre queixosa de dor de cadeiras, tonturas, boca ruim e mais uma porção de coi-

306 Editado pela acadêmica Josefa Suely Rodrigues Prata.

sas. A minha fé ainda mais crescia, quando pensava que o homem não era cá da terra. Nascera e vivera lá no estrangeiro, lugar onde se fabrica papel de seda e onde se aprende na realidade. Para falar sério, eu sempre tive desconfiança de tudo que é nosso. A manteiga nacional não vai à minha mesa. A casimira do meu terno é inglesa, em nada se parece com aquela do Rio Grande do Sul, penugenta, ordinária e de pouca duração. Com os doutores é a mesma coisa. Quando custo a soletrar o nome de algum e descubro que o homem é estrangeiro, a confiança me nasce logo cá dentro. E não me enganei com o doutor Chacarelli. Era dos bons.

Escutou e apalpou a Carolina com todo o cuidado e precisão. Depois, virando-se para mim, desandou a explicar-me a doença, não logrando eu entender coisa alguma. Tinha este defeito, no meu fraco ver, o doutor: falava pelos cotovelos...

Com todos os doentes procedia da mesma forma: fazia uma longa dissertação sobre a moléstia, a sua origem, meios de evitá-la, evolução etc. Não contente com o falatório, retirava livros da estante, abria-os diante do paciente, mostrando fotografias assustadoras e lendo trechos em língua estrangeira.

Quem levasse no espírito dúvidas a respeito do seu saber, voltaria sem elas. Ele as varria com sua eloquência e facúndia³⁰⁷.

Sobre o caso da minha Lina falou uns vinte minutos, terminando, afinal, com voz grave e sentida:

— Coronel, a sua exma. consorte³⁰⁸, D. Carolina Mascarenhas, está muito doente, sofre de uma endometrite crônica

307 Eloquência. Capacidade de se expressar.

308 Esposa.

acompanhada respectivamente de grave salpingo-ovarite³⁰⁹.

Lina empalideceu e eu senti na espinha um voluptuoso arrepio de viuvez. O doutor, percebendo o efeito de suas palavras, mudou de tom, e risonho e bondoso garantiu a cura que, por sinal, ficou bem cara.

Ninguém morria em suas mãos. Sucedeu até coisa nunca vista nos anais da vila: por dois dias, por dois dias, senhores!, não se abriu o cemitério!

Os farmacêuticos, o maior perigo da saúde do próximo, ficaram boquiabertos. O coveiro pasmou e rogou uma praga ao causador do seu prejuízo.

Tal era, pois, a espécie de doutor que, numa hora bendita, foi ter em Capetinga.

De amigo e admirador, eu me transformei num exaltado propagandista de seu nome.

Não perdia ensejo de lhe tecer elogios e caçar-lhe clientes.

* * *

O meu correligionário e amigo, major Felismino Guedes, havia tempos que não fazia outra coisa senão queixar-se da sua velhice. Em todos os lugares, às vezes com oportunidade, outras vezes sem ela, lá soltava a sua lamúria:

— Meter-me nesses negócios? Qual, o quê! Não presto mais para nada, estou bom de morrer, acabou-se o tempo...

— Ora, major, pois você na casa dos sessenta e cinco ainda quer ser criança?

309 Inflamação dos ovários e das trompas de Falópio.

— Não é ser criança, Mascarenhas, mas é que quem vive deste jeito é melhor não viver. Não tenho forças, as pernas cansam à toa, não acho prazer mais em coisa nenhuma.

— Pensava que a mocidade não tinha fim? Aí está; pague agora os seus pecados e extravagâncias.

— Qual foi a extravagância que fiz? Casar duas vezes, gostar de cerveja? Responda-me agora, Mascarenhas: se a gente não prezar estas duas coisas, para que diabo se vem ao mundo? Ora bolas!

Mas, para me livrar das queixas do Felismino, convidei-o um dia para fazer uma consulta com o Dr. Chacarelli.

— Já viste doutor dar jeito em velhice, Mascarenhas?

A pergunta era terrível, mas eu, infundindo-lhe esperanças, retruquei:

— Homem, com esse nosso não duvido de nada.

Quando entramos no consultório, os olhos do doutor se acenderam de alegria, não sei se de verem a mim e o major, que possuía a melhor lavoura da zona.

Depois que Felismino lhe contou detalhadamente os seus padecimentos, o doutor abriu-se num sorriso amiguel, bateu-lhe no ombro e exclamou admirado:

— Pois, major, o senhor ainda não ouviu falar na grande descoberta da ciência?! É a maravilha das maravilhas! Acabou-se a velhice! Fica velho quem quer. Nós, médicos, já temos o sobrenatural poder de transformar os homens mais idosos em vigorosos rapazes de vinte anos.

— Ora não diga, seu doutor!? Fez Felismino estupefato.

— É a mais pura expressão da verdade, retrucou o médico, levantando-se e passeando na sala, grave, de uma

solenidade impressionante. A medicina evolui de um modo assombroso, continuou, fazendo gestos pausados. Esta é a mais moderna e a mais bela das nossas aquisições. A ilusão de Fausto, major Felismino, é hoje uma realidade, uma admirável realidade. Ah! Quanto nos custou a posse desses conhecimentos! Quanta cabeça sábia encaneceu, quanto sacrifício, quanto esforço consumido! Tendo como precursores Paracelso e Greber na antiguidade, e depois Hufland, Metchnikoff, Brown Sequard e outros, os espíritos iluminados de Voronoff e Steinach realizaram a maior ambição humana: não envelhecer! Ah! A Ciência! Que poder! Que força!

Eu e meu amigo Felismino estávamos estupefatos.

O doutor falou mais alguns minutos, e temendo ainda que pairasse nos nossos espíritos alguma dúvida, abriu uma gaveta, retirou dela uma revista médica e leu à história de um homem de noventa anos, que já à beira da sepultura, de pernas bambas, sem vista, se tornou rijo, de corpo moço, até chegando a ter um filho bonito e sadio.

Terminada à leitura, o major levantou-se quase de um pulo, e de olhos arregalados para a ciência personificada ali no doutor, gritou radiante:

— Oh! Com os diabos! Isto é que é! Sim, senhor! Olhem que eu não pensava! Abaixo de Deus a medicina, não tem para onde ir.

Eu desejei logo ser muito velho para também gozar o resultado magnífico de tão famosa descoberta.

— O remédio é pela boca ou por injeções? Indaguei curioso.

— Por meio de injeções, respondeu o doutor.

— E quanto custa cada uma? Perguntou o major.

O doutor Chacarelli sentou-se, guardou a revista, tamborilou³¹⁰ com os dedos sobre a pasta de oleado e respondeu com desambição:

— Cem mil réis, major, cem mil réis...

— Pois não é caro, não senhor, cuidei que fosse mais. Se a coisa prestar em mim, como aí neste sujeito do livro, eu pago mais, não faço caso.

— Garanto-lhe, retorquiu o doutor com serenidade e inabalável confiança.

— Pois, então, é principiar logo a tarefa.

— Começaremos amanhã. O seu estado não é dos piores, espero que com duas séries o major esteja outro homem, tão destro e ligeiro como qualquer peão da fazenda.

— Assim seja seu doutor, assim seja, porque vida de velho não é vida.

No dia seguinte, Felismino recebeu a primeira injeção. Vieram depois a segunda, a terceira, a quarta, a quinta etc.

Concluída a primeira série, o major não cabia em si de contente; achava-se outro homem, o abatimento fora coisa que houve. Tinha impressão de que cada picada do doutor valia por voltar atrás cinco anos.

Andava a pé pelo cafezal, comia bem, dormia melhor, tinha a vista bem clarinha e o corpo maneiroso e ágil. Chegou até, certa noite — ah! Felismino patusco! — a ensaiar com o melhor êxito uns passos do catira.

O doutor Chacarelli, por seu lado, também andava em satisfação. Todos os velhos da redondeza corriam para ele implorando à graça de uma injeçãozinha daquelas, cujo preço subira para duzentos mil réis. E grandes somas ca-

310 Rufou.

íam no fundo de seu bolso, ao mesmo tempo que mais se dilatava o círculo da sua tão merecida fama.

Após o repouso necessário, Felismino iniciou a segunda série do contrato, só para reforçar a cura, como ele próprio dizia, porque de velhice não tinha mais nem o cheiro. E julgava-se tão outro, o meu amigo, que confiou ao doutor os seus desejos de contrair o terceiro casamento. O médico não só consentiu, como aplaudiu a ideia. E, aproveitando da ocasião, fez o elogio do matrimônio: que era meio de se ter vida longa, método, saúde, tranquilidade etc.

No fim do tratamento, Felismino casou-se com a Hermínia, a filha caçula de um fazendeiro seu vizinho, menina de olhos grandes e negros, de um negror veludoso de jabuticaba.

* * *

Meses decorreram.

Um dia Felismino entrou em minha casa, alegre, rindo, como um avô.

— Mascarenhas, quero ser teu compadre. Unidos há tanto tempo por laços políticos e da mais íntima amizade, quero-te agora por compadre. Hermínia adoeceu. Vais batizar o meu Sebastião, o meu Tiãozinho.

— A honra é toda minha, meu velho amigo, disse comovido.

No dia jubiloso do batismo, entre repiques de sino e reboliço de festa, ao pegar o afilhado para o levar à pia, vi brilharem no seu rostinho rechonchudo e rosado os olhos miúdos e azuis do doutor Chacarelli.

Apertei-o mais de encontro ao meu peito e lancei, num resmungo, uma praga contra a ciência.

CHICO LINO³¹¹

Nestor Victor

— Major, dê-me licença.

— Pode entrar seu Lino.

O Chico entrou, caminhou para mim e estendeu-me um papel.

— Uma esmola pra mortalha, disse numa voz sumida.

Abri a folha de almanaque e corri os olhos ao longo.

— Morreu?!

— Já. Ontem às seis da tarde.

Voltei de novo a vista para o papel e o comecei a ler uma porção de nomes de pessoas que concorriam para o enterro da mulher do Lino. Entrou-me logo no coração um certo desprezo por todas elas, que se me afiguraram não possuir nas almas uma gotazinha de caridade. Muito minhas conhecidas, amigos, compadres, correligionários, eram ricas e haviam assignado pequenas quantias, quase miséria.

Aquilo me doeu, vindo-me o desejo de dar-lhes uma boa lição, de assignar uns 50\$000³¹². Reli os nomes, de novo, olhando bem as parcelas de 1\$000, os raros 2\$000, e os únicos 5\$000, prodigamente dados pelo capitão Aderaldo, o prefeito, homem abastado e de grande coração.

311 Editado pelo acadêmico Claudefranklin Monteiro Santos.

312 Réis. Padrão monetário do Brasil à época da publicação da obra.

“Se deres 30\$000 já é uma lição aproveitável, produz o mesmo efeito moral”, sussurrou uma voz dentro de mim. Eu sempre fui obediente às vozes interiores. Tomei do lápis para escrever, mas antes de fazê-lo perguntei ao Chico se a mulher tinha sofrido muito, se a agonia fôra longa...

O homem respondeu-me por monossílabos afligentes. Desarruguei o papel enodado sobre a mesa, olhei mais uma vez para os 5\$000 do prefeito, e antes de traçar as primeiras letras diminui mentalmente para 20\$000 o meu adjutório³¹³ ao pobre Chico, coitado! Escrevi o nome por extenso: — Major José Abreu Castanheira — e pus logo o respectivo p. g. adiante dos meus 5\$000. O Lino agradeceu, dobrou a folha e foi-se, deixando-me a pensar nele.

Conhecia o Chico há tanto tempo! Logo que Cuscuzeiro teve cartório de paz ele ficou sendo o escrivão, — e que escrivão de mão cheia! — o braço direito do Jeremias, que, além de não saber passar uma procuração, era estroina³¹⁴ e levado dos diabos. Mas o que o Jeremias entortava para um lado o Chico endireitava pelo outro. Bom, solícito, prestimoso, dono do uns conhecimentozinhos e de uma magnífica caligrafia, não deixava a coisa andar à matroca³¹⁵.

Era um moço exemplar sob todos os pontos de vista. A sua vida íntima parecia a de uma moça recatada e tímida. Fugia das pandegas, do jogo, do animado *pocker* do Jeremias, das más companhias e de tudo que pudesse desaboná-lo perante a sociedade e a moral de Cuscuzeiro.

Levava tudo com muito rigor e escrúpulo. Para ele, fumar no salão do cartório era falta de respeito às leis; cuspir

313 Auxílio.

314 Leviano.

315 Não entregava o jogo.

no chão má educação e desasseio; andar a deshoras³¹⁶ em lugares suspeitos era imprudência e imundície.

Quando explodia, então, na vila, algum escândalo, roubo, crime, cenas passionais, as faces macias de Chico se coloriam de um vermelho de surpresa e vergonha. E que ninguém comentasse perto dele o sucedido!

Muita vez, quando da porta do negócio do amigo Medeiros o víamos sair do cartório, caminhando com ritmo e vagar, enfronhado na sua roupa de brim bem passada a ferro, botas lustrosas, a gravatinha branca atada com capricho, alguém da roda dizia:

— Olhem o Chico Lino! se todos os moços fossem como esse, dava até vontade de se ter filha casadeira. É mesmo um homem de peso!

Todos aprovavam. Nisto ele diante de nós, olhava risinho e tirava o chapéu num cumprimento polido. O Chico era-me tão simpático que não temo em confessar que aticei o seu casamento com a minha filha mais velha, a Felícia. A menina, porém, não gostava dele por causa do nariz. O nariz do Chico era pouco afilado na base, tornava-se cambudo³¹⁷ no centro para vir, afinal, ter na ponta uma pronunciada recurva. Nariz *Bourbon*. A classificação não é minha, pertence a um moço bacharel que foi meu hospede. Se estiver certa ou errada, é lá com ele. Não quero para mim nem a glória de tão fundo saber, nem a vergonha do disparate. Bem ou mal classificado, o certo é que a Felícia não o queria de jeito nenhum. E um dia em que, exaltando as boas qualidades do Lino, quis obrigá-la a namorá-lo, (até onde chega um pai!) ela gritou-me numa explosão de lágrimas:

316 Tarde da noite.

317 Curvado.

— Não caso, papai, não caso com um homem que tem um nariz tão feio!

Ora, não casar por causa de um nariz?! Coisas de menina, ou antes de mulher, porque a Felícia já contava vinte e oito anos.

Vendo que não podia convencê-la a dar tão ajuizado passo, nem podendo retirar ao Chico o nariz obstáculo, abriu mão do meu desejo, sinceramente pesaroso.

O Lino perdeu a Felícia, mas achou uma Ludovina, a Ludovina filha do Medeiros que nutria por ele forte paixão, comendo-o com os olhos todas as tardes, quando ele fechava o cartório e passava, vagaroso, pela sua porta. A Ludovina, valha a verdade, era comprida, seca, escorrida, além de ter o rosto chuviscado de sardas e uns modos que mais pareciam rabanadas de bôto. O seu desespero em querer desposar o Chico, pois cabelos brancos na cabeça do pai. Não foi sem custo que o Lino aceitou o pedido do Medeiros. O que eu fiz com a Felícia o Medeiros fez com o próprio Chico; papéis invertidos.

Casaram-se, afinal.

O noivo quase indiferente, passivo, parecendo estar prestando favor; a noiva radiante, nadando em felicidade, dando a impressão de estar realizando a maior ambição da sua vida.

Tempos decorreram.

Dois anos depois o Chico só queria do mundo uma coisa: — estar perto da sua Ludovina; e Ludovina só tinha também um desejo: — estar longe do Chico. Eu não me arrisco a explicar o facto, não dá para tanto a minha capacidade de major. Caso estivesse em roda de letrados e me apertassem muito eu diria: — coisas da vida... o que não passa de uma saída, saída de major.

O escrivão, ao seu antigo viver, acrescentava agora o seu imenso amor pela Ludovina. Entre a pena do cartório e os afagos postiços ou não da esposa, ia-se toda a sua vida.

A mulher tolerava, na esperança de tão grande afeição, vir a desaparecer, como desaparecera a sua, dela. Mas, em lugar de tal suceder, o Chico cada dia se achava mais agarrado aos braços compridos da filha do Medeiros, que, mal comparando, pareciam duas prezas de jiboia, que se lhe cravaram no corpo.

Por ocasião do primeiro filho, que não sobreviveu, Ludovina esteve seriamente doente, e o Lino por causa de vê-la sofrer, seriamente abalado do juízo.

Foi tratada por muitos médicos, não abandonando ele, nem sequer por um segundo, o leito da enferma. Quando lhe entrou por uma porta a saúde, pela outra lhe saíram as economias.

Diante de tanta dedicação e sacrifício creio que voltou ao coração de Ludovina uma pontinha daquele amor de outrora. Creio só, mas não afirmo. E se é que existiu mesmo, essa pontinha não tardou em desaparecer, porque, meses depois, Cuscuzeiro se enchia de sua traição. Todos sabiam, menos o Chico que não queria saber. Quando o escândalo estava demasiado, comentado até pelas pedras da rua, que se cobriam de um pó vermelho de pudor, o Medeiros chamou o genro e gritou-lhe na cara:

— Mas *seu* Chico o senhor não tem ouvidos nem olhos?! Tenha vergonha, homem, que diabo! Ela é minha filha, mas como pai honrado que quero ser, aprovo tudo quanto o senhor fizer. Bata, despreze, mate, mate, homem, tenha brio!

Mas, depois de tantos conselhos maus, o velho Medeiros caiu em si e nos braços do marido da filha, exclamando:

— Que desgraça, Lino!

Choraram ambos.

Lino foi para casa no firme propósito de expulsar a mulher. E realmente, mal entrou apontou a porta a Ludovina, que muda e encolhida, como um cão batido, foi saindo chorosa.

Ao transpor o batente, porém, o Chico não se conteve e estendeu-lhe os braços. Ella ficou. Ficou para meses passados fugir para Aterrado, em companhia de um *cometa* de Antarctica. O escrivão, depois de atravessar uma quadra de desespero sem nome, resolveu de si para si ir procurá-la e matá-la, matá-la, sim, não merecia outra coisa. Só se perdoa uma vez. Foi.

Encontrou-a em Guaxupé morando com um latoeiro. O revólver do Chico, porém, não disparou. A sua ira afogou-se nas lágrimas abundantes e mornas derramadas por Ludovina. Ha lágrimas que encerram o poder maravilhoso de lavar as nódoas da perfídia na face da mulher amada. Abraçaram-se, beijaram-se, choraram, e Ludovina veio novamente para Cuscuzeiro, vivinha, mais lépida e bonita, até.

Daí em diante, porém, o Chico perdeu todo o conceito para Cuscuzeiro. Diziam dele, agora, o inverso do que falavam antigamente. Era de desavergonhado pra baixo. As portas se lhe fecharam, raras mãos se lhe estendiam, como se o seu descaramento pegasse como bexiga. Nos outros tempos era padrão de coisa boa, agora de coisa ruim. O Clarindo da farmácia esbofeteou um tal Jerônimo, porque soube que este o andava achando com cara de Chico Lino...

— Que tal é Fulano? indagava alguém numa roda.

— Não presta, informava outro alguém.

— Ora, não presta porquê?

— É um Chico Lino...

O velho Medeiros, alegando não poder viver com lama na cara, mudou-se para o Paraná, amaldiçoando a filha.

O Jeremias um dia, cheio de raiva pudica, lançou-lhe nas costas — o Lino estava curvado — estas palavras:

— Você não vale coisa nenhuma, Chico, não é homem, parece mais um figo podre. Está me desmoralizando o cartório. Não me serve mais.

Despedido e não tendo outro meio de vida além de sua pena, começou a fazer escritas de casas comerciais e das fazendas dos arredores, sendo pouco o serviço arranjado. Deixou de usar o seu fato de brim lustroso, a gravatinha branca e o calçado limpo. Andava cabisbaixo, avergado, olhando para dentro de si mesmo, ou para a ponta das botas sujas.

Apareceu por esse tempo, para comandar o destacamento local, um alferes, moço desempenado, que tinha fardas bonitas de botões muito reluzentes. Ludovina caiu-lhe nas graças, e o militar tanto arrastou o pé de alferes que a pobrezinha não teve jeito senão ceder.

Bisou a fuga, desta vez para São Paulo.

O antigo escrivão entrou em outra quadra de desespero, ainda mais horrorosa, ainda mais pungente. Conteve-se por algum tempo, mas no fim de oito meses foi encontrá-la na capital em lugar que ele me não disse e que eu não posso adivinhar.

Vieram para Cuscuzeiro que, devido a repetição, não sentiu o ultraje. E o casal ficou pra ali, numa casinha reles em rua miserável. A Ludovina viera doente, magra, acabada. O serviço faltou por completo ao Chico. O prefeito, o capitão Aderaldo, homem de coração, amparou-o: deu-lhe o emprego de limpar as ruas. Todas as manhãs o Lino as percorria, puxando o burro da carroça e de pá em punho.

Nos primeiros dias, para que ninguém o visse em semelhante labuta, fazia o serviço cedinho, antes de Cuscuzeiro acordar. Mas com o andar dos tempos não se importou mais, trabalhava com o sol alto, indiferente, dobrado, de olhos no lixo.

Atacou a mulher um reumatismo medonho. Encolheram-se lhe as pernas, entortaram-se lhe os dedos, os ossos eram doloridos como tumores. Entrevecera por completo. Passaram-se meses sobre meses. Se não estivesse limpando as ruas o Lino estaria ao pé da mulher, que já não tinha alento de gemer, fungava baixinho como uma criança doente.

Foi despedido a bem do serviço público. O prefeito dissera que ele se tornara um grande preguiçoso, vivia metido em casa, não assejava³¹⁸ Cuscuzeiro a gosto.

Tiraram-lhe o lixo, tiraram-lhe o pão. Vivia ultimamente de esmolas. Todos os dias passava pela minha porta, curvado, com dez remendos nos fundilhos das calças, o paletó de alpaca em fiapos, segurando, como um saco de oiro, a garrafa de leite para a mulher.

Ali está a história fielmente contada de Chico Lino. Eu sou mais um simples narrador. Que a discutam, analisem, e façam o que quiserem os entendedores do coração humano. Quanto a mim sofro ainda hoje um tantinho de remorso por não ter feito a minha Felícia casar com ele. Devia ter imposto, obrigado, coagido com toda a minha autoridade de pai. Teria deste modo alterado o destino de um homem que merecia ser feliz.

Mas quem sabe? A Felícia podia... não, não podia coisa nenhuma. Daí... nem gosto de pensar... A tal mudança para o Paraná seria para mim um desastre financeiro.

318 Limpava.

A MORTE DO COVEIRO³¹⁹

Pouco se me dá que o leitor ao terminar esta narrativa, murmure, de cara torcida:

— Não é verdade; isto não se deu!

De mim repito que sim, que sucedeu, e, se o leitor teimar, só lhe tenho a agradecer o nenhum valor emprestado à minha palavra de narrador. Eu cá não preciso pedir à imaginativa o que a natureza me não dá, como dizia o velho Camilo, o solitário de São Miguel de Seide, o homem de nervos doentes e cara bexigosa, que escreveu “A DOIDA DO CANDAL”, “MEMÓRIAS DO CÁRCERE” e dezenas de outros volumes, onde a gente aprende a língua, verte, comovido, lágrimas sentidas e escancara as mandíbulas em frouxos de riso saboroso.

Mas vamos ao caso, diretamente.

Em 1920 era dono e senhor do “engenho” ***, no norte sergipano, o cavalheiro Tibúrcio Alvares Pascoal, rebento ilustre do nobre cepo dos Alvares, limpa gente que a saca-rose afidalgara³²⁰, vertendo-lhe nas veias não o sangue azul das raças do além, mas as flavas torrentes do oiro líquido.

Excelente fidalguia a que dá o dinheiro! Não há nenhuma outra que a ela se avanteje ou lhe ganhe a primazia; nem a do nascimento, nem a do caráter, nem a do saber.

Justificado é, pois, e sobejamente, que se lhe anteponha ao nome o honorífico “dom”, conforme mandava o velho

319 Editado pelo acadêmico Claudefranklin Monteiro Santos.

320 Que o comércio do açúcar enriquecera.

uso português. Servir-lhe-á até o nobre título para evitar uma provável confusão entre o seu lustroso apelido e outros Tibúrcio plebeus que, por ventura, tivessem mourejado naquelas paragens açucareiras.

Merece D. Tibúrcio uma biografia esclarecida e um tanto ou quanto minuciosa.

Vamos buscá-lo nos braços da parteira, numa noite borrascosa³²¹ do ano de 1880, a dar pinotes e guinchos com um vigor precoce de criança taluda. D. Timóteo, o seu venerabundo progenitor, alado das miríficas venturas paternais, andava pela casa toda a dar sopros jubilosos, enviando portadores, com a feliz nova, a todos os “engenhos”, que ostentassem nas cancelas os brasões dos Alvares. Natural alegria era aquela: era o filho varão do casal.

O rompimento prematuro dos dentes provocou entre as pessoas da família profecias várias. Futurou-se muita coisa boa: que havia de ser um grande político; o usineiro mais rico da região; famoso homem de letras. Este último bacorejo³²² caiu dos lábios de um tio, usineiro amante dos livros, que escrevia charadas nos jornais de Aracaju.

Infância sadia como aquela poucas se têm conhecido. Não foi atacado o repolhudo menino nem de sarampo, nem de lombrigas e queijadas coisas. Era de uma rigidez de âmago de aroeira.

Aos dez anos surpreendeu-o o pai a dar tapas e morder uma negrinha da casa, que rejeitava as suas carícias de voluptuoso precoce. Fez que não viu e foi andando, dizendo entre si, com disfarçado sorriso:

— Filho de peixe, peixinho é...

321 Tempestuosa.

322 Presságio.

Não havia que negar, aquele era seu filho, ali estava no sangue a prova evidente de quem descendia do cepo dos Alvares.

Vinha de longe a herança. Seu ilustre pai, avô do Tiburcinho, fora arcabuzado de tocaia, quando uma noite levava para a sua casa solarenga³²³, na anca de ardego sendeiro³²⁴, uma mulatinha púbere... Quanto a ele, Timóteo, nem convinha falar...

Para não ficar de todo crú em matéria de letras foi D. Tibúrcio, aos dezessete anos, para um colégio em São Salvador. Era nessa época um arrieiro³²⁵, por dentro e por fora. Rebelou-se e escabujou contra a infâmia, do pai, em querer afastá-lo do convívio dos carreiros e dos negros cortadores de cana. Seguiu como um preso, vigiado, e com ordem de ser contido a relho.

No colégio ganhou fama de malandrim e de esbanjador de dinheiro. Jamais dera uma lição, e, constantemente assaltado pelas saudades do “engenho”, arrepelava-se furiosamente, maldizendo a vida falando em fugir. Veio arrancá-lo do aflitivo viver, três anos depois, uma obstrução estercoral³²⁶, que lhe matou o pai, repentinamente. D. Tibúrcio deu figas aos bancos escolares e correu pressuroso a tomar conta dos negócios do falecido, ideal que amimava desde os doze anos, tempo em que vivia a se espolinhar³²⁷ na bagaceira, junto com os moleques do “engenho”.

Apossado dos teres³²⁸ do pai, administrou-os com tão grande tino e segurança que pasmou a parentela. Achou mais facilidade em vender vantajosamente partidas de

323 Casa grande, mansão.

324 Cavalo pequeno fogoso.

325 Peão.

326 Fecal.

327 Caindo em.

328 Posses.

açúcar e barris de cachaça, do que reter na memória uma regra de gramática. Nada mais natural. Cada um como Deus o fez. Os parentes, desculpando-lhe a bossa de usineiro. O moço prometia.

Como é de uso e praxe entre fidalgos, aos vinte e seis anos, ofereceram-lhe como esposa a sua formosa prima D. Branca, menina que, sem nenhum entendimento do mundo, teve que obedecer ao pai, senhor de velho solar açucareiro. Os Alvares só casavam entre si. Que nenhum plebeu se arrojasse³²⁹ a amar uma das fidalgas meninas, ou vice-versa. No primeiro caso o petulante pagaria com a vida o grande crime; no segundo a amorosa virgem seria coagida a entregar-se ao primeiro parente que lhe aparecesse.

D. Branca, mimosa flor de sentimento e candura, aos ver-se nos braços do alapuzado esposo, tremeu de horror, chorou lágrimas de sangue e enovelou-se na sua dor, odiando secretamente ao pai, que a lançou na infelicidade irremediável.

Era uma figura de romance, a dolorida menina. Fina, esguia e cor de lírio, tinha uma doce alma de criança, suavíssima e angelical.

Onze dias depois de casados tiveram este dialogo, motivado por lagrimas que vira. D. Tibúrcio espelharem nas amareladas faces da esposa.

— A senhora D. Branca não é mulher cá para mim, não pega do meu jeito. Errei na escolha. Mas só tenho a queixar-me de mim mesmo e de seu pai.

— Eu o ofendi, senhor? Perguntou a magoada criatura.

— Se me ofendeu? Ora, essa é muito boa! Mais do que isso. Repele-me, parece ter nojo de mim...

329 Impelisse.

— O senhor Tibúrcio está precipitando os seus juízos e sendo injusto para comigo, que desejo ser uma boa esposa.

— Qual injusto qual nada! Eu não sou cego e estou enxergando bem como é a coisa. O que a senhora queria era casar com aquele poeta malandro lá de Aracajú.

Não fale desse modo, meu primo, gemeu D. Branca, angustiada com a lembrança do seu grande amor.

D. Tibúrcio fitou-a, arreganhou os lábios com desprezo e disse tranquilamente:

— Para mim é a mesma coisa; tanto faz como tanto fez. Mulheres não me faltam...

D. Branca caiu-lhe aos pés em postura de mártir e pediu-lhe, afogada em crebos³³⁰ soluços:

— Mata-me, Tibúrcio, mata-me pelo amor de Deus...

O mazorral³³¹ marido, ninguém, acredita, riu com naturalidade e falou, virando-lhe as costas:

— Deixe-me de asneira menina. E lançou mais adiante uma eructação, que rescendia a melado com batata doce, sobremesa predileta do fidalgo.

Desde esse dia passaram a viver separados. Cada um possuía os seus aposentos.

Decorriam semanas e semanas sem que se vissem. D. Tibúrcio fazia-lhe a grande esmola de a não procurar, tinha de sobra onde aplacar a freima³³² cupidínea³³³ do seu sanguetuminoso³³⁴ E não precisava de mulher para mais nada.

330 Amiudados.

331 Grosseiro.

332 Inquietação.

333 Relativo à Cubido.

334 Quente.

Dobram-se os anos.

Aos quarenta de idade D. Tibúrcio era um sujeito que fugia a toda descrição. Tentemos, porém, bosquejar-lhe³³⁵ a figura. Era de estatura abaixo da mediana, espaldas quadradas, atarracado, solidamente fornido de carnes, gorja de touro e cara adiposa, rechonchuda e nédia³³⁶ de bonzo chinês³³⁷. Repuxadas e escassas farripas de cabelos grisalhos vestiam-lhe, como um véu finíssimo, a careca luzente e cor de ferida em cicatrização.

Era bem de vê-lo a passear no alpendre da casa, à espera do cavalo para ir à cidade de Maruim, calçado numas botas luzidas que lhe vinham até os joelhos, tinindo esporas de prata, rebenque do mesmo metal preso à mão direita, chapéu “panamá” desabado, o cadeião segurando o “patacho³³⁸”, passado de hipocondrio a hipocondrio, sobre o ventre rotundo, laxo e descaído.

Má rez³³⁹ tinha o homem. Era um pote de perversidade e luxúria. Alapava-se, naquele arcaboço atoucinhado, uma alma proterva³⁴⁰. Contavam-se dele coisas de arrepiar. Aos ladrões de cana mandava arrancar os dentes a alicate; cauterizava a língua de quem lhe subtraía uma caneca de mel imundo do tanque; aos caminhantes que descuidadamente deixavam aberta alguma cancela dos pastos, ensinava a fecha-la, aplicando-lhes dúzias de bolos; por um nada vin-cava de roxo, a rebenque, o rosto dos empregados; e, sobretudo, sepultava na desonra quase todas as rapariguinhas

335 Desenhar-lhe.

336 Período de dez meses.

337 Religioso chinês.

338 Embarcação.

339 Dinheiro.

340 Desavergonhada.

que viviam em suas terras malditas. Atiradas para os alcouces³⁴¹ das cidades vizinhas, as sacrificadas “faziam a vida” algum tempo mais e morriam aos vintes de poucos anos, na indigência, apodrentadas, gafadas de moléstias horríveis. E por uma destas felicidades inconcebíveis que não teve o seu ilustre avô, de chorada memória, não se cansava de cavar sepulturas D. Tibúrcio.

Era um monstruoso coveiro!

Corria farta a safra do ano de 1920.

O “engenho” *** sacudia-se todo numa grande azafama³⁴². Refervia de atividade. Às quatro horas da manhã as caldeiras já davam pressão, e o apito sonoro chamava braços à labuta.

E durante todo o dia o trabalho não descontinuava. Era um mourejar³⁴³ sem conta. Os carros cogulados³⁴⁴ de cana cruzavam-se no caminho dos canaviais, a cantar estridentemente. A cana alteava-se em grandes rumas no “picadeiro”, para minguar depois, engolida pelas moendas possantes, que giravam esfomeadas, famélicas³⁴⁵, insaciáveis. O maquinismo trepidava, produzindo um ruído uniforme, único, monótono. Os agregados iam e vinham cada um na sua faina³⁴⁶. O “bagaço” úmido e cheiroso era espalhado ao sol, num área de muitas braças, remoído pelo gado enquanto fresco. As tachas fumegavam borbulhantes, impregnando os ares de um cheiro agradável de açúcar em preparação.

341 Bordéis.

342 Confusão, agitação.

343 Trabalhar muito.

344 Abarrotados.

345 Famintas.

346 No seu trabalho árduo.

Saindo do vasto telhado surgia e se elevava a chaminé com o seu penacho de fumo, ondulante, a subir em espirais que se desfaziam no alto, ao sopro da ventania. No meio das pastagens, num gracioso comoro³⁴⁷, a casa senhorial. Em torno e ao longe, ondeava o mar verde dos canaviais, que se espriavam até muito além, a perder de vista.

Às seis da tarde era que “pejava”, apitando de novo, dando lugar a que homens e maquinismos ganhassem, com o repouso, renovado alento.

D. Tibúrcio, com espantosa energia, dirigia tudo. Não se arredava uma palha que não fosse com sua vá acolá, gritava com este, descompunha aquele.

E percorria todas as dependências do serviço, açodado, vezes colérico, vezes gracejador.

Num dos seus giros fiscalizadores viu que a porta do tanque de mel estava aberta. O mel “cabaú”, produto das impurezas do açúcar, é conservado em tanques de cimento, donde sai para o fabrico da cachaça e outras utilidades diminutas. Esses tanques são espaçosos quartos escurentados, cheirando a bafio e a açúcar em fermentação. Pisa-se sobre tábuas movediças e afastadas uma da outra, que deixavam ver no escavado fundo a massa líquida e anegrada, coberta de um cascão que retém na superfície: ratos mortos, baratas, excremento de aves, papeis imundos e outras sujidades.

D. Tibúrcio não contente com o rendimento do seu açúcar cristal e sobretudo do mascavo, também fabricava aguardente, e em grande escala. E era da melhor, diziam a uma só voz os piteireiros³⁴⁸ que lhe deram justificada fama.

347 Outeiro.

348 Cachaceiros.

O rei da cachaça, quando viu a porta aberta e o seu rico mel exposto aos larápios, franziu a testa contrariado e olhou em torno para ver se topava com quem gritar por causa do desmando. Perto dele só havia um velho boi de carro, já imprestável, a mastigar com delícia um “olho” de cana. D. Tibúrcio parou, deteve-se por alguns instantes, subiu os cinco degraus, empurrou a porta e entrou. Teve uma magnífica surpresa. Lá dentro estava a Rufina, a arisca Fica, cor de canela, paixão de sua vida, tormento dos seus sentidos exaltados. Havia tempos que o fidalgo andava de frente virada para a rapariga. A princípio pôs em prática o que costumava fazer com as outras: presentes, dinheiro, condescendências aos parentes, regalias... Fina não cedeu. D. Tibúrcio duplicou os meios. Tentou. Pertentou. Nada. Não embraveceu nem a expulsou de suas terras. Deixou que os tempos corressem. Aguardava oportunidade. Mais dias, menos dias... O que não compreendia era a resistência da parte de uma menina, que não tinha pai nem mãe, e morava em companhia de um irmão borracho, que a tratava a pontapés e a deixava sofrer fome. Vivia a danada como um cão sem dono, em casa de um e de outro, a pedir migalhas.

Quando Rufina avistou D. Tibúrcio, tremeu dos pés à cabeça e, instintivamente, coseu-se a parede, de olhos esgazeados, opressa, como se estivesse diante das escancaradas fauces de uma onça pintada.

D. Tiburcio, passado o primeiro momento de surpresa, fechou a porta por dentro e perguntou, caminhando para ela, risonho, com uma voz doce como o “cabaú”, que tinha estagnado aos pés:

— Que faz aqui, menina?

— Nada, não senhor...

— Ora, não minta, você veio roubar mel. Porque não me pediu?

Rufina tornou-se muito pálida e vociferou entre dentes:

— Peste!

D. Tibúrcio, açulado pelo insulto, deu-lhe o primeiro bote. Fina fugiu com o corpo e o homem espapaçou³⁴⁹ o ventre pilharengo³⁵⁰ de encontro à parede. Fitou-a raivoso, a despedir pelos olhos áscuas³⁵¹ chamejantes.

Rufina, tremula e cor de cal, rosnou novamente:

— Esconjurado!

O fidalgo renovou o bote, inutilmente. E, firmando-se nas curtas e roliças pernas, saiu-lhe ao encalço fazendo prodígios de equilíbrio, pulando de uma tábua para outra, evitando com agilidade simiesca os intervalos perigosos. Ninguém o julgaria capaz de semelhante destreza. Quanto pode o amor!

Rufina encolhia-se espavorida, recuava, dava saltos, fugia-lhe das mãos como uma enguia escorregadiça.

O ânimo não fraquejava em D. Tibúrcio. Valoroso até ali! Resfolegante³⁵², congestionado³⁵³, com as cordoveias³⁵⁴ do pescoço intumescidas, a pulsarem como aneurismas, o suor a correr-lhe às bagadas pela cara abaixo, temulento de lasciva, não parava na corrida. E a presa sempre a se lhe escapar.

Em dado momento, porém, encantoou-a e prendeu-a rijamente entre as mãos em gancho. Fina debateu-se com fu-

349 Apalpou.

350 Descaído.

351 Brilhos.

352 Tomando o ar.

353 Congestionado.

354 As veias e tendões salientes.

ror, como uma pomba nas garras de um gavião. Mas não se extinguido dolorosamente entre as unhas assassinas, como sucederia à infeliz pombinha. A bravia menina espalmou a mão, com a violência que lhe dera o desespero, no gorduroso semblante do fidalgo e dele se desatou, atirando-o para longe de si.

D. Tibúrcio vacilou, perdeu o equilíbrio e metendo os pés no vão das tábuas mergulhou na massa líquida do mel. Veio à tona negro de “cabaú”, bufante, a soprar pelas tas, procurando agarrar-se às vigas que sustentavam o tabuado. Mas os braços não alcançavam. Rufina saudou a queda do seu inimigo com uma sonora gargalhada, que iluminou os anoitados ares.

Um santo ria em semelhante conjuntura. O cômico e o trágico andam na vida de braços dados.

D. Tibúrcio submergiu novamente. Reapareceu. Gritou. Debateu-se. O mel espesso e grosso semelhante um atasca-deiro³⁵⁵. Díficeis eram os movimentos que lhe minguavam as forças. Uma gravidade poderosa chamava-o para o fundo lodoso. Esbracejou. Tornou a ressurgir. Escabujou pela última vez e a caretear, arrancou da vida, de entranhas açucaradas, hidrópico de mel...

E o corpo ficou a boiar, medonhamente fúnebre, perecendo uma bola de sebo numa grande terrina de melado...

Fina, com um gozo venenoso no olhar, de feições compostas como se nada houvesse acontecido, abriu a porta, fechou-a pelo lado de fora, atirou a chave sobre o telhado e desapareceu pelo pasto, cantarolando uma cantiga chula...

355 Lamaçal.

Tiragem	250 exemplares
Formato	15x21cm
Tipografia	Cambria 15, 12pt
Papel	Pólen Soft 80g/m ² (miolo)
Capa	Supremo 250g/m ² (capa)